

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**O SUJEITO REFERENCIAL EM PEÇAS
PORTUGUESAS: UMA ANÁLISE DIACRÔNICA**

Gabriela Costa Mourão

Rio de Janeiro
Agosto de 2015

O SUJEITO REFERENCIAL EM PEÇAS PORTUGUESAS: UMA ANÁLISE DIACRÔNICA

Gabriela Costa Mourão

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Orientadora: Prof^ª. Doutor Maria Eugênia Lammoglia Duarte

Rio de Janeiro
Agosto de 2015

O sujeito referencial em peças portuguesas: uma análise diacrônica

Gabriela Costa Mourão

Orientadora: Professora Doutora Maria Eugenia Lammoglia Duarte

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas.

Examinada por:

Presidente, Profa. Doutora Maria Eugenia Lammoglia Duarte

Profa. Doutora Angela Marina Bravin dos Santos – UFRRJ

Prof. Doutor Humberto Soares da Silva – UFRJ

Profa. Doutora Juliana Esposito Marins – UFRJ, Suplente

Prof. Doutor Gilson Costa Freire – UFRRJ, Suplente

Rio de Janeiro
Agosto de 2015

Mourão, Gabriela Costa.

O sujeito referencial em peças portuguesas: uma análise diacrônica./ Gabriela Costa Mourão. – Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2015.

103f; il.; 30cm

Orientadora: Maria Eugênia Lammoglia Duarte

Dissertação (Mestrado) – UFRJ/Letras/Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2015.

Referências bibliográficas: f. 101-103

1. Parâmetro do Sujeito Nulo. 2. Português Europeu. 3. Estudo diacrônico. 4. Peças de teatro. 5. Sujeito referencial. I. Duarte, Maria Eugênia Lammoglia, II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. III. O sujeito referencial em peças portuguesas: uma análise diacrônica.

MOURÃO, Gabriela Costa. O sujeito referencial em peças portuguesas: uma análise diacrônica. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2015.

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho é analisar o comportamento do sujeito pronominal de referência definida nas três pessoas do discurso no Português Europeu (PE) numa perspectiva diacrônica e comparar os resultados com os obtidos por Duarte (1993) para o Português Brasileiro (PB). Para isso, foram utilizadas peças de teatro portuguesas distribuídas por sete períodos de tempo ao longo dos séculos XIX e XX. A hipótese que norteou este trabalho foi a de que, diferentemente do PB, o PE apresentaria regularidade na representação de seus sujeitos nas três pessoas gramaticais, com preferência pelos nulos, por se tratar de uma língua de sujeito nulo consistente (Roberts e Holmberg, 2010). A base teórica utilizada foi a associação do modelo de estudo da variação e mudança, proposto por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), com a teoria linguística de Princípios e Parâmetros de Chomsky (1981). Os resultados confirmam nossa hipótese de que o PE prefere representar seus sujeitos com o pronome nulo nas três pessoas gramaticais. A análise quantitativa aponta alguns contextos que favorecem um pronome expresso, entre os quais o papel do participante que assume a primeira pessoa no diálogo, o preenchimento de Spec de CP, a menor acessibilidade do antecedente do sujeito e os traços semânticos [+hum/+esp] do referente. Por fim, a comparação do comportamento da representação dos sujeitos do PE com os do PB ao longo do tempo permitiu confirmar que, no que diz respeito à representação do sujeito referencial, PE e PB são sistemas distintos.

Palavras-chave: Parâmetro do Sujeito Nulo, sujeito referencial, português europeu, estudo diacrônico, peças portuguesas.

MOURÃO, Gabriela Costa. O sujeito referencial em peças portuguesas: uma análise diacrônica. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2015.

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze the representation of referential pronominal subjects in the three persons of discourse in European Portuguese (EP) and to compare the results with those found by Duarte (1993) for Brazilian Portuguese (BP), based on theater plays written and distributed in seven periods of time along the 19th and the 20th centuries. The hypothesis which guided this research was that, unlike BP, EP, considered a consistent null subject language (Roberts e Holmberg, 2010), would prefer null subjects in the three persons of discourse in all periods, showing a regular behavior along time. The theoretical support for this research came from the Theory of Language Variation and Change, as proposed by Weinreich, Labov and Herzog (2006 [1968]), in association with the Principles and Parameters Theory, proposed by Chomsky (1981). The analysis confirms our hypothesis: EP prefers null subjects in all three grammatical persons and in all periods of time. We could also find contexts which favor overt subjects, among which the introduction of the speaker in the dialogue, the presence of an element in Spec of CP, the lower accessibility of the antecedent and the [+human/+specific] features of the referent. The comparison between EP and BP confirms that as far as the expression of pronominal subjects is concerned, EP and BP are different systems.

Key words: Null Subject Parameter, referential subject, European Portuguese, diachronic analysis, Portuguese plays.

AGRADECIMENTOS

Qualquer agradecimento que eu faça às pessoas que estão listadas abaixo nunca vai ser o suficiente, mas tentarei.

Primeiro, quero agradecer a Renata Sardenberg, minha mãe, e a Paulo Mourão, meu pai, pelo incentivo ao estudo desde sempre. Vocês não mediram esforços para que eu sempre estudasse em boas escolas e tivesse uma chance de estudar numa boa universidade. Desculpa, mãe, já que não fui a advogada que você gostaria. Desculpa, pai, já que também não fui a engenheira que você gostaria. Porém, tenho certeza de que os dois se orgulham muito de mim e espero ser capaz de continuar orgulhando vocês sempre. Obrigada por tudo!

Quero agradecer à minha orientadora, Maria Eugênia Lammoglia Duarte, que, desde a Iniciação Científica, na graduação, me apresentou ao mundo da pesquisa acadêmica e fez com que eu me apaixonasse por isso. Além disso, sou grata a ela por toda a paciência (e põe paciência nisso!) que teve comigo desde o início da IC em 2010 até esse final conturbado (e como!) do meu mestrado em 2015. Espero que ainda possamos estar juntas por mais tempo e, das próximas vezes, sem perrengues! Tenho muito orgulho de ter podido trabalhar com alguém tão incrível.

E se eu tive a oportunidade de ter a orientadora que tive, esta oportunidade me foi dada por uma pessoa que era só minha professora de Port 5 e 6 no começo, mas que acabou virando meu modelo de pessoa e profissional. À Juliana Esposito Marins, todo o meu carinho e agradecimento por ter me introduzido no mundo da sintaxe, por ter visto potencial em mim, por ter sempre acreditado em mim, pelas broncas esporádicas e pelo apoio de sempre. Juju, você é o máximo!

Ainda no meio acadêmico, um “muito obrigada” à professora Silvia Becher que, apesar de não ter pertencido à mesma área que eu decidi estudar, fez parte da minha formação de maneira inspiradora. Infelizmente, ela não está mais entre nós, mas tenho certeza de que, onde quer que esteja, ela vai estar torcendo por mim. Certamente, não fui uma de suas alunas mais brilhantes, mas a marca que ela deixou em todos os alunos que passaram por ela é inegável e eu não fui exceção. Obrigada por acreditar no potencial das pessoas quando elas mesmas não acreditavam. Obrigada por estar presente no começo da minha jornada dentro de uma sala de aula. Obrigada por ser tão inspiradora.

Durante a graduação, tive os melhores companheiros que poderia ter! À minha Pólis querida: Natália Hagge, minha primeira amiga na faculdade e companheira de

aventuras no 634; Natália Teixeira, que foi incluída na minha vida e passou a me incluir na dela também; Úrsula Antunes, a veterana de alemão mais parecida com aluna de japonês, mas que na verdade era de literaturas que eu conheço; Thiago Abreu, o responsável por nos retratar todo semestre; Renata Torres, que, com seu jeito único de ser, dividia os maiores perrengues de fim de período; Renan Wilbert, que não chegou ao fim conosco, mas que também não saiu da minha vida nunca, responsável pela trilha sonora e roteiro da nossa série de A a Z e entre isso também; Adhara Ferrari, que também não chegou ao fim, mas que tem o coração mais “da Letras” do que muitos outros que se formaram conosco; e Leandro "Buenos" Couto, que, se não tivesse ido falar comigo, eu nem reconheceria e, por isso, não teria a melhor companhia no trecho Fundão-Niterói. Muito obrigada a todos vocês pela companhia, por dividir o desespero de fim de período, por dividir os tempos livres no Carvalho, pelos papos, pelos tempos de aula de Vida Alheia 1, 2, 3, 4..., por tudo!

Quando decidi entrar em uma sala de aula e recorri ao CLAC, não sabia que encontraria tanto amor. Aos que não começaram a jornada acadêmica comigo, mas que apareceram no meio dela sem nem pedir licença e marcando território: Heloise Thompson, Gustavo Montes e Laura Pires, que, juntamente com Leandro Couto, foram, e ainda são, as pessoas mais essenciais na minha vida, as que aturaram meus piores momentos, mas que estavam sempre lá para segurar a barra. E se me aguentaram nos piores momentos, também são responsáveis por grande parte dos meus melhores. Obrigada por cada risada, cada piada interna, cada bom dia, pessoalmente ou pelo WhatsApp, cada encontro, cada amigo oculto... Seremos Pechos para a vida inteira!

A Rafael Mendes, que participou da maior parte da minha jornada, seja na graduação, seja no mestrado. Um grande incentivador, com quem tive a oportunidade de dividir 5 anos da minha vida: meu “muito obrigada” por segurar minha barra também muitas vezes.

À doce e desesperada Evelin Azambuja, que dividiu momentos de tensão comigo no estágio da licenciatura e no mestrado, que está sempre disposta a ajudar, mesmo que tenha que se desdobrar em 57 pessoas diferentes para dar conta de tudo: obrigada pela companhia!

À Maria Coelho, professora do CAP-UFRJ, que me orientou com muito carinho durante o estágio da licenciatura e que, sem saber, me inspirou a querer encarar uma sala de aula de Língua Portuguesa: minha admiração é enorme, tanto quanto o carinho. Aprendi muito durante aquele ano.

À minha mais recente aquisição, Vivian Alonso, que doou seu ombro e ouvidos para que eu pudesse desabafar, mesmo que brevemente, que me incentivou e incentiva a fazer as maiores loucuras na vida, que entende meus sentimentos tão bem que eu, muitas vezes, nem preciso explicar: obrigada por sempre ter aquela palavra certa na hora certa.

À melhor amiga que alguém pode desejar, que me conhece desde sempre, e, muitas vezes, melhor do que eu mesma me conheço, Érica Bastos: nada que eu escreva aqui vai representar a amizade que nós temos... Então, agradeço por ter sua companhia em mais uma etapa da minha vida. E que venham muitas outras!

Por fim, àquele que esteve comigo, de corpo presente ou em pensamento, na parte mais difícil de toda a minha jornada até aqui, que é quem me incentiva dia após dia, que me fez levantar a cabeça, que sacudiu meu mundo, por quem eu tenho imensa admiração pelo modo como lida com os obstáculos da vida, que parece “casca grossa”, mas é a pessoa mais incrivelmente doce do mundo por dentro, que me ajudou e ajuda mais do que ele jamais vai entender: a você, Rogério Grilo, o meu imenso muito obrigada.

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

Ø – posição vazia

1pp – primeira pessoa do plural

1ps – primeira pessoa do singular

2pp – segunda pessoa do plural

2ps – segunda pessoa do singular

3pp – terceira pessoa do plural

3ps – terceira pessoa do singular

CP – sintagma complementizador (do inglês Complementizer Phrase)

DE – Deslocamento a Esquerda

DP – sintagma determinante (do inglês Determiner Phrase)

IP – sintagma flexional (do inglês Inflectional Phrase)

PB – português brasileiro

PE – português europeu

Spec de CP – especificador do sintagma complementizador (do inglês Specifier)

SV – sujeito-verbo

VS – verbo-sujeito

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1 – PONTOS DE PARTIDA.....	17
1.1. O Português Brasileiro (PB).....	17
1.1.1. O trabalho diacrônico de Duarte (1993) sobre o PB em peças de teatro.....	17
1.1.2. Refinando a análise da terceira pessoa – Duarte, Mourão e Santos (2012).....	20
1.1.3. A análise sincrônica de Duarte (1995) na fala espontânea.....	28
1.1.4. Outros trabalhos sobre a fala espontânea no PB.....	34
1.2. O Português Europeu (PE).....	37
1.2.1 A análise sincrônica de Duarte (1995; e não publicado) para o PE oral.....	37
1.3. Comparando fala e escrita.....	42
CAPÍTULO 2 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS, OBJETIVOS E HIPÓTESES....	48
2.1. O modelo de estudo da mudança adotado: a Sociolinguística Variacionista.....	48
2.2. A teoria linguística: o modelo de Princípios e Parâmetros.....	49
2.2.1. “Parâmetros” do sujeito nulo – a evolução desde a sua formulação.....	49
2.2.2 O sujeito nulo no PE.....	51
2.3. Refinando objetivos e hipóteses de trabalho.....	53
2.3.1. Objetivos.....	53
2.3.2. Hipóteses de trabalho.....	53
CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	55
3.1. A amostra com peças de teatro.....	55
3.2. Os grupos de fatores.....	57
3.2.1. A variável dependente.....	57
3.2.2. As variáveis independentes.....	58
CAPÍTULO 4 – A ANÁLISE.....	69
4.1. Resultados gerais.....	69
4.2. A primeira pessoa.....	71
4.3. A segunda pessoa.....	73

4.4. A terceira pessoa.....	77
4.5. A análise de regra variável.....	79
4.6. Refinando a análise.....	83
4.7. Comparando PE e PB.....	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS.....	101

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Sujeitos pronominais nulos por pessoa em sete períodos.....	19
Gráfico 2: Sujeitos de 3a. pessoa nulos (vs expressos) segundo o padrão sentencial ao longo de sete períodos (%).....	26
Gráfico 3: Sujeitos nulos (vs expressos) segundo o traço do referente (%).....	27
Gráfico 4: Ocorrência de sujeito nulo na fala espontânea segundo a pessoa gramatical e a faixa etária (%).....	31
Gráfico 5: Distribuição geral dos sujeitos nulos (vs. plenos) ao longo do tempo no PE e PB.....	69
Gráfico 6: Sujeitos nulos (vs. plenos) ao longo do tempo no PE.....	78
Gráfico 7: Sujeitos nulos (vs. plenos) de primeira pessoa no PE e PB ao longo do tempo.....	94
Gráfico 8: Sujeitos nulos (vs. plenos) de segunda pessoa direta no PE e PB ao longo do tempo.....	95
Gráfico 9: Sujeitos nulos (vs. plenos) de segunda pessoa indireta no PE e PB ao longo do tempo.....	96
Gráfico 10: Sujeitos nulos (vs. plenos) de terceira pessoa no PE e PB ao longo do tempo.....	97

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Grupos selecionados como significativos para a realização do sujeito pronominal de terceira pessoa (adap. de Duarte, Mourão e Santos, 2012, Tabela 1, p. 30, 31).....	24
Tabela 2: Ocorrência de sujeito nulo de primeira pessoa (adap. de Duarte, 1995, Tabela 3.2, p. 52).....	29
Tabela 3: Ocorrência de sujeito nulo de segunda pessoa (adap. de Duarte, 1995, Tabela 3.1, p. 50, 51).....	30
Tabela 4: Ocorrência de sujeito nulo de terceira pessoa (adap. de Duarte, 1995, Tabela 3.3, p. 54).....	30
Tabela 5: Sujeito nulo em orações subordinadas com correferência (adap. de Duarte, 1995, Tabela 3.5, p. 64).....	32
Tabela 6: Fatores selecionados como significantes para a realização do sujeito nulo em cada pessoa do discurso (adaptado de Duarte, 1995, Tabela 3.9, p. 81).....	33
Tabela 7: Sujeitos nulos vs Faixa Etária (adap. de Duarte, ms, tabela 7).....	42
Tabela 8: Sujeitos nulos vs Escolaridade (adap. de Duarte, ms, tabela 8).....	42
Tabela 9: Sujeitos nulos de terceira pessoa na língua oral (adap. de Duarte 2007, tabela 1, p. 3).....	43
Tabela 10: Sujeitos nulos de terceira pessoa na escrita – PE e PB e os padrões sentenciais (adap. de Duarte 2007, tabela 7, p. 10).....	44
Tabela 11: Sujeitos nulos de terceira pessoa na escrita – PE e PB – Verbo ser vs outros verbos (adap. de Duarte 2007, tabela 8, p. 12).....	45

Tabela 12: Peças de teatro e autores distribuídos ao longo dos períodos de tempo.....	55
Tabela 13: Ocorrências de sujeitos pronominais preenchidos na ordem VS (versus SV) ao longo do tempo.....	70
Tabela 14: Ocorrência de sujeitos nulos (vs. plenos) de primeira pessoa por período de tempo.....	71
Tabela 15: Ocorrência de sujeitos nulos (vs. plenos) de segunda pessoa por período de tempo.....	74
Tabela 16: Ocorrência de sujeitos nulos (vs. plenos) de formas de tratamento por período de tempo.....	76
Tabela 17: Ocorrência de sujeitos nulos (vs. plenos) de terceira pessoa por período de tempo.....	77
Tabela 18: Fatores selecionados como significantes para a ocorrência do sujeito nulo.....	79
Tabela 19: Sujeito nulo (vs. pleno) e a estrutura de CP ao longo do tempo.....	83
Tabela 20: Sujeitos nulos de 1 ^a . pessoa (vs plenos) e o papel do falante ao longo do tempo.....	85
Tabela 21: Sujeitos nulos (vs. expressos) e os padrões estruturais ao longo do tempo.....	87
Tabela 22: Sujeitos nulos (vs. plenos) e os feixes de traços semânticos ao longo do tempo.....	89
Tabela 23: Sujeito nulo (vs. plenos) e a presença de elementos entre ou CP e IP ao longo do tempo.....	92

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a realização do sujeito pronominal de referência definida no português europeu com base em uma amostra de peças de teatro escritas ao longo dos séculos XIX e XX e proceder a uma comparação com os resultados obtidos por Duarte (1993) para o português brasileiro, posteriormente refinados em Duarte, Mourão e Santos (2012). O trabalho de Duarte (1993) revelou um sistema em claro processo de mudança em direção ao preenchimento dos sujeitos de referência definida, apontando que o curso da mudança era diferente segundo a pessoa do discurso. A autora relaciona a mudança com alterações no sistema pronominal do PB, que conduziu a mudanças no paradigma flexional verbal.

Com base nesses resultados e em diversos outros estudos, a hipótese principal que orienta este trabalho é a de que, ao contrário do PB, que evoluiu de língua de sujeito nulo consistente para língua de sujeito nulo parcial, o PE, língua de sujeito nulo consistente, apresentaria regularidade na representação do sujeito nas três pessoas do discurso ao longo do tempo, sempre preferindo o nulo.

A dissertação está organizada da seguinte maneira: no primeiro capítulo, são apresentados os pontos de partida para este trabalho, que são os trabalhos para o PB e PE que motivaram o estudo aqui apresentado. A partir do trabalho de Duarte (1993), outros estudos sobre a representação do sujeito foram realizados, detalhando cada vez mais esse processo de mudança pelo qual vinha passando o PB. Por exemplo, os trabalhos em tempo real de curta duração de Duarte (2003) e de Bravin dos Santos (2006) para a fala espontânea do PB. Ambos concluíram que o processo de mudança ainda não estaria completo nesta variedade e que esta apresentaria ainda características de conservadoras de línguas de sujeito nulo, mas também inovações características de línguas de sujeito preenchido. Em um artigo não publicado, Duarte realizou uma pesquisa sincrônica utilizando amostras de fala espontânea para o PE e mostrou que esta variedade de fato tem preferência por sujeitos nulos, ao contrário do que ocorre com o PB. Por fim, o trabalho comparativo entre fala e escrita de Duarte (2007) mostrou que o processo de mudança já começa a se implementar na escrita em certos contextos estruturais no PB. Já no PE, a preferência por sujeitos plenos ou nulos parece ser influenciada por contextos discursivos, isto é, dependendo do gênero textual.

No segundo capítulo, os pressupostos teóricos são detalhados – a associação entre o modelo da Teoria da Variação e Mudança Linguística de Weinreich, Labov e Herzog

(2006 [1968]) e a Teoria de Princípios e Parâmetros de Chomsky (1981). São ainda refinados os objetivos e as hipóteses que norteiam este trabalho. No terceiro capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos, com a descrição da amostra utilizada, o detalhamento dos grupos de fatores levantados a partir dos estudos mencionados e o programa estatístico utilizado no processamento dos dados. O quarto capítulo apresenta a análise dos resultados e uma comparação minuciosa entre nossos resultados para o PE e os obtidos para o PB. Por fim, a última seção desta Dissertação apresenta as considerações finais a que os resultados permitiram chegar.

CAPÍTULO 1 – PONTOS DE PARTIDA

1.1 O português brasileiro (PB)

Esta seção do presente trabalho visa mostrar os trabalhos anteriores que serviram como motivação e base para esta pesquisa. Como um dos objetivos é, ao final da análise, contrastar os resultados obtidos para o PE com os que já existem para o PB, os resultados de pesquisas anteriores apresentados nos próximos itens serão usados para a comparação.

1.1.1 O trabalho diacrônico de Duarte (1993) sobre o PB em peças de teatro

A tese de Tarallo (1983), cujo objetivo central era a análise de estruturas relativas na fala paulistana, oferece ainda uma análise diacrônica com base em *corpus* de cartas, no qual o autor constatou a assimetria entre sujeitos expressos e objetos nulos no PB. Essa assimetria motivou Duarte (1993) a investigar a representação dos sujeitos referenciais definidos em peças de teatro brasileiras, escritas ao longo dos séculos XIX e XX, distribuindo-as em sete períodos de tempo. As peças utilizadas na montagem do *corpus* têm em comum o fato de terem sido escritas e ambientadas no Rio de Janeiro, o que faria com que a linguagem nelas utilizada representasse uma norma urbana razoavelmente próxima da época em que foram escritas. Todas têm em comum também o fato de serem textos leves, a maioria comédias, o que reforça a hipótese de que, apesar de serem textos escritos, eles tendem a se aproximar da fala de cada um dos períodos de sua produção. Ainda na introdução de seu trabalho, Duarte observa que, embora utilize apenas um autor por período, trata-se de autores muito populares e produtivos em seu tempo, o que pode ajudar a trazer resultados confiáveis. A comparação feita posteriormente entre os resultados obtidos para a peça da última sincronia escrita em 1992 com os dados de fala carioca gravados no mesmo ano viria a confirmar a grande semelhança entre a escrita das peças com a fala espontânea (Duarte, 1995).

O objetivo principal da autora no trabalho em questão era atestar a relação entre a alteração do quadro pronominal do PB e a conseqüente redução do paradigma flexional verbal com o desencadeamento da mudança em direção ao preenchimento do sujeito, já percebida em dois estudos funcionalistas: o de Lira (1982), para a fala, e o de Paredes Silva (1988), para a escrita de cartas pessoais. Nos termos de Roberts (1993), um paradigma funcionalmente rico licenciaria o sujeito nulo, ou seja, uma língua seria

passível de apresentar sujeitos nulos se tivesse apenas um sincretismo e uma desinência zero em seu paradigma verbal. Duarte associou a Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov & Herzog, 1986 [2006]) à teoria linguística de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981).

Foi com base nessa teoria gramatical que a autora levantou a hipótese de que o PB estaria se tornando uma língua [-sujeito nulo]. Sua análise levou em conta apenas os sujeitos pronominais de referência definida e excluiu sentenças coordenadas, a partir da segunda oração, com sujeitos correferentes, pois um sujeito nulo em tais contextos parece ser uma propriedade das línguas em geral e não apenas das línguas de sujeitos nulos. Casos de ênfase e de contraste nos dados também foram excluídos da análise da autora, já que, nesses contextos, o sujeito nulo não é uma opção.

Seis fatores morfossintáticos foram analisados em relação à variável sociolinguística em análise: a forma do sujeito – nula ou expressa (Duarte, 1993, p. 111):

- 1) O traço sintático de número e pessoa em relação ao traço semântico designado (pessoa do discurso);
- 2) O tempo e a forma verbal (simples ou composta);
- 3) A presença de elementos antes do sujeito ou entre o sujeito e o verbo;
- 4) O tipo sintático da oração;
- 5) A existência de correferência entre o sujeito da principal e o da subordinada;
- 6) A função do referente do sujeito, no caso da 3ª pessoa.

O primeiro gráfico apresentado pela autora, que foi adaptado e reproduzido abaixo, mostra o total de sujeitos nulos (versus os plenos), segundo a pessoa gramatical, em cada período de tempo:

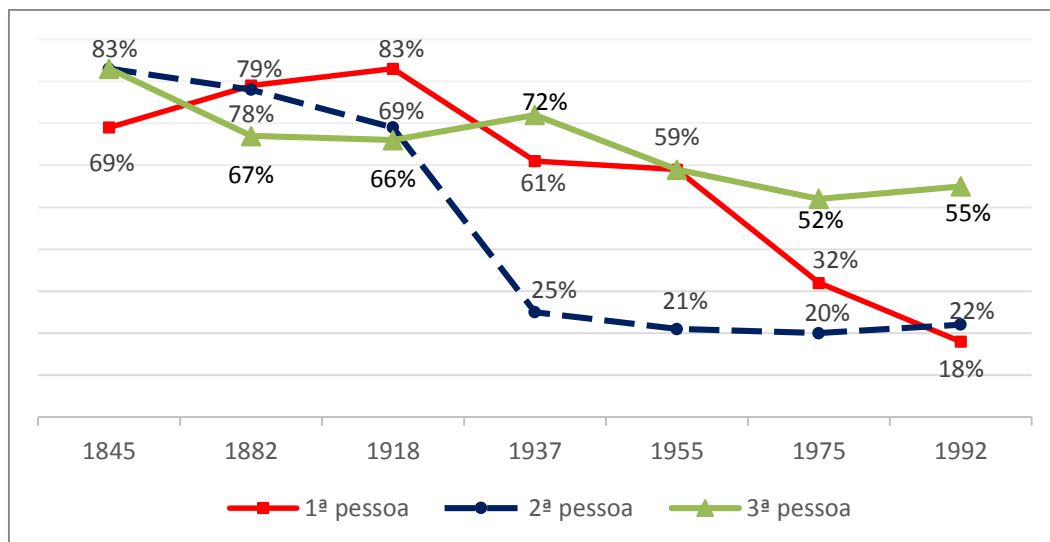


Gráfico 1. Sujeitos pronominais nulos por pessoa em sete períodos(adaptado de Duarte, 1993:112)

Analisando as três primeiras sincronias do gráfico acima, é possível observar que há preferência pelo sujeito nulo nas três pessoas gramaticais. A partir de 1937, observa-se uma queda nos percentuais de sujeitos nulos, principalmente na primeira e segunda pessoas, evidenciando um processo de mudança em direção ao preenchimento. Já nas duas últimas sincronias, nota-se que os percentuais de sujeitos nulos são os mais baixos, mostrando que o PB passa a preferir sujeitos expressos.

Um aspecto a ser observado é o fato de que há dois momentos de transição. O primeiro momento em que se percebe uma mudança significativa é a partir da terceira sincronia. Segundo a autora, até este momento, estava em vigor o paradigma verbal 1, com 6 formas distintas do verbo, o que licenciaria o sujeito nulo, pois este seria facilmente identificável através das desinências verbais; pode-se pensar que o que vemos é a gramática do PE.

A partir da terceira sincronia, por volta dos anos 20 do século XX, estaria em vigor o paradigma 2. Este paradigma contaria com apenas 4 formas distintas, pois estaria entrando no sistema pronominal a forma “você”, uma gramaticalização da forma de tratamento “Vossa Mercê”. Nas peças analisadas entre os anos 1930 e 1975, o pronome “tu” deixa de ser usado, o que não significa seu desaparecimento da fala carioca. Os autores usados para os anos de 1937, 1955 e 1975, muito populares e produtivos, não usam “tu” para referência à segunda pessoa; outros autores, que mantiveram as duas formas, “tu” e “você”, já revelam grande mistura nas formas de tratamento, que começam a se neutralizar, o que se observa não só na utilização de um e outro pronome para o

mesmo interlocutor, mas também na combinação destes com pronomes átonos, tônicos e possessivos do paradigma da segunda e da terceira pessoas (Lopes e Cavalcante, 2011). Já em relação ao plural, à medida que a forma “vocês” foi sendo inserida no sistema, o pronome de segunda pessoa “vós” foi desaparecendo.

O segundo momento de transição se dá a partir do ano de 1975, com a atuação do paradigma 3. Esse paradigma apresenta quatro ou três formas distintas por conta da inserção de “a gente” no quadro pronominal, que entrou em forte competição com a forma pronominal de primeira pessoa do plural “nós” (Lopes, 2003). O paradigma 3 é o que está em vigor até a última sincronia da análise em questão, na qual a forma “nós” estaria cada vez mais restrita a certos contextos, havendo preferência pela forma “a gente”. Quando o pronome “tu” reaparece na peça representativa da última sincronia, já está em perfeita variação com “você”, deixando de exibir a flexão canônica (<-s>).

Em relação ao curso da mudança em direção ao sujeito expresso, Duarte apontou um comportamento diferente da terceira pessoa do discurso, se comparada à primeira e à segunda. Seus resultados exibidos no Gráfico 1 mostram que a primeira e a segunda pessoas apresentaram curvas mais acentuadas na perda do sujeito nulo, ao passo que a curva da terceira pessoa era menos acentuada, mostrando uma resistência maior desta em relação ao preenchimento do sujeito. Esse comportamento diferente foi o que motivou o trabalho de Duarte, Mourão e Santos (2012), no qual os autores fazem um refinamento da análise da terceira pessoa presente no trabalho de Duarte (1993). Os resultados encontrados para este trabalho serão apresentados na seção a seguir.

1.1.2. Refinando a análise da terceira pessoa – Duarte, Mourão e Santos (2012)

Para refinar a análise para a terceira pessoa de Duarte (1993), foi necessário aumentar a amostra utilizada no trabalho anterior, pois os dados eram bem menos frequentes se comparados aos de primeira e segunda. Foram analisadas mais peças de teatro brasileiras por período, mantendo o mesmo caráter popular das que compunham a amostra original e a mesma distribuição em sete períodos de tempo. Por conta disso, em vez de se utilizar o ano das peças, como fez Duarte (1993), optou-se por utilizar a nomenclatura de períodos (de I a VII), já que havia mais de uma peça em cada período de tempo e nem sempre escritas no mesmo ano. Assim, o período I corresponde à primeira metade do século XIX (entre 1833 e 1847); o período II, à segunda metade do mesmo

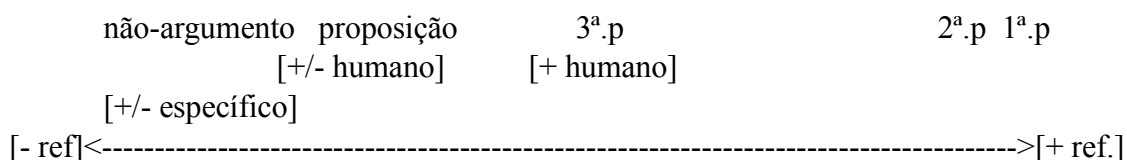
século (entre 1860 e 1889); o período III corresponde aos anos de 1910; o período IV, aos anos de 1930; o período V corresponde aos anos de 1950; o período VI, aos anos de 1970 e, por fim, o período VII, aos anos de 1990.

Além de aumentar o número de dados, os autores abordaram a análise da terceira pessoa sob dois aspectos principais: o primeiro, de natureza semântica, levou em conta a atuação da hierarquia referencial, proposta em Cyrino, Duarte e Kato (2000), que estaria atuando no preenchimento do sujeito e na mudança em direção ao objeto nulo; o segundo, de natureza estrutural, refinou o tratamento da acessibilidade do antecedente do sujeito de terceira pessoa em análise, propondo quatro padrões estruturais, segundo proposta de Barbosa, Duarte e Kato (2005). Vejamos a seguir esses dois aspectos em detalhe.

- **A hierarquia referencial – o aspecto semântico**

A proposta da hierarquia referencial de Cyrino, Duarte e Kato (2000) leva em conta os resultados de Duarte (1993) e Cyrino (1993), que apontavam o aumento de sujeitos expressos e de objetos nulos, respectivamente, e mostra que a referencialidade é muito importante em processos de mudança que envolvem a pronominalização. A hierarquia está representada abaixo:

Hierarquia Referencial (Cyrino, Duarte e Kato, 2000)



Como se pode observar, a primeira e a segunda pessoas se encontram no ponto mais alto da hierarquia (à direita do contínuo), apresentando o traço semântico inerentemente [+humano]. Na terceira pessoa, diferentemente, interagem os traços [+/- humano] com os traços [+/-específico]. Num ponto mais abaixo, encontra-se uma proposição, que pode ser uma estrutura oracional ou uma porção maior do discurso e, por fim, ocupando o extremo oposto da hierarquia, encontram-se os não argumentos, que correspondem aos expletivos, apresentando o traço [-referencial].

Pelo que se pode observar pelos trabalhos realizados até então sobre a mudança na representação dos sujeitos, foi possível confirmar que o processo de mudança no preenchimento do sujeito começou a ser implementado a partir dos itens com o traço [+

referencial], isto é, a partir da primeira e segunda pessoas, que possuem inerentemente o traço semântico [+humano]. No caso do acusativo anafórico, Cyrino mostra percurso oposto, como esperado: o objeto nulo começa a se implementar pelo proposicional (o objeto neutro) e prossegue pelos referentes com o traço [-humano/-específico], atingindo mais lentamente os referentes com o traço [+humano], um contexto de resistência do objeto pleno.

Estava aí uma possível razão de a curva de terceira pessoa exibida no gráfico de Duarte (1993) mostrar um percurso mais lento, já que reunia combinações de feixes de traços distintos. Os exemplos abaixo ilustram as combinações possíveis desses traços na terceira pessoa e foram retirados de Duarte, Mourão e Santos (2012, p. 29/30). Os exemplos em (a) mostram sujeitos nulos e em (b), sujeitos plenos:

- (1) [+humano/+específico]
 a. Limoeiro: [**O tenente-coronel**]_i ainda não veio?
 Perpétua: Ø_i Está lá dentro.
 (Como se fazia um deputado, França Júnior, 1882)
 b. Maria Lúcia: [**Laurinha**]_i me ligou ontem, de Berlim. **Ela**_i está contente com a bolsa de estudo, e o dinheiro do apartamento ajudou muito.
 (A partilha, Miguel Falabella, 1990)
- (2) [+humano/-específico]
 a. Vadeco: [**Um homem sensato**]_i contenta-se com o que a vida lhe reserva. Se lhe falta o pão, a saúde, a moradia, Ø_i sofre, mas não se revolta. Ø_i Toma a responsabilidade sobre si mesmo.
 (A vida tem três andares, Humberto Cunha, 1938)
 b. Dona Irene: Não é culpa dele, Holly. Está provado que, se [**a criança**]_i não recebe uma alimentação eficaz, **ela**_i fica em desvantagem para o resto da vida.
 (No coração do Brasil, Miguel Falabella, 1992)
- (3) [-humano/+específico]
 a. Ambrósio: Juquinha, gostas d[**esta roupa**]_i?
 Juca: Não, Ø_i não me deixa correr, é preciso levantar assim...
 (O noviço, Martins Pena, 1845)
 b. Ladrão: Aliás, eu não assaltei [**a casa do lado**]_i porque **ela**_i está na jurisdição do 14º Distrito.
 (Do tamanho de um defunto, Millôr Fernandes, 1955)
- (4) [-humano/-específico]
 a. Padre Mestre: [**Incômodos**]_i? Para eles nascemos nós... Ø_i passam despercebidos, e demais Ø_i ficam de muros para dentro.
 (O noviço, Martins Pena, 1845)

b.Cláudio: Vivemos numa constante espera de **[felicidade]**_i e quando **ela**_i chega não a enxergamos!...

(A vida tem três andares, Humberto Cunha, 1938)

- **O padrão sentencial – o aspecto estrutural**

A proposta de diferentes padrões sentenciais segue Barbosa, Duarte e Kato (2005) e leva em conta a acessibilidade sintática do antecedente do sujeito em análise, ou seja, sua função sintática e sua ocorrência dentro do mesmo período ou em períodos adjacentes. Foram propostos quatro padrões. Os exemplos abaixo, também retirados de Duarte, Mourão e Santos (2012, p. 27/28), ilustram cada um dos padrões:

(5) Padrão 1 – o antecedente está no mesmo período e tem a mesma função sintática do item em análise.

a.Diz **[d. Zélia]**_i que, depois de sua série de banhos de mar em Copacanaba, talvez \emptyset _i volte novamente para aqui.

(O hóspede do quarto nº 2, Armando Gonzaga, 1937)

b.Dolores: Agora **ele**_i não vai mais poder dizer as coisas que **ele**_i queria dizer.

(No coração do Brasil, Miguel Falabella, 1992)

(6) Padrão 2 – o antecedente está no período adjacente e na mesma função sintática de sujeito ou é um tópico estrutural ou discursivo.

a.Holly: O que é que **[o nosso anjo]**_i tem hoje?

Margareth: \emptyset _i Tá com essa cara desde que chegou do ginásio. \emptyset _i Nem foi em casa almoçar.

D. Irene: Com certeza \emptyset _i vai ficar novamente em segunda época. Desde que \emptyset _i chegou que não para de olhar para a caderneta.

(No coração do Brasil, Miguel Falabella, 1992)

b.Yvone: E **[Yara]**_i?

Cláudio: \emptyset _i Ainda não veio. Ultimamente \emptyset _i está saindo tarde do escritório da fábrica.

(A vida tem três andares, Humberto Cunha, 1938)

(7) Padrão 3 – o antecedente tem a mesma função sintática, porém em uma oração não adjacente, ou seja, há elementos intervenientes, que podem ou não comprometer a identificação de um sujeito nulo.

a.Florência: Oh, mas que culpa tem ela? Mais tenho eu, já que fui tão tola, que casei-me sem indagar quem **[ele]**_i era. Queira Deus que este exemplo aproveite a muitas incautas! Patife, agora \emptyset _i anda escondido... Ai, estou cansada... Mas \emptyset _i não escapará da cadeia... seis anos de cadeia...

(O noviço, Martins Pena, 1845)

b.Alice: Aquele entusiasmo, aquele ardor dos primeiros tempos do casamento vai se apagando e hoje [**seu marido**]_i lhe procura o que? Duas vezes em dez dias?

Cristina: Não.

Alice: Então você está melhor do que eu pensava.

Cristina: Nem tanto.**Ele**_i me procura uma vez em cada dez dias.

(A mulher integral, Carlos Eduardo Novaes, 1975)

(8) Padrão 4 – o antecedente está no contexto precedente (mesmo período ou período adjacente), mas em função sintática diferente.

a.Florência: Espere, vizinho, deixe-me sair primeiro. Se **o**_i encontrarem, deem-**lhe**_i uma boa arrojada e levem-**[no]**_i preso. **Ø**_i Há de me pagar! Vamos menina.

(O noviço, Martins Pena, 1845)

b.Armando: Quero parar com [**essas aventuras**]_i. **Elas**_i não me levam a nada.

(A mulher integral, Carlos Eduardo Novaes, 1875)

c.Regina: A gente toca [**o barco**]_i antes que **ele**_i afunde.

(A partilha, Miguel Falabella, 1990)

O objetivo geral do trabalho de Duarte, Mourão e Santos (2012), como dito acima, foi analisar a representação dos sujeitos pronominais de terceira pessoa ao longo do tempo a fim de confirmar a atuação da combinação de traços e o efeito dos traços [+/-humano] na realização do sujeito pronominal de terceira pessoa. Os grupos selecionados como relevantes para a realização do sujeito preenchido foram o padrão sentencial, os feixes de traços semânticos e o período de tempo. Como nosso interesse neste trabalho é comparar a ocorrência do sujeito nulo no PB e no PE, vamos adaptar a tabela de Duarte, Mourão e Santos, apresentando os resultados para o sujeito nulo.

Tabela 1. Grupos selecionados como significativos para a representação do sujeito pronominal de terceira pessoa (adap. de Duarte, Mourão e Santos, 2012, Tabela 1, p. 30,31)

Padrão sentencial	Ocorrências	PR
Padrão 1	86/97 (89%)	0,87
Padrão 2	455/601 (76%)	0,65
Padrão 3	77/208 (37%)	0,22
Padrão 4	111/241 (46%)	0,23

Traço semântico		
[-h/-esp]	46/48 (96%)	0,93
[-h/+esp]	134/152 (88%)	0,84
[+h/-esp]	44/57 (77%)	0,64
[+h/+esp]	505/890 (57%)	0,39

Observando-se os resultados de pesos relativos obtidos para os padrões sentenciais, foi possível observar que o padrão 1, que obteve peso relativo 0,87, foi o contexto que apresentou maior resistência dos sujeitos nulos, seguido a uma distância significativa (0,22) do padrão 2, ainda relevante para o apagamento, com 0,65. Enquanto isso, os padrões 3 e 4 se mostram no extremo oposto, como fatores que desfavorecem o sujeito nulo. Observe-se que os percentuais já ficam abaixo de 50% já que, num processo de mudança, os padrões de menor acessibilidade cedem mais prontamente do que aqueles em que o antecedente é sintaticamente mais acessível.

O grupo com as combinações de traços semânticos foi outro a ser selecionado. Através dos resultados, pode-se perceber que o traço [-humano] é um forte condicionador do sujeito nulo, independentemente da combinação com o traço [+/-esp], com 0,93 e 0,84, respectivamente. A uma distância razoável, a combinação [+h/-esp] alcançou peso relativo de 0,64, mostrando que o efeito do traço [-esp] é atuante na ocorrência do sujeito nulo. Finalmente, a combinação [+h/+esp], com 0,39, se revela como o contexto mais permeável à implementação do pronome expresso.

O programa estatístico também selecionou o fator período de tempo como relevante, o que permitiu aos autores confirmar, através de pesos relativos, o que os percentuais de Duarte (1993) já refletiam: o período I foi o que se mostrou mais resistente ao preenchimento do sujeito de terceira pessoa, apresentando peso relativo de 0,75 em favor do sujeito nulo. Os períodos II, III e IV vêm logo em seguida, com pesos muito próximos (0,61, 0,54 e 0,61, respectivamente), pesos ainda relevantes no favorecimento ao sujeito nulo. Contudo, é a partir da segundametade do século XX, no período V, que a mudança no sentido da realização do sujeito pronominal fica mais proeminente: os períodos V, VI e VII mostram uma mudança gradual em direção ao preenchimento dos sujeitos, apresentando, respectivamente, pesos de 0,47, 0,33 e 0,23. Pode-se notar que a diferença entre os pesos relativos destes três últimos períodos é igual ou maior que 0,10, o que torna a diferença significativa.

A proposta da pesquisa era analisar a mudança na representação do sujeito de terceira pessoa através do tempo. Por isso, após essa rodada geral, que incluiu o período de tempo, e comprovada sua relevância, foram feitos cruzamentos dos grupos considerados importantes pelo programa estatístico com esse grupo. O primeiro cruzamento realizado foi com os padrões sentenciais. O gráfico abaixo, adaptado de Duarte, Mourão e Santos (2012, p. 33), mostra a distribuição dos sujeitos dos diferentes padrões sentenciais ao longo do tempo:

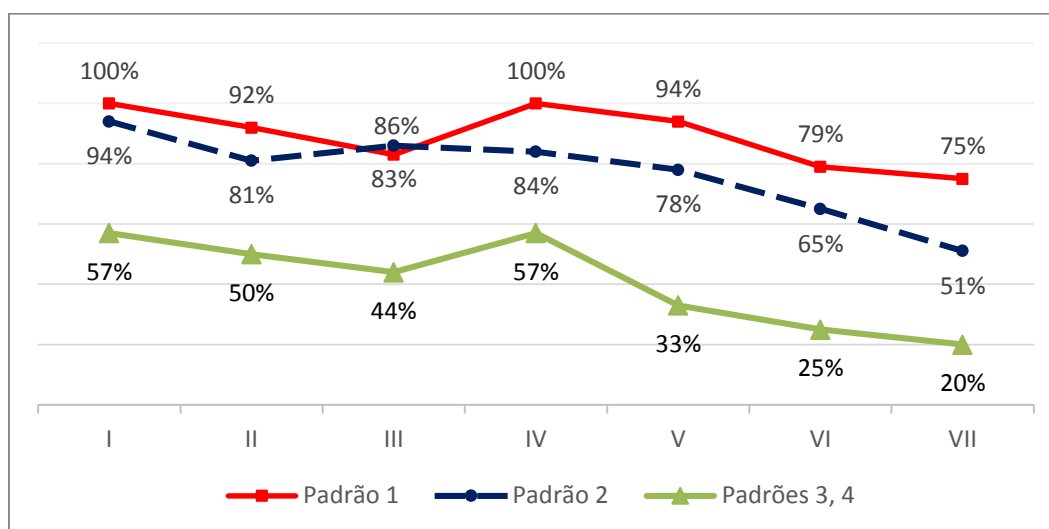


Gráfico 2. Sujeitos de 3a. pessoa nulos (vs expressos) segundo o padrão sentencial ao longo de sete períodos (%)(adaptado de Duarte, Mourão e Santos, 2012:33)

Observa-se que as curvas de todos os padrões estão em declínio. Contudo, os padrões 3 e 4 (representados juntos, devido à proximidade dos pesos relativos) são os grandes desfavorecedores dos sujeitos nulos, pois a acessibilidade do antecedente do sujeito é mais difícil. Já na primeira sincronia, esses padrões apresentavam, juntos, 57% de sujeitos nulos, caindo para 20% na última sincronia. Já os padrões 1 e 2 se apresentaram como contextos de resistência do sujeito nulo. O padrão 2 vai de 94% na primeira sincronia para 51% na última. Do mesmo modo, o padrão 1, que possuía índice de 100% de sujeitos nulos na primeira sincronia, alcança 75% na última sincronia, declínio que é notadamente menor que o dos outros padrões.

O outro grupo cruzado com o período de tempo foi o dos traços semânticos. Como dito anteriormente, através da análise do peso relativo feita pelos autores, o traço [+hum/+esp] é o que favorece os sujeitos expressos. No gráfico a seguir, também adaptado do mesmo trabalho de Duarte, Mourão e Santos (2012, p. 39), estão

representadas apenas as combinações [+h/+esp] e [-h/+esp], as mais frequentes na amostra. As combinações com o traço [-específico] não foram incluídas no gráfico, pois revelaram baixo número de ocorrências, o que poderia dar uma ideia equivocada (no artigo, entretanto, uma tabela exibe todos os percentuais de ocorrência). Porém, sua atuação na combinação com os traços [+/-humano] pode ser constatada na análise dos pesos relativos mencionada anteriormente.

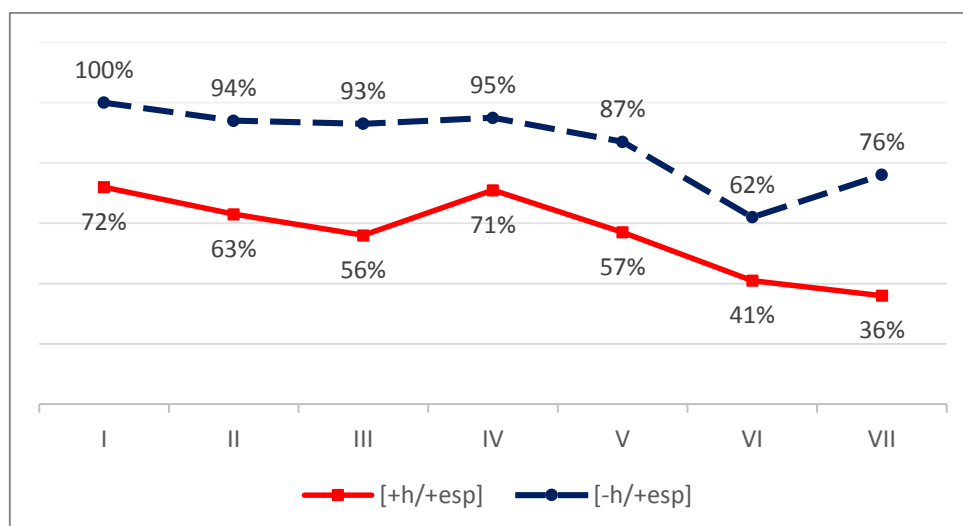


Gráfico 3. Sujeitos nulos (vs expressos) segundo o traço do referente (%)(adaptado de Duarte, Mourão e Santos, 2012:39)

A combinação do traços [+h/+esp] apresenta índice de 72% de sujeitos nulos na primeira sincronia das peças, descendo para 36% na última sincronia. Já a interação entre os traços [-h/+esp] revela uso categórico do sujeito nulo no período I e começa a cair muito lentamente nos quatro períodos seguintes, chegando a 62% e 76% nas duas últimas sincronias. Pode-se observar que a curva de ambos é descendente, porém os percentuais da combinação [+h/+esp] são sempre mais baixos para sujeitos nulos, caracterizando o contexto favorecedor da mudança.

Os autores ainda fazem uma observação quanto aos dados do período IV, que corresponde aos anos de 1930: ao observar os dois gráficos, tanto o que trata dos padrões sentenciais quanto o que exibe o efeito do traço semântico, é possível notar uma reversão no processo de mudança neste período. Os autores especulam que o aumento de sujeitos nulos pode ser uma consequência da pressão normativa em direção às normas lusitanas, no fim do século XIX, que se intensificou ao longo do século XX (Pagotto, 1998). Ou seja, teria havido um retorno aos padrões vistos nas primeiras sincronias, típicos,

aparentemente, do PE. Só a segunda pessoa continua seu curso de mudança, como mostramos no Gráfico 1, sem reversão de direção no período IV.

Assim, os autores concluem que esse refinamento da análise da terceira pessoa apresentada em Duarte (1993) permitiu que se detalhasse melhor o motivo de a mudança na remarcação do valor do parâmetro do sujeito nulo para a terceira pessoa ser mais lenta do que para a primeira e a segunda pessoas. A atuação do traço semântico do referente [+humano], como propõe a hierarquia referencial de Cyrino, Duarte e Kato (2000), e a acessibilidade do antecedente atuam fortemente no processo.

1.1.3. A análise sincrônica de Duarte (1995) na fala espontânea

Neste trabalho, Duarte (1995) teve como objetivo analisar a perda gradativa do Princípio “Evite Pronome” (Chomsky, 1981 e Jaeggli, 1982) no PB em uma amostra sincrônica de fala espontânea à luz do Parâmetro do Sujeito Nulo. A pesquisa procurou investigar que caminhos a mudança já atestada na análise das peças de teatro (cf. 1.1.1) estaria tomando numa amostra que se aproximaria da fala sincrônica. Além de buscar identificar que contextos seriam mais resistentes à mudança em direção ao preenchimento do sujeito, a autora pretendeu buscar outras evidências ou pistas que poderiam confirmar a mudança na remarcação do valor do parâmetro, buscando responder à questão do “encaixamento” da mudança.

Uma das hipóteses de Duarte neste trabalho era de que, por conta do empobrecimento do paradigma verbal no PB, os sujeitos nulos e plenos deixariam de ser complementares, característica de línguas *pro-drop*, e passariam a ser intercambiáveis. A autora também procurou mostrar que o uso de estruturas consideradas incompatíveis com as línguas *pro-drop*, como, por exemplo, o uso do sujeito expresso em sentenças subordinadas com sujeitos correferentes, seria uma evidência de que a mudança na marcação paramétrica estaria em progresso.

No trabalho em questão, a autora utilizou como *corpus* gravações do Projeto NURC-RJ, feitas em 1992 com 12 informantes cariocas com nível superior e distribuídos em três faixas etárias: de 25 a 32 anos, de 45 a 53 anos e de 59 a 74 anos, além de entrevistadores, pertencentes à faixa mais jovem. A utilização de diferentes faixas etárias permite que a mudança seja observada na perspectiva do “tempo aparente”, isto é, os informantes mais velhos tenderiam a manter formas mais conservadoras ao passo que os mais jovens utilizariam mais formas inovadoras, o que permitiria a observação do

processo de mudança. Cada faixa etária contou com quatro informantes, dois do sexo feminino e dois do sexo masculino. A autora ainda chama atenção para o fato de que, como a expressão do sujeito não sofre nenhum tipo de estigma social, mesmo que os informantes utilizados fossem apenas de alto nível de escolaridade, os resultados mostrariam o status real do fenômeno em análise.

A análise considerou sentenças finitas com sujeitos de referência definida e arbitrária. Entre os grupos de fatores levados em conta na análise estão a pessoa e o número, o tempo verbal, a estrutura de CP e de IP, a transitividade, o tipo de oração, o traço semântico do referente e a correferência, entre os aspectos estruturais, e sexo do informante e faixa etária, entre os aspectos sociais.

Ao submeter os dados ao programa estatístico VARBRUL (Pintzuk, 1988), a autora estava procurando os contextos que ainda apresentariam resistência à implementação do sujeito exposto. Por isto, o valor de aplicação que a autora tomou como base foi o do sujeito nulo.

A tabela a seguir, reproduzida de Duarte (1995, p. 52), apresenta o cruzamento da primeira pessoa do discurso com o tipo de desinência verbal.

Tabela 2. Ocorrência de sujeito nulo de primeira pessoa (Adap. de Duarte, 1995, Tabela 3.2, p. 52)

Pessoa	Desin.	Grupo 1 [59a-74a]	Grupo 2 [45a-53a]	Grupo 3 [25a-32a]	Total
1ª p. s.	-o	64/179 (36%)	37/162 (23%)	37/137 (27%)	138/478 (29%)
	Zero	21/59 (36%)	8/43 (17%)	8/51 (16%)	37/153 (24%)
1ª p. p.	-mos	11/38 (29%)	4/14 (29%)	1/1 (100%)	15/53 (28%)
	Zero	0/13 (0%)	1/14 (0,08%)	2/40 (5%)	3/67 (9%)

A autora aponta que, na primeira pessoa do singular, no grupo dos mais velhos, o índice de sujeitos nulos é o mesmo (36%) quer seja com a desinência distintiva de primeira pessoa do singular, quer seja com a desinência zero, comum também à segunda e à terceira pessoas do singular. Já nas outras faixas etárias, é possível notar que o índice de sujeitos nulos é menor com a desinência zero. O fato de as faixas etárias mais jovens preferirem o sujeito preenchido, principalmente quando não há flexão distintiva, aponta para a perda da riqueza funcional, nos termos de Roberts (1993), riqueza esta que poderia licenciar o sujeito nulo. No que diz respeito à primeira pessoa do plural, é possível notar

no Grupo 1 uma preferência pelo “nós” em detrimento da forma “a gente”. No Grupo 2, nota-se uma concorrência entre as duas formas e, por fim, no Grupo 3, o dos mais jovens, já há preferência pela forma “a gente”.

Para a segunda pessoa, tem-se a tabela abaixo, também reproduzida de Duarte (1995, p. 51):

Tabela 3. Ocorrência de sujeito nulo de segunda pessoa (Adap. de Duarte, 1995, Tabela 3.1, p. 50, 51)

Pessoa	Grupo 1 [59a-74a]	Grupo 2 [45a-53a]	Grupo 3 [25a-32a]	Total
2ª p. s.	5/24 (21%)	2/30 (7%)	6/65 (9%)	13/119 (11%)
2ª p. p.	0/1 (0%)	0/1 (0%)	0/6 (0%)	0/8 (0%)

Das 13 ocorrências totais de sujeitos nulos na segunda pessoa do singular, a autora aponta que 5 foram encontradas em contextos de orações encaixadas. Os outros 8 foram em sentenças exclamativas e interrogativas, nas quais a preferência pelo sujeito nulo não é exclusividade de línguas de sujeito nulo prototípicas. Todas as outras 106 ocorrências foram de sujeitos preenchidos, independentemente do tipo sintático. Para a segunda pessoa do plural, todas as ocorrências encontradas foram de sujeitos plenos.

Por fim, a autora apresenta os resultados para a terceira pessoa, apresentando a tabela reproduzida abaixo (Duarte, 1995: p. 54):

Tabela 4. Ocorrência de sujeito nulo de terceira pessoa (Adap. de Duarte, 1995, Tabela 3.3, p. 54)

Pessoa	Grupo 1 [59a-74a]	Grupo 2 [45a-53a]	Grupo 3 [25a-32a]	Total
3ª p. s.	68/135 (50%)	61/176 (35%)	36/108 (33%)	165/419 (39%)
3ª p. p.	21/42 (50%)	13/35 (37%)	10/50 (20%)	44/127 (35%)

A partir desta tabela, a autora nota que há um equilíbrio nos percentuais de sujeitos nulos nos Grupos 1 e 2, mas que, no Grupo 3, o índice de sujeitos nulos na terceira pessoa do plural cai, mesmo com a flexão distintiva –m. Tal fato mostra o enfraquecimento da relação entre sujeito nulo e paradigma verbal distintivo e que outros fatores devem estar atuando na preferência pelo sujeito expresso em detrimento do nulo. Duarte ainda aponta que até a terceira pessoa estaria cedendo à mudança em direção ao preenchimento.

O gráfico abaixo, reproduzido de Duarte (1995, p. 48), mostra o comportamento das três pessoas distribuídas pelas três faixas etárias consideradas neste trabalho:

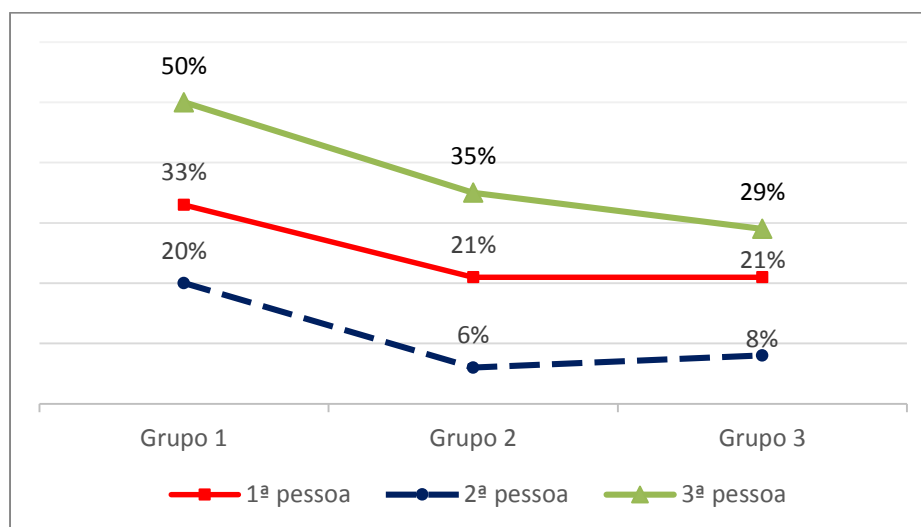


Gráfico 4. Ocorrência de sujeito nulo na fala espontânea segundo a pessoa gramatical e a faixa etária (%) (Adaptado de Duarte, 1995, p. 48)

A segunda pessoa apresenta 20% de sujeitos nulos na fala do Grupo 1, 6% no Grupo 2 e 8% no Grupo 3. Em seguida, vem a primeira pessoa, com 33% de sujeitos nulos para o Grupo 1 e 21% para os Grupos 2 e 3. Por último, mostrando ser a pessoa na qual o sujeito nulo ainda é mais resistente, temos a terceira pessoa, com 50%, 35% e 29% para os Grupos 1, 2 e 3 respectivamente.

É interessante notar que as curvas das três pessoas mantêm o mesmo padrão de descendência. É possível notar também que, de um lado, temos o grupo dos mais velhos com os índices mais altos de sujeitos nulos, e, do outro, temos os grupos da faixa etária intermediária e os mais jovens, com percentuais mais baixos, o que corrobora com os resultados das tabelas apresentadas anteriormente. Outro aspecto importante a ser notado através do gráfico é o fato de a segunda pessoa parecer ter sido a detonadora da mudança, já que ela é a que possui os menores índices percentuais das três pessoas.

A autora, então, conclui que a segunda pessoa é o contexto no qual o processo de mudança está mais avançado, já que foi por ela que a mudança no paradigma verbal do PB se iniciou, com a entrada das formas “você/vocês” combinadas com formas verbais de terceira pessoa. Em seguida, vem a primeira pessoa, que depende mais da flexão para ser identificada do que as outras pessoas. O contexto que parece resistir mais ao processo de mudança da representação do sujeito no PB é a terceira pessoa, que conta com um DP para a recuperação do sujeito nulo pelo falante.

No que diz respeito aos fatores estruturais, outro contexto que parece já estar avançado no caminho em direção ao preenchimento é o das orações que possuem elementos na posição estrutural de Spec de CP, como as relativas e as interrogativas diretas e indiretas. O grupo do tipo de oração tinha como fatores orações não encaixadas (orações independentes e principais, que podem preceder ou estar posposta à encaixada) e orações encaixadas (completivas, relativas e adjuntas). Duarte chama a atenção para o fato de que as orações relativas foram as que apresentaram menores índices de sujeitos nulos, polarizando com as independentes, que obtiveram índice de 37% de sujeitos nulos. A autora levanta a hipótese de que a presença de material na posição de Spec de CP na estrutura sintática das orações poderia ser responsável pela preferência pelo sujeito preenchido, já que a mesma preferência também é notável em interrogativas diretas e indiretas, estruturas que também têm a posição de Spec de CP preenchida. O mesmo resultado foi encontrado pela autora para o PE, que será apresentado mais a frente neste trabalho.

A correferência também foi um grupo importante selecionado pelo programa estatístico como importante para realização do sujeito nulo na análise de Duarte (1995). A tabela abaixo, reproduzida de Duarte (1995, p. 64), mostra os resultados obtidos em sentenças com correferência para cada uma das três pessoas em cada uma das faixas etárias:

Tabela 5. Sujeito nulo em orações subordinadas com correferência (Adap. de Duarte, 1995, Tabela 3.5, p. 64)

Pessoa	Grupo 1 [59a-74a]	Grupo 2 [45a-53a]	Grupo 3 [25a-32a]	Total
1a. pess.	17/48 (35%)	4/33 (12%)	5/38 (16%)	26/113 (23%)
2a. pess.	0/4 (0%)	-	4/13 (32%)	4 /17 (24%)
3a. pess	13/21 (62%)	16/35 (45%)	11/31 (35%)	40/87 (46%)
Total	30/73 (41%)	20/68 (29%)	20/76 (26%)	70/217 (32%)

Os números mostram que a terceira pessoa, quando está em uma estrutura com sujeitos correferentes, se mostra como o contexto em que o sujeito nulo ainda sobrevive. Este pode, portanto, ser apontado como um dos fatores externos mencionados

anteriormente para a terceira pessoa que ainda fazem resistência à implementação da mudança em direção ao preenchimento. No grupo dos mais velhos, o índice chega a 62% de sujeitos nulos de terceira pessoa. Contudo, é importante apontar que, mesmo sendo ainda um contexto resistente à mudança, os índices percentuais sofrem uma queda conforme a faixa etária muda, alcançando 35% de sujeitos nulos na faixa etária mais jovem.

Devido à importância da pessoa do discurso no processo de mudança, Duarte buscou levantar quais seriam os grupos de fatores relevantes para cada pessoa do discurso separadamente. A tabela abaixo, reproduzida de Duarte (1995, p. 81), mostra os grupos selecionados para cada pessoa:

Tabela 6. Fatores selecionados como significantes para a realização do sujeito nulo em cada pessoa do discurso (Adaptado de Duarte, 1995, Tabela 3.9, p. 81)

Primeira Pessoa	Segunda pessoa	Terceira pessoa
<u>Correferência</u>	Tempo verbal	Sexo
Tempo verbal	<u>Correferência</u>	Tipo de oração
<u>Faixa etária</u>	<u>Faixa etária</u>	Traço semântico
Elem entre Spec IP e I ⁰		Tempo verbal
Transitividade		<u>Faixa etária</u>
Elemento entre CP IP		<u>Correferência</u>

É interessante notar que a correferência entre os sujeitos de principal e subordinada e a faixa etária foram grupos de fatores selecionados como importantes para a realização do sujeito nulo nas três pessoas do discurso. O traço semântico, que só se aplica à terceira pessoa, foi também selecionado. Com isso vemos um quadro consistente de sugestão de mudança em tempo aparente, além dos dois fatores estruturais que têm se destacado nas pesquisas sobre a implementação do sujeito expresso.

Como evidência do “encaixamento” da mudança, Duarte apresenta a significativa ocorrência das construções com duplo sujeito, isto é, de DE do sujeito da sentença, nas três pessoas e também nas construções com sujeitos indeterminados, também analisadas na pesquisa. A autora lembra que construções de DE não aparecem em línguas de sujeito nulo prototípicas pois retomar um antecedente sintaticamente acessível com um pronome pleno seria contrariar o papel do paradigma flexional “rico”.

A autora aponta o estudo de Pontes (1987) como pioneiro no que diz respeito ao estudo das “construções de tópico” no PB, que mostra como mais frequentes estruturas

em que o tópico e o sujeito sintático da oração são correferentes. Duarte mostra, através dos dados, que essa estrutura de DE não tem nenhuma restrição sintática para ocorrer, ao contrário do que haviam apontado anteriormente os estudos de Braga e Mollica (1985; 1986), como, por exemplo, restrição sobre o tipo de DP retomado (definido ou indefinido), ou a preferência por contextos em que houvesse uma pausa ou elementos intervenientes entre o tópico e o sujeito, entre outros. Seus dados revelam que o pronome pode até mesmo retomar orações relativas livres ou um DP quantificado, como “toda pessoa” ou “qualquer pessoa” (“quem faz tal coisa, ele_i...”; “qualquer criança ela_i...”; “a moça que começa a fazer ginástica, ela_i...”)

Por fim, a autora conclui que os resultados desta análise mostraram que o PB perdeu o Princípio “Evite Pronome”, característico das línguas de sujeito nulo prototípicas, como o espanhol e o italiano, devido ao enfraquecimento do paradigma verbal, e o processo de mudança em direção ao sujeito expresso já se encontra em estágio bem avançado, embora o sistema ainda conserve algumas características típicas das línguas de sujeito nulo convivendo com um sistema mais recente que já não permite mais a identificação do sujeito nulo.

1.1.4. Outros trabalhos sobre a fala espontânea no PB

O trabalho de Duarte (2003) é uma pesquisa em “tempo real de curta duração” (Labov, 1994), que busca analisar a representação do sujeito na fala espontânea, comparável ao feito em Duarte (1995). A diferença entre os dois trabalhos está na composição da amostra e na perspectiva do tempo real. Enquanto o trabalho de 1995 se propôs a analisar dados da fala espontânea de informantes com ensino superior, este trabalho de 2003 teve como *corpus* a amostra PEUL, que compreende informantes de escolaridade que vai do ensino fundamental ao médio.

Ao contrário da perspectiva do tempo aparente, que levanta a hipótese de mudança a partir de diferentes faixas etárias de uma mesma amostra de uma comunidade de fala, o estudo da mudança em tempo real de curta duração observa a mesma comunidade de fala ou o mesmo indivíduo em dois momentos distintos. No primeiro caso temos um estudo de “tendência”, que comparou uma amostra coletada no início dos anos 80 e uma nova amostra coletada no fim do ano 2000. Os informantes de ambos os sexos, cariocas, foram distribuídos em quatro faixas etárias (7 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e acima de 49 anos) e em três níveis de escolarização (1º e 2º segmentos do ensino fundamental e

ensino médio). No segundo caso, temos o estudo de “painel”, que contou com 16 informantes entrevistados pela primeira vez nos anos 80 e depois recontactados no ano 2000. Dos 16, 6 informantes tinham mudado seu nível de escolaridade e 10 mantiveram os mesmos níveis, em geral o Fundamental 1 e 2.

Ao contrário do estudo de Duarte (1995), em que a pessoa do discurso foi a que se mostrou mais saliente em relação à mudança, no estudo de Duarte (2003), os fatores sintáticos mostraram-se mais importantes. Um dos resultados encontrados pela autora em 2003 foi o de que há preferência pelo sujeito preenchido quando há elementos em CP, seja no Spec de CP (no caso de orações relativas e interrogativas diretas e indiretas, em que o pronome relativo ocupa a posição), seja no núcleo, no caso de orações completivas e adverbiais, em que a conjunção ocupa tal posição. Orações raízes, com CP vazio, ainda favorecem o sujeito nulo. A presença de elementos em CP, principalmente na posição de especificador, já havia se mostrado importante no preenchimento do sujeito na análise de Duarte (1995) (cf. 1.1.3).

Outro fator relevante encontrado pela autora no trabalho de 2003 foi a presença de elementos adjuntos a IP, como, por exemplo, elementos topicalizados ou adjuntos adverbiais. Nesse caso, a preferência é pelo sujeito preenchido. Se não há presença de elemento entre as posições estruturais, a preferência passa a ser pelo sujeito nulo. Dois outros fatores já referidos no trabalho anterior, a acessibilidade sintática do antecedente e seu traço de animacidade, tiveram sua relevância confirmada: sujeitos nulos resistem em contextos com antecedente mais acessível e com o traço [-animado].

A conclusão a que chega a autora neste trabalho é a de que, durante o período de tempo de mais ou menos 20 anos que separa as amostras, aparentemente, não há mudança significativa no que diz respeito à representação do sujeito, nem na comunidade nem no indivíduo. É preciso destacar que, quando se diz que há estabilidade no comportamento do indivíduo, isso não significa que eles sejam iguais. Alguns indivíduos favorecem mais o sujeito expresso do que outros, mas seu comportamento “individual” se mantém estável no lapso de tempo que separa as duas entrevistas. Duarte atribui tal estabilidade ao estágio avançado em que já se encontra a mudança em direção ao preenchimento dos sujeitos de referência definida no PB.

Outro trabalho que realizou um estudo em tempo real de curta duração da fala espontânea do PB foi o de Bravin dos Santos (2006), que analisou sujeitos de terceira pessoa com base em amostras de entrevistas do projeto NURC-RJ, refletindo a fala culta carioca, gravada nos anos 1970 e 1990. Para o estudo de painel, Bravin dos Santos contou

com 11 informantes da década de 70, que foram recontactados nos anos 90 para uma nova amostra. Esses 11 indivíduos com formação universitária foram distribuídos em quatro faixas etárias (de 25 a 35 anos – faixa 1; de 36 a 55 anos – faixa 2; e mais de 56 anos – faixa 3). Para o estudo de tendência, a autora utilizou duas amostras da comunidade.

Através do estudo de painel, a autora concluiu que há certa instabilidade em relação ao comportamento do indivíduo, enquanto, no comportamento da comunidade, é possível ver certa estabilidade, tal como ocorreu no estudo de Duarte para a fala popular (Amostra PEUL).

A autora mostra que todos os tipos de sujeitos analisados têm índices percentuais que atestam a preferência pelo sujeito preenchido, exceto os sujeitos com o traço [-animado]. Contudo, através da análise de regra variável, foi possível identificar os contextos em que o sujeito nulo ainda persiste. Segundo a autora, três fatores foram selecionados como relevantes para a representação do sujeito em ambas as décadas: a acessibilidade do antecedente, a animacidade do referente e verbo ser *versus* outros verbos. A escolha da acessibilidade do antecedente e da animacidade do referente pelo programa estatístico é recorrente nos trabalhos apresentados até aqui que tratam de observar o comportamento da terceira pessoa no PB.

No que diz respeito à acessibilidade do antecedente, a autora atesta que se o antecedente é de fácil acessibilidade, um sujeito ou um tópico saliente no contexto discursivo, ainda é possível encontrar índices um pouco mais altos de sujeitos nulos. Já quando o antecedente não tem igual função ou se encontra distante, há preferência pelo sujeito expreso.

Em relação à animacidade, os sujeitos que possuem traço [-animado] são os que ainda apresentam maiores índices de sujeito nulo (76% de nulos na década de 70 e 61% na década de 90), atestando a atuação da hierarquia referencial proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000). A autora observa que, apesar de o sujeito nulo ser ainda a preferência nesses casos, ele não foi uma opção categórica, o que mostra que também este contexto vai cedendo aos poucos à mudança.

As construções com o verbo “ser” também mostraram ser contextos de resistência à mudança. Dos anos 1970 para 1990, a autora aponta que houve um acréscimo no preenchimento do sujeito com esse verbo, mas que o nulo continua sendo a preferência dos falantes.

Por fim, a autora chegou à mesma conclusão a que chegou Duarte (1995): a mudança na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo ainda não estaria completa no PB, o

que o colocaria em uma posição intermediária entre as línguas de sujeito nulo prototípicas, como o espanhol e o italiano, e as de sujeito preenchido prototípicas, como o francês e o inglês. A autora aponta que o PB, mesmo apresentando características inovadoras em direção ao preenchimento do sujeito, ainda apresenta resquícios de uma língua de sujeito nulo. Isso está em plena consonância com o modelo da Teoria da Variação e Mudança Linguística, que prevê a competição de formas variantes, até a eventual vitória de uma delas. Numa perspectiva formalista (Kroch 1989), a mudança já ocorreu e o que percebemos nos dados é o reflexo de gramáticas em competição.

1.2 O português europeu

Nesta seção, será descrito o trabalho sincrônico de Duarte (1995; Duarte, não publicado) para o PE oral, que também foi um dos trabalhos que serviram como motivação e base para esta dissertação.

1.2.1 A análise sincrônica de Duarte (1995; e não publicado) para o PE oral

Para realizar sua tese (cf. 1.1.3), Duarte fez uma breve análise do PE oral com base em amostras e gravações sociolinguísticas portuguesas (Nascimento et al. 1987), levando em consideração duas faixas etárias: um grupo entre 22 e 33 anos e outro de 46 a 60 anos. Outro fator social considerado para o levantamento dos dados foi o nível de escolaridade dos informantes. A amostra contemplou três níveis diferentes de escolaridade: nível básico, médio e superior. No total, foram analisados dados da produção oral de 30 informantes. A fala dos entrevistadores também foi considerada e controlada na tentativa de obter um número significativo de dados de segunda pessoa. Nesta seção resumimos os resultados apresentados pela autora em sua tese (1995) e em uma revisão da análise, em um artigo não publicado.

A hipótese da autora era de que o paradigma funcionalmente rico (Roberts, 1993), licenciaria sujeitos nulos. Duarte afirma em seu trabalho que o fato de o PE possuir um sincretismo a mais do que havia postulado o estudo de Roberts, na segunda pessoa do singular e do plural, pois utiliza as formas “você/vocês”, “o(s) senhor(es)” combinadas com formas verbais de terceira pessoa, e de eles estarem coexistindo com as seis formas distintas, que foram mantidas, independentemente das formas adicionais, não afetaria a riqueza funcional do paradigma, licenciando o sujeito nulo. Assim, a predominância de sujeitos nulos em detrimento dos plenos em qualquer contexto sintático e em todas as pessoas gramaticais confirmaria tal hipótese.

Duarte conta que foi motivada por um trabalho de Tarallo (1993), no qual o autor mostra a mudança na representação do sujeito pronominal e do objeto anafórico no PB e questiona se o mesmo aconteceria no PE, dizendo que não é possível responder, pois os trabalhos já realizados para o PE não possuíam o mesmo referencial teórico dos realizados para o PB. Logo, seria difícil fazer uma comparação. Por causa disto, Duarte teve como objetivo analisar quantitativamente a representação do sujeito de referência definida no PE nos mesmos moldes teóricos dos trabalhos realizados para o PB, já citados anteriormente.

No levantamento dos dados, a autora considerou somente sujeitos de referência definida. Também foram excluídos da análise (Duarte, 1995, p. 4):

- a) repetições pelo entrevistado de frases enunciadas pelo entrevistador;
- b) respostas afirmativas, constituídas, como no PB, de sujeito nulo e verbo;
- c) expressões fixas, como:

(9) Sei lá se ele é cego. (GM2)

d) as seguintes ocorrências de pronomes plenos:

- deslocados da sentença, em construções de tópico, rotuladas pelas gramáticas tradicionais de anacoluto, ou, usando a terminologia em Duarte (1987) e Brito, Duarte & Matos (2003), tópico pendente e deslocação à esquerda de tópico pendente, muito frequentes na primeira pessoa:

(10) ...porque tá claro, eu, como tenho os problemas de saúde do meu marido e tudo, as tardes são sempre a matutar... (IB3)

- acompanhados de um operador de foco, em usos contrastivos ou em construções clivadas:

(11) Todos eles tiraram peixe... o meu cunhado tirou quatro sargos, o outro tirou três e eu não tirei absolutamente nada. No mesmo sítio. (GB1)

(12) ...porque nós é que damos, nós é que atendemos no guichet, damso a cara...nós é que estamos sempre a dar justificações ao público. (IM3)

(13) A certa altura era ele que falava. (IS5)

e) sujeitos nulos de referência indeterminada, além de um tipo de sujeito nulo a que Halliday & Hasan (1979) se referem como “sujeitos de referência estendida”, ou sujeitos neutros, que, quando expressos, exibem um demonstrativo uma proposição ou um demonstrativo “isso”:

(14) Aqui neste local gosto de trabalhar, embora \emptyset seja uma profissão chata como é a profissão de atender muitas pessoas [...] No entanto, apesar de tudo \emptyset é um trabalho mais ou menos livre em que a gente sempre se diverte uns com os outros... (GB5) (= trabalhar neste lugar/isso)

A autora confirma sua hipótese inicial de que o sujeito nulo seria licenciado pelo paradigma funcionalmente rico do PE, mesmo com os dois sincretismos. Em uma rodada geral, 66% do total dos dados são de sujeitos nulos. Os resultados encontrados pela autora permitiram que ela chegasse a algumas conclusões em relação à representação dos sujeitos definidos no PE.

A primeira conclusão foi a de que o PE prefere, sim, o sujeito nulo em todas as pessoas do discurso. É importante notar que as ocorrências de plural foram tão pequenas que a autora escolheu mostrar seus resultados combinados com os resultados para o singular. Porém, a autora notou algumas diferenças percentuais entre as três pessoas. A primeira pessoa, por exemplo, foi a que obteve índices mais baixos de sujeitos nulos, com 53% das ocorrências. Isto pode ser explicado pelo fato de que, quando o falante se introduz na conversa ou retoma o turno, ele tende a usar um pronome pleno “eu”, fato que foi atestado para o italiano por Marins (2009), língua que é considerada uma língua de sujeito nulo prototípica entre as línguas românicas do grupo *pro-drop*. Duarte não observou usos frequentes da expressão “a gente” com referência definida na amostra do PE.

A terceira pessoa apresentou 64% de sujeitos nulos. Embora o sujeito nulo seja quase categórico com um antecedente acessível, ele também pode ocorrer com um antecedente em outra função, desde que sua interpretação não seja comprometida (ver item 1.1.2 para o PB deste capítulo).

A segunda pessoa obteve índice de 72% de sujeitos nulos. A autora ainda atesta que não há diferença significativa nos índices de realização do sujeito se a pessoa é direta (tu e vós, com índices de 70%) ou se é indireta (formas de tratamento, com 77%). Duarte ressalta, entretanto, que o tipo de oração parece mais importante na escolha pelo sujeito nulo: sentenças afirmativas obtiveram índice de 67% de sujeitos nulos e as interrogativas obtiveram 77%.

Outra conclusão a que Duarte chegou em seu trabalho foi a de que o tipo sintático da oração era um fator importante na opção pelo sujeito nulo ou pleno. A análise mostra que as orações independentes são as que mais favorecem o sujeito nulo, com índice de 37% de sujeitos deste tipo. Logo em seguida, aparecem as adjuntas pospostas, com 30% de sujeitos nulos, seguidas das orações raízes pospostas, com 26%, das completivas, com 24%, das raízes antepostas, com 23%, das adjuntas antepostas, com 15% e, por fim, das relativas, com apenas 7% de sujeitos nulos. Nota-se que as orações relativas apresentaram o percentual mais baixo de sujeitos nulos, sendo, portanto, o contexto em que o sujeito nulo é desfavorecido.

Para explicar isto, a autora levanta duas hipóteses: a primeira diz respeito a estrutura do CP. Em orações relativas, o fato de o pronome relativo ocupar a posição de Spec de CP favoreceria o preenchimento. Se esta hipótese fosse verdadeira, as completivas interrogativas indiretas e as raízes interrogativas diretas deveriam apresentar a mesma preferência por sujeitos plenos, já que os pronomes interrogativos ocupam a mesma posição dos pronomes relativos na estrutura sintática. Segundo a autora, foi exatamente o que se observou nos exemplos desse tipo encontrados no *corpus* analisado: das 11 ocorrências de completivas interrogativas indiretas, 7 apresentaram sujeito preenchido. Igualmente, 4 das 5 interrogativas diretas de terceira pessoa e a única ocorrência de interrogativa direta de primeira pessoa também apresentaram sujeitos plenos.

A outra hipótese levantada por Duarte (não publicado) foi a de que a falta de correferência entre o sujeito da relativa ou da completiva com o sujeito da oração principal ocasionaria a preferência pelo sujeito preenchido. Em línguas de sujeito nulo, o sujeito pleno não é uma opção nas encaixadas quando está em correferência com o sujeito da raiz. O mesmo se observa se a encaixada preceder a raiz. Porém, essa correferência entre sujeito da principal e da subordinada é pouco frequente nas orações relativas. Quando é identificada a correferência, a preferência é pelo sujeito nulo, como é de se esperar de uma língua *pro-drop*. Porém, podem ocorrer casos em que o sujeito da raiz é

nulo, tendo seu antecedente no contexto precedente (que aqui tratamos como padrão sentencial 2) e o da relativa, pleno, como no exemplo em (15); note-se que um pronome nulo junto do relativo “que” retomando “senhora” poderia causar ambiguidade:

- (15) Então \emptyset_i ia lá à casa daquela senhora (=amante) que ele_i já tinha há muitos anos. E deu-lhe lá uma coisa e morreu. (IM5)

Ou ainda casos em que sujeitos nulos e plenos se alternam em sequências de relativas com antecedentes coordenados, como no exemplo em (16):

- (16) ...porque nós_i sem querermos vamos levados por aquelas coisas que \emptyset_i estamos sempre a ouvir [...], daquelas coisas que nós_i ouvimos por tradição desde pequeninos. (GM2)

Como dito acima, estruturas em que a raiz e a relativa têm sujeitos correferentes não é frequente. O que geralmente ocorre em orações relativas é que o DP que dá referência ao sujeito da relativa está em outra função sintática na oração precedente; ou há elementos intervenientes, fazendo com que o referente esteja distante do sujeito da relativa; ou ainda o sujeito da relativa é de primeira ou segunda pessoas sem um referente, ou seja, é “não esperado”, nos termos de Calabrese (1986), o que justificaria o preenchimento.

Um outro resultado importante encontrado por Duarte, que diferencia línguas de sujeito *pro-drop*, como o PE, do PB, em processo de mudança, é o traço semântico do sujeito. Sujeitos com traço [+animado] alcançam 69% de sujeitos nulos. Porém, quando o traço é [-animado], o índice de sujeitos nulos sobe para 93%, independentemente das restrições estruturais apontadas anteriormente, que favoreceriam os sujeitos expressos.

No que diz respeito aos fatores sociais (faixa etária e nível de escolaridade do informante), a autora percebe que o PE está estável em relação ao fenômeno em questão, pois os números não apresentam grandes variações. As tabelas a seguir foram reproduzidas de Duarte (não publicado, p. 15):

Tabela 7. Sujeitos nulos vs Faixa Etária (adap. de Duarte, ms, tabela 7)

Idade	(22 – 33)		(46 – 60)	
	N.	%	N.	%
1ª. pessoa	218	61	116	56
2a. pessoa	43	81	18	69
3ª. pessoa	143	73	160	72

Tabela 8. Sujeitos nulos vs Escolaridade (adap. de Duarte, ms, tabela 8)

Escolaridade	Básica		Média		Superior	
	N.	%	N.	%	N.	%
1ª. pessoa	166	64	88	53	80	60
2a. pessoa	39	85	12	71	10	63
3ª. pessoa	99	66	95	75	109	77

Como se pode notar, a primeira pessoa é a que possui índices mais baixos de sujeitos nulos em relação às outras duas, o que também tinha sido atestado para outros fatores não-sociais anteriormente. O índice de sujeitos nulos é mais alto na fala dos mais jovens com baixo índice de escolaridade, o que, segundo a autora, pode se dever a tratamentos mais formais ou assimétricos. Já em relação à terceira pessoa, os jovens de baixa escolaridade são os que possuem os índices mais baixos de sujeitos nulos. Uma análise de pesos relativos poderia mostrar a verdadeira significância dessas diferenças percentuais. Mas os resultados confirmam que estamos diante de um sistema bastante distanciado do PB.

1.3. Comparando fala e escrita

É sabido que há uma distância natural entre fala e escrita. Enquanto esta costuma ser mais conservadora e planejada, aquela tende a ser mais inovadora e espontânea. Buscando analisar como as mudanças atestadas para a fala se implementariam na escrita, Duarte (2007) utilizou resultados obtidos para a representação do sujeito de referência definida de terceira pessoa, que foram incluídos nas descrições apresentadas nas seções anteriores, tanto para o PE quando para o PB carioca, representado pelas amostras NURC e PEUL.

A tabela a seguir foi adaptada do artigo de Duarte (2007), que tomou como valor de aplicação o sujeito expreso. Por conta da proposta deste trabalho, optou-se por tomar como valor de aplicação o sujeito nulo.

Tabela 9. Sujeitos nulos de terceira pessoa na língua oral (adap. de Duarte 2007, tabela 1, p. 3)

3a. pessoa	PE	PB (NURC)	PB (PEUL-1980)	PB (PEUL-2000)
3^a. p. s.	72%	39%	19%	19%
3^a. p. p.	74%	35%	19%	18%

Como mostra a tabela, o PE exibe um comportamento que se ajusta ao que se espera de uma língua de sujeito nulo, com 72% e 74% de sujeitos nulos de terceira pessoa, no singular e no plural; o PB, por outro lado, prefere o sujeito expreso, exibindo índices percentuais muito baixos de sujeitos nulos. Como visto na seção sobre o PB oral, a amostra NURC revela um comportamento diferente nas três faixas etárias, o que foi considerado indício de mudança no tempo aparente. O gráfico 4 de Duarte (1995) (cf. 1.1.3) apresentado neste capítulo deixa muito claro o papel da idade e da escolaridade na manutenção do sujeito nulo de terceira pessoa. A faixa mais jovem do NURC-RJ apresenta 26% de sujeitos nulos, o que a coloca bem próxima dos falantes sem nível superior de escolaridade (PEUL).

Os índices de singular e plural são praticamente idênticos, mesmo com a morfologia exclusiva para a terceira pessoa do plural (que nem sempre é realizada na amostra do PEUL, como aponta Duarte, dependendo do nível de escolaridade de informante).

Com base nesses resultados para a fala, Barbosa, Duarte e Kato (2005) analisaram o sujeito de terceira pessoa em uma amostra constituída de entrevistas transcritas de jornais e revistas brasileiros e portuguesas. O estudo seguiu a mesma metodologia de Duarte (1995, 2003). As autoras encontraram índices gerais de 78% de sujeitos nulos de terceira pessoa no PE e 44% no PB. Se comparamos esses resultados com os da tabela acima para a fala vemos que o percentual médio de terceira pessoa para o PE oral é de 73%, bem próximo da fala lusitana transcrita de entrevistas; a média da amostra NURC - 37% - também se aproxima da fala das entrevistas brasileiras - 44%, mas a distância para a fala popular (19%) é maior, o que confirma o papel da escolaridade na evolução do fenômeno.

O passo seguinte dado em Duarte (2007) foi analisar o sujeito de terceira pessoa na escrita “padrão” do PE e PB, com base em matérias publicadas em torno do ano 2000

em jornais de grande circulação em Lisboa e no Rio de Janeiro: os resultados gerais apontam 93% de sujeitos nulos para o PE e 49% para o PB.

Os grupos de fatores selecionados como relevantes para a representação do sujeito nessa amostra de escrita jornalística não foram os mesmos para PE e PB, como já era esperado. Para o PE, apenas um fator foi selecionado: o gênero textual, o que sugere, segundo a autora, que o que está em jogo é uma questão mais estilística do que gramatical. Para o PB, por outro lado, foram selecionados os padrões sentenciais, a animacidade do sujeito, além do tipo de verbo (verbo *ser* *versus* outros verbos), confirmando um achado do estudo de Bravin dos Santos (2006), citado anteriormente neste capítulo, que já indicava a influência do verbo “ser” como relevante na representação do sujeito.

Reproduzimos brevemente os resultados obtidos para cada fator selecionado pelo programa. A tabela abaixo foi adaptada de Duarte (2007) e apresenta os resultados de acordo com os quatro padrões propostos por Barbosa, Duarte e Kato (2001, 2005) (ver item 1.1.2) (Mesmo não tendo sido selecionados para o PE, os pesos foram extraídos do primeiro nível do *stepdown*):

Tabela 10. Sujeitos nulos de terceira pessoa na escrita – PE e PB e os padrões sentenciais (Adap. de Duarte 2007, tabela 7, p. 10)

Padrão	PE		PB	
	Oco./Tot. (%)	PR	Oco./Tot. (%)	PR
1	83/87 (95%)	0,54	48/66 (73%)	0,76
2	100/105 (95%)	0,59	54/109 (50%)	0,52
3	18/22 (82%)	0,20	11/36 (31%)	0,29
4	26/30 (87%)	0,34	6/30 (20%)	0,16

Analisando os números da tabela, a autora aponta que o PE tem comportamento coerente com o de línguas de sujeito nulo: quando o referente é o mesmo, seja no mesmo período, seja em período adjacente (padrões 1 e 2), o índice é de 95% de sujeitos nulos; quando há mudança de referente, os índices caem para 82% e 87% de sujeitos nulos. Já para o PB, o padrão 1 é o que obtém o maior índice, com 73% de sujeitos nulos. Isso mostra que o fato de o referente estar na mesma função ainda é um contexto favorável à manutenção do sujeito nulo. O padrão 2 apresenta uma queda, mas ainda se mostra favorável à manutenção, com 50% de sujeitos nulos. Já os padrões 3 e 4, que ilustram, respectivamente, os casos de distância entre o sujeito e seu antecedente e antecedente em função diferente, os percentuais caem sensivelmente. O exame dos pesos relativos nesta

tabela é revelador da sua importância: mesmo num sistema de sujeitos nulos como o PE, os padrões 1 e 2 favorecem o sujeito nulo em relação aos padrões 3 e 4: veja-se a distância entre os pesos 0,54 e 0,59 e os pesos 0,20 e 0,34, separando-os em dois grupos. No caso do PB, já se observa uma gradação, com o padrão 1 favorecendo amplamente o nulo (0,76) em relação ao padrão 2, que, com 0,25 de diferença em relação ao primeiro, ainda se mostra como significativo no favorecimento do sujeito nulo. Os outros dois padrões já se encontram em franco desfavorecimento, com 0,29 e 0,16. Observe-se que os percentuais acompanham de perto os pesos obtidos.

No que diz respeito à animacidade, o traço [-animado] apresenta peso relativo de 0,68, mostrando-se favorável à manutenção do sujeito nulo, quanto observado “em relação” ao peso obtido para o traço [+animado], 0,42, favorecendo a mudança em direção ao preenchimento. Como esperado para o PE, os pesos relativos não mostram relevância do traço para a representação do sujeito: o traço [+animado] obteve 0,53 e o [-animado], 0,41, distância pouco superior a 0,10.

O terceiro e último grupo de fatores selecionado como relevante para o preenchimento do sujeito no PB é o do tipo de verbo. No entanto, ao contrário do que mostrou o estudo de Bravin dos Santos (2006) para a fala, o verbo “ser” é o contexto que desfavorece o sujeito nulo. A tabela adaptada de Duarte (2007) abaixo mostra os números:

**Tabela 11. Sujeitos nulos de terceira pessoa na escrita – PE e PB
Verbo ser vs outros verbos (Adap. de Duarte 2007, tabela 8, p. 12)**

Fatores	PE		PB	
	Oco./Tot. (%)	PR	Oco./Tot. (%)	PR
Verbo ser	30/34 (88%)	0,34	12/35 (34%)	0,29
Outros verbos	197/210 (94%)	0,53	107/206 (52%)	0,54
Total	227/244 (93%)		119/241 (49%)	

Mesmo que não tenha sido selecionado para o PE, observamos uma distância de quase 0,20 entre os dois pesos, enquanto no PB a distância é de 0,25. Futuras investigações devem atentar para o tipo de verbo. Um único ponto destacado pela autora é o fato de que, no PE, o pronome expresso com verbo “ser” ocorre apenas no padrão 4 (antecedente em função diferente), como mostram os exemplos abaixo em (17) extraídos de Duarte (2007), ao passo que o pronome expresso é predominante no PB em qualquer um dos padrões.

- (17) a. Nesta proliferação cogumelizada dos atestados médicos, o problema é, antes de mais, ético e cívico. A ser verdade o que se diz, dará lugar a toda uma série [de perguntas incómodas]_i. E [elas]_i são incómodas porque acabam por espelhar perversamente a sociedade em que vivemos (PE – opinião).
- b. A razão é, simplesmente, que o desenvolvimento tornou [o trabalho]_i agradável e [ele]_i passou a ser uma forma lúdica de ocupar os tempos de lazer (PE – opinião).

Em relação aos resultados para o grupo selecionado como relevante para a representação do sujeito no PE, o gênero textual, o peso relativo para o texto de “opinião” (matérias assinadas) foi de 0,38, enquanto para as notícias ou reportagens, o peso foi de 0,72. A diferença de 0,34 entre os pesos sugere uma influência discursiva que merece ser investigada num estudo que focalize os gêneros textuais. No PB, o gênero “opinião” obteve peso de 0,51 e o de notícia, 0,46, com uma distância de apenas 0,05, o que confirma sua absoluta irrelevância em relação ao fenômeno em estudo. Em suma, o caráter conservador da escrita fica evidenciado, mas é certo que a mudança na implementação do sujeito de terceira pessoa já é observada na escrita e já conquista estruturas mais resistentes em sincronias passadas.

Neste capítulo, procuramos mostrar estudos sincrônicos e diacrônicos anteriores que serviram de ponto de partida para a análise a ser apresentada neste trabalho. Primeiro, apresentamos o trabalho diacrônico de Duarte (1993), que mostrou que o PB está em processo de mudança em direção ao preenchimento do sujeito, mas que esse processo não afetou de maneira igual as três pessoas gramaticais, sendo a terceira pessoa a que parece ser mais resistente à mudança. Por isso, em seguida, mostramos o estudo de Duarte, Mourão e Santos (2012), que fez um refinamento da análise dos sujeitos de terceira pessoa de Duarte (1993). Tal estudo mostrou que há fatores estruturais atuando na terceira pessoa, fazendo com que a mudança seja mais lenta: a acessibilidade do antecedente e os traço semântico do referente.

Ainda para o PB, apresentamos em seguida o estudo sincrônico de Duarte (1995) para a fala espontânea, com informantes do Projeto NURC-RJ, que confirma, no “tempo aparente”, a mudança em direção aos sujeitos pronominais expressos.

Foram ainda apresentados dois trabalhos que buscam analisar a mudança em curso dentro do modelo referido como “tempo real de curta duração” (Labov, 1994; Paiva e Duarte, 2003): o de Duarte (2003) e o de Bravin dos Santos (2006), que estudaram,

respectivamente a fala popular e a fala culta do Rio de Janeiro. O trabalho de Duarte (2003) não encontrou mudanças significativas na realização do sujeito no espaço de tempo de 20 anos que separa as duas amostras, mostrando que a preferência é pelo sujeito expreso. Duarte atribuiu esta estabilidade ao estágio já avançado do processo de mudança na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo no PB. Bravin dos Santos (2006), por sua vez, chegou a resultados semelhantes, atestando, assim como Duarte (2003), que o processo de mudança ainda não está completo e que, por isso, o PB ainda mantém algumas características mais conservadoras em relação ao fenômeno, mas também apresenta características inovadoras, que não ocorrem em línguas de sujeito nulo prototípicas.

Em seguida, foi apresentado o estudo sincrônico para o PE de Duarte (1995; e não publicado), que mostrou que essa variedade prefere sujeitos nulos, ao contrário do que foi mostrado para o PB até então.

Por fim, foram apresentados dois estudos: o de Barbosa, Duarte e Kato (2005) e Duarte (2007), que comparam resultados obtidos para a terceira pessoa na fala de PE e PB com dois outros estudos. O primeiro analisa entrevistas transcritas do PB e PE enquanto o segundo analisa a escrita veiculada em jornais cariocas e lisboetas. Os resultados apontam que a mudança em curso no PB já começa a penetrar na escrita. Diferentemente, o PE se mantém como um sistema que privilegia o sujeito nulo.

O próximo capítulo apresenta quadro teórico e refina os objetivos e hipóteses que orientam este trabalho.

CAPÍTULO 2 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS, OBJETIVOS E HIPÓTESES

2.1. O modelo de estudo da mudança adotado: a Sociolinguística Variacionista

O presente trabalho utiliza o modelo de estudo da mudança de Weinreich, Labov & Herzog (2006 [1968]) – a Teoria da Variação e Mudança Linguística. De acordo com este modelo, a língua é um sistema que exhibe heterogeneidade ordenada – ou seja, essa heterogeneidade é passível de sistematização. Num processo de mudança, observa-se a alternância de formas (conservadora e inovadora) até que, num período mais ou menos longo de tempo, uma das formas sai vencedora. De acordo com os autores, o estudo da mudança tem de buscar resposta para cinco “problemas”: (i) as restrições, isto é, quais os fatores estruturais e sociais que facilitam ou inibem uma ou outra forma em variação; (ii) a implementação, ou seja, como se origina e como se propaga uma mudança no sistema linguístico – um problema que se encontra em estreita ligação com o anterior, pelo menos no que se refere à propagação da mudança; (iii) a transição, que procura analisar as etapas ou estágios durante um processo de mudança; (iv) o encaixamento, ou seja, que outra mudança linguística pode ter desencadeado a mudança estudada e que outras mudanças podem ser consequências dela; e, por fim, (v) a avaliação que os indivíduos de uma comunidade de fala fazem das variantes em questão. Essa avaliação tem grande importância num processo de mudança em curso: avaliações negativas podem desacelerar ou retardar um processo de mudança, ao passo que avaliações positivas podem ajudar a acelerar o processo.

No Capítulo 1, foram mostradas algumas evidências acerca da implementação, das restrições e da transição do fenômeno em estudo ao longo do tempo. Vimos essa mesma transição através das faixas etárias (ou tempo “aparente”) no estudo de Duarte (1995). Mencionamos brevemente algumas evidências do “encaixamento” da mudança, na preferência por sujeitos indeterminados expressos e no aparecimento de sujeitos deslocados à esquerda, típicos de línguas de sujeito preenchido.

Neste trabalho, a teoria da variação não serve exatamente a um estudo de mudança, já que não esperamos encontrar um processo de mudança no PE, como o que foi atestado para o PB. Ela é utilizada como instrumento de investigação de como se comporta um sistema estável – no caso deste trabalho, um sistema de sujeitos nulos que não se apresenta em mudança. Assim como fez Marins (2009) em relação ao italiano oral e Duarte (1995) em relação ao PE oral, em estudo sincrônico, queremos agora observar o

comportamento do PE ao longo do tempo com a finalidade explícita de buscar evidências de um sistema diferente do PB. Portanto, dentre os cinco problemas postulados por Weinreich, Labov & Herzog (2006 [1968]), focalizaremos o problema das restrições para a ocorrência do fenômeno em questão, pois sabemos que alguns contextos se mostrarão mais favoráveis ao sujeito nulo, ao passo que outros serão mais favoráveis ao sujeito pleno.

2.2. A teoria linguística: o modelo de Princípios de Parâmetros

Um estudo com base em dados empíricos, quer se trate de um processo de mudança ou não, precisa se apoiar em uma teoria linguística, como explica Duarte (2012):

A busca de respostas aos “problemas” [...] pressupõe uma teoria linguística, que ajude na formulação de hipóteses e no levantamento dos grupos de fatores, que indique o percurso esperado da mudança e, sobretudo, que ajude a identificar os efeitos colaterais ou subprodutos da entrada de uma nova forma no sistema. (DUARTE, 2012, p. 13).

Tendo isto em mente, a teoria utilizada no presente estudo para a formulação das hipóteses e para o levantamento dos grupos de fatores utilizados na codificação dos dados é a teoria de Princípios e Parâmetros de Chomsky, formulada em 1981, a partir de comparações entre o comportamento do inglês e do italiano. Contudo, a teoria foi sendo reformulada ao longo do tempo, à medida que novos estudos sobre as línguas humanas foram trazendo evidências adicionais ao seu desenvolvimento. Sendo assim, o item a seguir apresenta, brevemente, a evolução dessa teoria.

2.2.1. “Parâmetros” do sujeito nulo – a evolução desde a sua formulação

O parâmetro *pro-drop* foi inicialmente proposto por Chomsky (1981) para diferenciar as línguas existentes no que diz respeito à possibilidade de realização fonética do sujeito através de um pronome ou não. A partir de um contraste entre o inglês e o italiano, o autor postulou que o que distinguiria as línguas entre si seria o elemento de concordância, que tornaria possível uma recuperação do sujeito nulo em línguas com um paradigma flexional rico. Ou seja, a riqueza flexional do paradigma verbal estaria diretamente ligada à possibilidade de omissão do sujeito pronominal.

Contudo, com a publicação do estudo de Huang (1984) sobre o chinês, língua que não possui flexões em seu paradigma verbal e, ainda assim, licencia sujeitos nulos, a forte ligação entre a riqueza flexional e o licenciamento do sujeito nulo foi abalada, fazendo com que esta não fosse mais entendida como a única responsável pela possibilidade de ocorrência do fenômeno.

O trabalho de Jaeggli & Safir (1989), partindo das descobertas de Huang para o chinês, postulou que, se um paradigma verbal é considerado morfológicamente uniforme, isto é, se apresenta formas derivadas (com desinências de tempo, modo, número e pessoa) ou não derivadas (formadas apenas pelo radical verbal), ele licenciará o sujeito nulo. No caso das formas derivadas, o sujeito será identificado pelas desinências do verbo, como acontece, por exemplo, no espanhol e no italiano. No caso das formas não derivadas, o sujeito nulo poderá ser identificado pelo tópico do discurso, que é o que acontece no chinês.

Em seguida, Roberts (1993), através da análise do francês antigo, postulou que o sujeito nulo também poderia ser licenciado se o paradigma flexional fosse “funcionalmente” rico, ou seja, se o paradigma apresentasse uma desinência zero e apenas um sincretismo (utilização da mesma forma verbal para mais de uma pessoa do discurso). Assim, o autor opôs a riqueza formal (como a do italiano) à riqueza “funcional”, como, por exemplo, a do PE. Caso houvesse mais de um sincretismo, a língua perderia sua capacidade de identificação do sujeito nulo, o que parece ser o caso do PB.

Em trabalho mais recente, Roberts e Holmberg (2010) acreditam na existência não de um Parâmetro do Sujeito Nulo, mas de “Parâmetros”, que permitiriam, em relação à representação do sujeito:

- 1) línguas que **não** admitem sujeito nulo em estruturas neutras (como o inglês);
- 2) línguas de sujeito nulo **consistente**, que distinguem, em geral, as pessoas gramaticais e os tempos verbais através de uma morfologia flexional rica (espanhol, italiano, PE);
- 3) línguas de sujeito nulo **expletivo**, que não permitem sujeitos nulos em sentenças com sujeitos referenciais, apenas em sentenças impessoais (como o alemão);
- 4) línguas de sujeito nulo **radical**, que não apresentam marca de concordância, mas permitem sujeitos nulos sob circunstâncias discursivas apropriadas (chinês, japonês);

5) Línguas de sujeito nulo **parcial**, que permitem a não realização dos sujeitos expletivos (de sentenças impessoais), *quasi*-argumentais (com verbos climáticos) e de sujeitos referenciais com certas restrições de contexto (finlandês, PB).

Como exemplificado acima, acredita-se que o PE esteja entre as línguas de sujeito nulo consistente, pois não sofreu redução no paradigma flexional do verbo como o PB, que foi considerado por Roberts e Holmberg uma língua de sujeito nulo parcial, já que admite ocorrências de sujeitos nulos em contextos restritos. Entretanto, Duarte (a sair) discute a inclusão do PB como um sistema de sujeito nulo parcial, uma vez que as estruturas com nulos apresentadas pelos autores não se encontram em distribuição complementar; antes, elas estão em variação com estruturas em que o sujeito é preenchido. Como essa discussão foge ao escopo deste trabalho, deixaremos essa questão. Nosso interesse é ver o que dizem as descrições gramaticais sobre o comportamento do sujeito no PE.

O artigo de Duarte (2015) mostra que a associação do modelo de estudo da mudança de Weirich, Labov & Herzog (2006 [1968]) com a teoria linguística de Princípios e Parâmetros a partir dos anos 1980, quando o estudo da variação ainda não interessava à Teoria Gerativa, mostrou-se muito produtiva para estudos empíricos sobre mudanças em marcações paramétricas atestadas no PB. Para comprovar a produtividade desta associação, a autora apresentou estudos variacionistas sobre a representação do sujeito no PB, estudos estes já mencionados no Capítulo 1. Assim, justifica-se a associação feita neste trabalho.

2.2.2 O sujeito nulo no PE

Como aponta a autora do capítulo sobre o sujeito nulo do Português Europeu, Maria Lobo, na *Gramática do Português* (Raposo et alii, 2013), a omissão de um pronome no PE não ocorre livremente. Como é amplamente discutido, desde que se formulou o Parâmetro do Sujeito Nulo, a autora aponta contextos em que o pronome não pode ser omitido ainda que a morfologia verbal ajude a identificar a pessoa gramatical da sentença. Este o caso dos seguintes contextos (LOBO, 2013, p. 2333):

(a) sentenças com estrutura de clivagem;

(1) Fui *eu* que abri a porta .

(b) estruturas em que o sujeito é diretamente modificado por um advérbio como “só” ou “também”;

(2) [Só *eu*] sei o que sofri!

(c) orações imperativas com sujeitos em contraste;

(3) A – Atende o telefone!

B – Atende *tu*!

(d) frases com inversão entre sujeito e verbo também indicando contraste;

(4) Às três horas, chegou a Ana, às cinco horas, a Laura, e às seis, cheguei *eu*.

(e) respostas a orações interrogativas quando o sujeito for a informação nova.

(5) A – Quem quer casar com a carochinha?

B – Quero *eu*!

Ou seja, todos os casos apontados são estruturas de foco e contraste, e, como sabemos, não se pode produzir ênfase ou contraste com categorias vazias.

A autora diz que os sujeitos de 1ª e 2ª pessoas que tem a morfologia verbal rica, podendo ser facilmente identificados quando o sujeito não está expresso, não apresentam grandes restrições. Porém, quando se trata da 3ª pessoa, é preciso que haja “um referente no contexto situacional ou um antecedente linguístico no contexto discursivo” (Lobo, 2013, p. 2331) para que o sujeito nulo aconteça.

No que diz respeito à 3ª pessoa, se o sujeito for correferencial a outro anteriormente apresentado, será preferido o sujeito nulo, o que é perfeitamente esperado nas Línguas de Sujeito Nulo (6a). Caso a referência dos dois sujeitos seja diferente, a preferência será pelo pronome expresso, como mostra o exemplo dado pela autora (6b) (p. 2334):

(6) a. Quando João chegou a casa, [-] pulou de alegria. ([-] = o João)

- b. Quando o João chegou a casa, *ele* pulou de alegria. (ele = outra pessoa diferente do João)

Em suma, o que a autora diz é empiricamente demonstrado na análise de Duarte (1995) brevemente apresentada no Capítulo 1. O que os dados do PE oral acrescentam é um fato que escapa à descrição de Lobo: o sujeito de primeira pessoa é o mais pronunciado apesar da flexão exclusiva. Esse resultado encontra uma explicação na análise empírica de Marins (2009) para o italiano oral – o falante tende a expressar o sujeito de primeira pessoa quando retoma o turno, se reintroduzindo no discurso.

2.3. Refinando objetivos e hipóteses de trabalho

2.3.1. Objetivos

O presente trabalho tem como objetivo analisar a representação do sujeito de referência definida no PE, nas três pessoas do discurso, utilizando uma amostra de peças de teatro escritas ao longo dos séculos XIX e XX, para comparação com os resultados obtidos na análise de Duarte (1993) e Duarte, Mourão e Mendonça (2012) para o PB, que cobrem o mesmo período.

2.3.2. Hipóteses de trabalho

Como o PE não sofreu mudanças significativas em seu paradigma verbal, a hipótese central é a de que os sujeitos nulos superem amplamente os sujeitos expressos, confirmando resultados para a fala espontânea (Duarte, 1995; não publicado). Além disso, as seguintes hipóteses foram levantadas:

(a) diferentemente do PB, que evoluiu de língua de sujeito nulo “consistente” para língua de sujeito nulo “parcial”, espera-se que o PE, considerado língua de sujeito nulo “consistente”, apresente regularidade na representação do sujeito nas três pessoas do discurso ao longo do tempo, com preferência pelo sujeito nulo;

(b) considerando os resultados para a fala, espera-se que o sujeito de primeira pessoa do singular revele índices mais altos de realização fonética do que os de segunda e terceira;

(c) em decorrência do seu estatuto de língua de sujeito nulo consistente, espera-se que, no PE, não se observem fortes restrições estruturais à ocorrência de sujeito nulo atestadas no PB, como a existência de um antecedente na mesma função ou um tópico no contexto adjacente, sem a presença de elementos intervenientes, devendo o sujeito ser expresso apenas em casos de real ambiguidade na interpretação de um sujeito nulo;

(d) ainda como língua de sujeito nulo “consistente”, o PE deve inibir o uso de pronomes expressos para referentes não animados.

O Capítulo 3 apresentará os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho.

CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, descrevo os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho, tanto para a coleta quanto para o tratamento dos dados. Para isso, a seção 3.1 descreve a amostra de peças de teatro portuguesas utilizadas no trabalho e a seção 3.2 apresenta, com exemplos, os grupos de fatores levantados para nossa análise, a partir dos resultados apontados em trabalhos anteriores.

3.1. A amostra com peças de teatro

Assim como os trabalhos de Duarte (1993) e Duarte, Mourão e Santos (2012) para o PB, entre tantos outros, o presente trabalho utiliza como *corpus* peças de teatro, desta vez portuguesas, escritas nos séculos XIX e XX. Ao longo destes dois séculos, seguindo os moldes de Duarte (1993), as peças foram distribuídas em sete períodos de tempo, dois períodos para o século XIX e cinco para o século XX. Tal como se procedeu no texto de Duarte, Mourão e Santos (2012), quando o número de peças teve de ser aumentado para a análise dos sujeitos de terceira pessoa, procuramos selecionar peças escritas em momentos próximos das datas em que foram produzidas as peças utilizadas em Duarte (1993). O período I diz respeito às peças escritas por volta de 1850; o período II engloba as peças escritas por volta dos anos 1870; no período III, estão as peças escritas no primeiro quartel do século XX, pelos anos de 1910; o período IV diz respeito às peças escritas por volta dos anos de 1930; o período V é o que contém as peças escritas por volta dos anos de 1950; no período VI estão as peças escritas por volta dos anos 1970; e, por fim, no período VII, a sincronia mais recente, estão as peças escritas na década de 1990.

A tabela abaixo mostra os títulos das peças utilizadas para representar cada período com o ano de publicação, bem como o nome do autor.

Tabela 12. Peças de teatro e autores distribuídos ao longo dos períodos de tempo

Período	Peça (ano de publicação)	Autor
Período I [1848-1857]	Casar ou meter freira (1848)	Antônio Pedro Lopes de Mendonça
	Nem tudo o que luz é ouro (1849)	João de Andrade Corvo
	A domadora de feras (1857)	Luís Augusto Palmeirim

Período II [1871-1879]	Clero, nobreza e povo (1871) Quem desdenha... (1874) Paris em Lisboa (1879)	César de Lacerda Pinheiro Chagas Carlos de Moura Cabral
Período III [1912-1919]	O álcool (1912) Cavalheiro respeitável (1914) Antes de começar (1919)	Bento Mântua André Brun Almada Negreiros
Período IV [1931-1934]	Três gerações (1931) Continuação de comédia (1931) A prima Tança (1934)	Ramada Curto João Pedro de Andrade Alice Ogando
Período V [1954]	Alguém terá que morrer (1954)	Luiz Francisco Rebello
Período VI [1975-1981]	Prólogo alentejano (1975) A lei é a lei (1977) O grande mágico (1979) A quatro estações (1981)	Luiz Francisco Rebello Romeu Correia
Período VII [1996]	Um filho (1996)	Luísa Costa Gomes

Em alguns períodos, fez-se necessário coletar dados de mais peças para que o número de dados por período e por pessoa gramatical ficasse equilibrado. Além de o tamanho das peças ser diferente, sendo algumas muito curtas, dados de terceira pessoa são menos frequentes dos que os de primeira e segunda, o que exige o aumento da amostra.

Sempre que peças de teatro são usadas como *corpus* para análises linguísticas sobre mudança, surge o questionamento sobre até que ponto as falas dos personagens das peças refletem a língua realmente falada da época em que ela foi escrita, por se tratar de um texto escrito, já que a coleta de dados é feita a partir do *script* da peça. Contudo, se pegarmos os resultados obtidos em Duarte (1993), para a peça brasileira escrita no período VII, que corresponde a 1992, e os compararmos com os resultados do estudo sincrônico de Duarte (1995) para a fala culta carioca, poderemos perceber que ambos são muito próximos, ainda que não sejam idênticos. Tal proximidade permite que a utilização das peças de teatro, particularmente as comédias e outros textos mais leves, seja justificada como *corpus* confiável para análise da norma da época, pois, ainda que não

reflita fielmente a língua em uso, representa uma tendência de cada período de tempo. Todas as peças têm em comum o fato de versarem sobre situações comuns do cotidiano de qualquer pessoa, algumas até apresentando críticas sociais ou a algum estilo de vida.

Um outro aspecto a ser ressaltado é o fato de que alguns autores podem aparecer em períodos diferentes. Trata-se de autores longevos, como Luiz Francisco Rebello, com vasta produção. Decidimos manter esse autor, porque temos evidências de que, quando ocorre alguma mudança linguística, tais autores são sensíveis a elas, como é o caso de Millôr Fernandes, autor igualmente longo e de vasta produção, que apresenta comportamento diferente em peças escritas nos anos 1950 e na década de 1980 (Duarte, 1993).

3.2. Os grupos de fatores

Foram levantados 13 grupos de fatores para a realização da análise quantitativa. Como já mencionado, excluimos ocorrências de ênfase (1) ou contraste (2), como ilustramos a seguir:

- (1) Heitor - Claro, nem eu me atrevia a casar contigo sem a aprovação do primo e da tia Deus me livre. Uma mulher divorciada! Eles nem sonhavam que existia tal coisa! E com um filho ainda por cima! Que escândalo! E **eu** é que era o boémio!

(Um filho – Luisa Costa Gomes, 1996)

- (2) O agente – Se **tu** és teimoso, olha que **eu** ainda sou mais.

(A lei é a lei – Luiz Francisco Rebello, 1977)

A seguir, todos os grupos utilizados neste trabalho são explicados e exemplificados com dados das peças portuguesas, extraídos da nossa amostra.

3.2.1. A variável dependente

O primeiro grupo diz respeito à variável dependente, que, no caso deste trabalho, são as possíveis expressões do sujeito nas diferentes pessoas: nulo ou pleno. Uma das hipóteses do trabalho é a de que o PE apresentará índices de sujeitos nulos mais altos que

de sujeitos plenos por ser uma língua de sujeito nulo **consistente** (Roberts e Holmberg, 2010). Por isso, o valor de aplicação durante a análise dos dados será o sujeito nulo.

3.2.2. As variáveis independentes

Fatores de natureza linguística

- **Estruturais**

- **Pessoa e número gramatical**

Este grupo diz respeito às pessoas do discurso: primeira, segunda e terceira pessoas do singular e do plural. Esse grupo possibilitará, durante a análise, perceber se há diferença na representação do sujeito nas diferentes pessoas ao longo do tempo.

No que diz respeito à primeira pessoa, foram considerados dados com “eu” e “nós”, podendo estar nulos ou plenos, como mostram os exemplos (3) e (4) abaixo. Além disso, foi considerado o uso do “a gente” para expressão da primeira pessoa do plural, como também mostra o exemplo (5) abaixo.

- (3) a. Tança – Se tu tivesses sido sempre cego, talvez me tivesses visto. Seja onde for que a desgraça te leve, para mim és sempre o mesmo...

Ele – E pensar que **Ø1ps** te fiz sofrer tanto!

(A prima Tança – Alice Ogando, 1934)

- b. Alfredo – É uma felicidade imensa para mim escrever uns versos consagrados a V. Ex^a.

A Condessa – Mas já. **Eu** queria versos que nascessem como nascem as flores do campo; sem cultura, espontâneos. A poesia estudada, calculada pelo pensamento...

Alfredo - Não é a poesia do coração.

(Nem tudo o que luz é ouro – João Andrade Corvo, 1849)

- (4) a. Ele – Olha bem para mim, não com os olhos da tua alma, e vê como eu também mereço o escárnio, como eu também sou ridículo, e, todavia, caminho na vida de olhos fitos no nosso amor.

Tança – Há vinte e cinco anos, como hoje, **Ø1pp** falávamos à janela.

(A prima Tança – Alice Ogando, 1934)

- b. A avó – Ó, Rosa, tu não sabes o que estás a dizer! Olha que tu estás ainda em muito boa idade...

A neta – Não te zangues, *vovó*. Isto é a brincar. E senta-te aqui que **nós** precisamos conversar a sério...

(Três gerações – Ramada Curto, 1931)

- (5) O agente – Se tu és teimoso, olha que eu ainda sou mais. Dizes o que **a gente** precisa de saber, e pronto. Acaba-se com isto. Já.

(A lei é a lei – Luiz Francisco Rebello, 1977)

Já em relação à segunda pessoa, foram considerados dados com “tu” e “vós”, como mostram os exemplos em (6) e (7), mas também foram levados em conta dados com “você” e “vocês”, exemplos em (8), bem como formas de tratamento, como, por exemplo “o senhor”, “a senhora”, “Vossa Excelência” etc, como mostram os dados em (9). As formas de tratamento, apesar de se referirem a segunda pessoa, combinam-se com formais verbais de terceira pessoa.

- (6) a. Tança – Se tu tivesses sido sempre cego, talvez **Ø2ps** me tivesses visto. Seja onde for que a desgraça te leve, para mim és sempre o mesmo...

(A prima Tança – Alice Ogando, 1934)

- b. A condessa – Mas... – Tu não eras tão indiferente... não eras assim... Escuta-me, conde; eu preciso de ti, tenho necessidade do teu amor: sinto-me fraca sem ele... tenho medo.

O conde – Medo! **Tu** nem sabes o que dizes! Medo de quê?

(Nem tudo o que luz é ouro – João de Andrade Corvo, 1849)

- (7) a. Sofia – Mas não vê que morro de impaciência!

Padre Anselmo – Credo! Agora **Ø2pp** morreis! Para melhor vos quer Deus... e eu!

(Clero, nobreza e povo – César de Lacerda, 1871)

- b. Sofia (rindo) – Ah! Procure, abade! Revolva tudo, que encontra.

Padre Anselmo – Sim... sim... (*consigo*) O que **vós** quereis é ficardes sós, meus espertalhões!

(Clero, nobreza e povo – César de Lacerda, 1871)

- (8) a. Jacques - Então, não adivinha?

Lívia - Sumo de espinafres?

Heitor - Sopa de *lasagnaverde*?

Lívia - Quantas tentativas é que ainda temos?

Heitor - (*cansado*) Quantas coisas verdes é que há no mundo? *Cocktail* de pernas de rã?

Lívia - Oh, Jacques, eu acho que desisto, se **você** não se importa.

(Um filho – Luísa Costa Gomes, 1996)

- b. Palmira - Não, senhor engenheiro. Diz que é um assunto muito urgente...

Que sabe perfeitamente que os senhores estão em casa...

Rui (*às outras duas*) - **Vocês** estão a ouvir isto? É espantoso!

(Alguém terá de morrer – Luiz Francisco Rebello, 1954)

- (9) a. Luís – Não ouça o que ele diz, minha senhora. Tudo vai dos mestres.
 Amélia (a meia voz) – \emptyset_{2ps} Aprende tudo o que lhe ensinam pelo coração?
 (A domadora de feras – Luis Augusto Palmeirim, 1857)
- b. A condessa – Escuta, Mariana. Não quero que me tornes a falar... nesse homem.
 A aia – Farei o que **V. Ex^a** me manda. – Mas a verdade é que o Sr. Alfredo...
 (Nem tudo o que luz é ouro – João de Andrade Corvo, 1849)

Por último, a terceira pessoa é representada por dados que retomam um antecedente, seja por meio dos pronomes “ele/ela” e “eles/elas”, ou por uma categoria vazia, que são analisados e codificados levando em conta características semânticas e estruturais do antecedente, como será explicado mais à frente nesta seção. Os exemplos abaixo ilustram a terceira pessoa sendo retomada pela forma não expressa em (10a) e pelo pronome expresso em (10b).

- (10) a. Sofia – Isto é, não sei se seriam verdadeiras as informações que obtive de... de [**uma nova amiga... de Lisboa**]_i.
 Major - E **essa**_i disse que...
 Sofia - Pouco, mas expressivo, suficiente para meu governo. \emptyset _i Disse-me que [**o barão de Pradolim**]_k é pobre, pobríssimo: \emptyset _k herdou a casa já empenhada e ficando muito moço senhor de si, \emptyset _k malbaratou o que lhe restava em toda a casta de desperdícios; mulheres, jogo, jantares... enfim, um completo extravagante.
 (Clero, nobreza e povo – César de Lacerda, 1871)
- b. Amélia – Como os cavalos se não domesticam tão facilmente como outros animais, aconteceu que [**o Sr. Roque**]_i já estava no chão antes de chegar a São Sebastião da Pedreira. Não que **ele**_i monte mal, honra lhe seja feita; mas segura-se pouco.
 (A domadora de feras – Luis Augusto Palmeirim, 1857)

Em uma análise geral das três pessoas ao longo do tempo, o que se espera é que haja preferência por sujeitos nulos em todas as pessoas do discurso e que o índice de sujeitos preenchidos da terceira pessoa seja ainda mais baixo que os de primeira e segunda, independentemente de se tratar de pronome ou forma de tratamento, como mostrou o artigo de Duarte (1995) para a fala espontânea do PE.

– Ordem sujeito-verbo

Este grupo diz respeito à ordem em que o sujeito e o verbo se encontram na sentença em análise. Por não ser possível identificar em que posição estaria o sujeito em relação ao verbo em sentenças com sujeito nulo, esse fator se aplica somente às frases com o sujeito expresso. No entanto, os resultados permitirão relacionar a ordem preferencial de um sujeito nulo num determinado momento a partir da posição de um pronome expresso.

Em contextos de sujeito expresso, espera-se que a ordem predominante seja a SV, que é considerada a representação não-marcada. Entretanto, nas primeiras sincronias analisadas por Duarte (1993), as sentenças com o verbo em posição inicial, em geral, apresentam sujeito posposto. Isso é válido para sujeitos lexicais e não pronominais.

– Padrão sentencial – exclusivo da terceira pessoa

O padrão sentencial diz respeito apenas à terceira pessoa por conta de seu caráter anafórico e se refere à acessibilidade do antecedente pelo falante. A hipótese é de que antecedentes com a mesma função são mais acessíveis, favorecendo o sujeito nulo, como mostram os resultados sincrônicos de Duarte (2007), para a fala e a escrita, e os diacrônicos de Duarte, Mourão e Santos (2012), para o PB. Supõe-se que o mesmo acontecerá no PE, mesmo que com índices de preenchimento muito menores do que os encontrados para o PB.

Exemplificamos a seguir os padrões já ilustrados no Capítulo 1 deste trabalho, desta vez com dados da nossa amostra:

- (11) Padrão 1 – antecedente no mesmo período e na mesma função sintática do sujeito em análise

a. Heitor - Ah, não sei. Já vi coisas mais estranhas. Se, por exemplo, [**o condutor**]_i afirmasse que ø_{3ps}_i era um tipo chamado Agamémnon, aí eu era capaz de desconfiar, ainda por cima se ele se parecesse, de facto, com o Agamémnon.

(Um filho – Luísa Costa Gomes, 1996)

b. D. Emília – Que singular mania a deste Alfredo! Andar repetindo as suas composições por toda a parte, e a toda a gente! – ø_{3ps}_i Estava a dizer-te alguma das suas obras, como **ele**_i lhes chama, alguns versos...

(Nem tudo o que luz é ouro – João Andrade de Corvo, 1849)

- (12) Padrão 2 – antecedente está no período adjacente, mas também está na mesma função sintática de sujeito ou é um tópico estrutural ou discursivo

a. Barão – Não mos autorizou; de acordo: mas, que quer? [**O coração**]_i não conhece essas filosofias... Quando **ø3ps_i** ama, ama; quando **ø3ps_i** vê outro disputar-lhe a posse, azeda-se-lhe a ternura, descrê do futuro, julga impossível a reciprocidade, e... e tem zelos, em conclusão!

(Clero, nobreza e povo – César de Lacerda, 1871)

b. Heitor - E não se imagina a dificuldade que é encontrar [**uma secretária que faça um café decente**]_i. Se **ela_i** não se vestisse como a Mata-Hari seria a secretária perfeita.

(Um filho – Luísa Costa Gomes, 1996)

- (13) Padrão 3 – antecedente na mesma função sintática de sujeito, mas há elementos intervenientes, ou a intervenção de um interlocutor, entre a oração onde se encontra o antecedente e a que apresenta o sujeito em análise

a. O conde – [**A condessa**]_i não lhe pediu nunca para lhe escrever no álbum?
Alfredo – Nunca.

O Conde – **ø3ps_i** Tem tido receio talvez...

(Nem tudo o que luz é ouro – João Andrade de Corvo, 1849)

b. Heitor - Já reparaste que [**o tipo**]_i está aqui há um mês?

Lívia – É claro que já reparei.

Heitor - Bom, mas é que [**ele**]_i não faz nada, não faz a ponta de um corno! Passa o dia deitado na cama, bebe o leitinho, come os cereais, vê televisão...

(Um filho – Luísa Costa Gomes, 1996)

- (14) Padrão 4 – O antecedente está em função sintática diferente da de sujeito, havendo ou não elementos intervenientes

a. Barão – Bravo! Isso honra muito a memória d[**o seu defunto**]_i!

Sofia – E honra mesmo: quer dizer que **ø3ps_i** não era homem de excepções; **ø3ps_i** não quis nunca desacreditar o seu sexo.

(Clero, nobreza e povo – César de Lacerda, 1871)

b. Heitor - Tu eras capaz de confiar n[**o Zé do Telhado**]_i; se **ele_i** te fizesse uns olhos ternos e apelasse para o teu bom coração, para os teus sentimentos humanitários. Rai's parta o bom coração!

(Um filho – Luísa Costa Gomes, 1996)

– Elemento entre CP e IP

Este grupo tem por objetivo controlar a ocorrência de elementos entre as posições estruturais de CP e IP e verificar se teriam alguma influência na opção pelo sujeito preenchido. Os exemplos abaixo ilustram cada uma das possibilidades controladas por esse grupo de fatores: em (15a), temos um exemplo sem nenhum elemento; o exemplo (15b) ilustra a presença de uma negação; em (15c), há um exemplo de clítico; em (15d), um exemplo com advérbio “leve” aspectual e em (15e) um exemplo com mais de um desses elementos simultaneamente.

- (15) a. D. Isaura - Chorar não adianta nada. O que **tu** precisas é de tratar da tua vida.
(Cavalheiro respeitável – André Brun, 1914)
- b. Elias - Ó Inácio; eu, no teu lugar, mandava o rapaz para o hospital.
Inácio - Para quê? **Ele não** faz mal a ninguém. Depois, perdia dinheiro com isso.
(O álcool – Bento Mântua, 1912)
- c. D. Emília – Que singular mania a deste Alfredo! Andar repetindo as suas composições por toda a parte, e a toda a gente! – Estava a dizer-te alguma das suas obras, como **ele lhes** chama, alguns versos... (p. 218)
(Nem tudo o que luz é ouro – João Andrade de Corvo, 1849)
- d. Marta - Olha, minha filha, **ø1ps não** venho com paciência nem tenho tempo para te aturar. Além disso, já conheço os teus sermões de cor e salteado. Escusas portanto de me impingir uma vez mais o que **eu já** estou farta de ouvir dezenas de vezes.
(Alguém terá de morrer – Luiz Francisco Rebello, 1954)
- e. Augusta - Pois devias aprender a dominar-te. Toda essa loucura que vai pelo mundo fora deve-se, justamente, aos homens não saberem dominar-se. Gabriela... Gabriela! Estou a falar contigo!
Gabriela - Mas se **eu já lhe** disse que não tenho nada!
(Alguém terá de morrer – Luiz Francisco Rebello, 1954)

– Estrutura do CP

Como atestado para a fala espontânea do PE em Duarte (1995), a estrutura do CP influencia a representação do sujeito de referência definida. Como mencionado no Capítulo 1, as estruturas em que Spec de CP estava preenchido, ou seja, em orações relativas ou interrogativas diretas ou indiretas, pareciam ser mais propensas ao preenchimento do sujeito. Assim, espera-se encontrar os mesmos resultados nas peças de teatro. Os exemplos em (16) abaixo ilustram as estruturais possíveis do CP: em (16a), é mostrada uma sentença raiz, sem nenhum elemento em CP; em (16b), há sentenças completivas ou adverbiais, em que as conjunções subordinativas integrantes ou adverbiais

ocupam a posição de núcleo do CP; por fim, em (16c), temos um exemplo de oração relativa, com o pronome relativo ocupando a posição de Spec de CP:

- (16) a. D. Emília – **Ele** já te falou nas suas desventuras; na fatalidade tremenda que pesa sobre sua cabeça...?

(Nem tudo o que luz é ouro – João de Andrade Corvo, 1849)

- b. Heitor - Ah, não sei. Já vi coisas mais estranhas. Se, por exemplo, [**o condutor**]; afirmasse que ~~o~~3ps_i era um tipo chamado Agamémnon, aí eu era capaz de desconfiar, ainda por cima se ele se parecesse, de facto, com o Agamémnon.

(Um filho – Luísa Costa Gomes, 1996)

- c. A filha – Ah! Sim, lembra bem... Não vamos mais longe, marcou essa hora... E há perto de quatro anos, na noite em que **eu** entrei aqui a pedir-lhe que me recebesse outra vez na sua companhia, que me acolhesse, porque toda a minha vida tinha desabado, era interessante saber se ele também marcou essa...

(Três gerações – Ramada Curto, 1931)

- **Semânticos**

- **Ação dos participantes no diálogo – exclusivo da primeira pessoa**

Este grupo procura refinar a análise da primeira pessoa do discurso, com base em Marins (2009), e considera se o falante está se introduzindo na conversa pela primeira vez, se ele está retomando o turno porque foi interrompido por outro participante da conversa, ou se está apenas continuando o turno de fala, isto é, se está apenas continuando seu raciocínio sem ter sido interrompido e já tendo se introduzido na conversa anteriormente. O exemplo em (17a) abaixo ilustra a introdução do falante na conversa; o exemplo em (17b) ilustra a retomada do turno e o (17c) a continuação do turno:

- (17) a. A Condessa (*chorando*) - Enganei-me... julguei que era amada; foi uma ilusão!

O Conde - Ora, minha rica Laura, não te aflijas, que não tens razão para isso.

Eu amo-te muito, mas não to posso estar sempre a dizer.

(Nem tudo o que luz é ouro – João de Andrade Corvo, 1849)

- b. D. Isaura - Com poucos dinheiros... É o que eu te digo ou não é? Tu assim nunca tiravas o pé do lodo. Foi um bem para ti ele deixar-te.

Albertina - Não diga isso, D. Isaura.

D. Isaura - **Eu** também fui rapariga e sei o que são essas coisas. Também por cá passaram. A minha perdição foi um sargento de lanceiros, chamado Vitorino, que até pancada me dava.

(Cavalheiro respeitável – André Brun, 1914)

c. Ele – Olha bem para mim, não com os olhos da tua alma, e vê como **eu** também mereço o escárnio, como **eu** também sou ridículo, e, todavia, **Ø1ps** caminho na vida de olhos fitos no nosso amor.

(A prima Tança – Alice Ogando, 1934)

No que diz respeito à introdução do falante na conversa, espera-se encontrar relevantes índices de preenchimento, pois há uma mudança de tópico, ou seja, o falante se reintroduz. Como já dissemos na seção anterior sobre os resultados para o PE oral, a estratégia de preenchimento do sujeito para introdução do falante no discurso já foi atestada por Marins (2009). Em línguas de sujeito expreso, como o francês, nesses casos, é frequente encontrar o sujeito deslocado, como em *moi, je*. Da mesma maneira, espera-se um índice de preenchimento relativamente alto quando o participante estiver retomando o turno de fala. Já em relação à continuação do turno, espera-se que os índices de sujeitos expressos sejam mais baixos que os de nulos, pois o falante já está introduzido na conversa. Por se tratar de uma língua de sujeito nulo consistente, o sujeito nulo, nesse caso, é esperado como a opção preferencial no PE.

– Força ilocucionária

Consideramos que seria relevante levar em conta se o sujeito se encontra em uma oração interrogativa, como mostra o exemplo em (18a), em uma sentença declarativa, como em (18b), ou em uma sentença exclamativa, como mostra o exemplo em (18c).

(18) a. A Condessa - Como **Ø1ps** hei-de tapar os ouvidos, se ele_i me falar com aquelas palavras apaixonadas que \emptyset _i põe nas suas poesias?

(Nem tudo o que luz é ouro – João de Andrade Corvo, 1849)

b. A neta – Não te zangues, *vovó*. Isto é a brincar. E senta-te aqui que **nós** precisamos conversar a sério...

(Três gerações – Ramada Curto, 1931)

c. Tança – Se tu tivesses sido sempre cego, talvez me tivesses visto. Seja onde for que a desgraça te leve, para mim és sempre o mesmo...

Ele – E pensar que **Ø1ps** te fiz sofrer tanto!

(A prima Tança – Alice Ogando, 1934)

Ao analisar esse grupo de fatores, espera-se encontrar índices maiores de preenchimento em sentenças interrogativas, por causa da presença de elementos em Spec

de CP, e também nas exclamativas, que podem ser iniciadas por um pronome e, mesmo na sua ausência, podem carregar maior ênfase.

– **Feixe de traços semânticos – exclusivo da terceira pessoa**

Este grupo de fatores também está relacionado à terceira pessoa apenas e utiliza as combinações propostas em Cyrino, Duarte e Kato (2000). Assim, sujeitos de terceira pessoa podem ter os traços [+/-humano], combinados com os traços [+/- específico]. Tal interação interfere no processo de mudança, como mostrado em Duarte, Mourão e Santos (2012) para a terceira pessoa no PB, fazendo com que referentes com o traço [-humano] resistam mais ao processo de mudança do que aqueles com o traço [+humano]. A hipótese deste trabalho é a de que, mesmo que o índice de preenchimento dos sujeitos do PE seja bastante inferior ao do PB, o traço [+humano] deve favorecer o preenchimento em relação ao [-humano]. Sujeitos com o traço [-humano] preenchidos não devem aparecer nos dados. Caso apareçam, serão casos raros.

Os exemplos abaixo ilustram sujeitos para as quatro combinações de traços possíveis:

(19) [+hum/+espec]

Heitor – **[O Hernâni]**_i já ultrapassou o estatuto de visita. **Ele**_i vive connosco.

Ø3ps_i Faz parte da família. Ou melhor, parte da mobília!

(Um filho – Luísa Costa Gomes, 1996)

(20) [+hum/-espec]

O Conde – **[Os maridos]**_i comem, bebem, falam, escrevem... e até ganham dinheiro; **Ø3pp**_i não vivem de ar, e de amor, como querem alguns romancistas.

(Nem tudo o que luz é ouro – João de Andrade Corvo, 1849)

(21) [-hum/+espec]

O Conde – Ai, minha pobre Laura, tens enchido essa cabeça de romances, e agora não pensas senão em amores poéticos. – **[Os casamentos neste mundo real]**_i... são cousas deste mundo; **Ø3pp**_i também têm a sua prosa.

(Nem tudo o que luz é ouro – João de Andrade Corvo, 1849)

(22) [-hum/-espec]

Alfredo - Considerado por este lado **[um baile]**_i é insípido, porque **Ø3ps**_i não passa de ser repetição desengraçada de uma peça que todos conhecemos cena por cena, gesto por gesto, palavra por palavra.

(Nem tudo o que luz é ouro – João de Andrade Corvo, 1849)

Fatores extralinguísticos

– Relação entre os interlocutores – exclusivo da segunda pessoa

Esse grupo observa o tipo de relação entre os participantes da conversa. Essa relação pode ser: (a) simétrica, quando os participantes têm o mesmo nível social ou são casados, portanto se tratam com intimidade; ou (b) assimétrica, quando os participantes da conversa são de classes sociais diferentes, como, por exemplo, uma conversa entre patrão e empregado, ou entre um homem do povo e algum membro de classe social mais alta ou mesmo que possui algum título que lhe confere *status* social hierarquicamente superior.

A hipótese subjacente à inclusão desse grupo é a de que, além de os pronomes e formas de tratamento, que se distribuirão segundo o tipo de relação, os sujeitos expressos preferirão as relações simétricas.

Além disso, esse grupo permitirá observar se as formas “você” e “vocês”, que ainda parecem coexistir com a forma pronominal “tu” e se comportar como pronome de tratamento no PE (Duarte, 1995), realmente se comportam dessa maneira, ou se, ao longo do tempo, já revelam um avanço em sua gramaticalização como pronomes. Caso se comportem como forma de tratamento, aparecerão em relações assimétricas ou de certa cerimônia e tenderão a ser nulas como as demais formas de tratamento.

Os exemplos em (23) abaixo mostram dados em que a relação é simétrica (23a) e assimétrica (23b, c).

- (23) a. Albertina - É isto mesmo. Tenho outro homem.
 Alfredo - Que me dizes **tu**?
 Albertina – **Ø2ps** Deixaste-me, não é assim? Pois pus um anúncio...
 (Cavalheiro respeitável – André Brun, 1914)
- b. A aia - Perdoe-me Sr.^a Condessa, mas **Ø2ps** não tem razão - O branco fica-lhe tão bem.
 A condessa - Talvez nos dias em que estou menos triste; mas hoje, com estes olhos... Tenho os olhos muito feios, não é assim, Mariana?
 (Nem tudo o que luz é ouro – João de Andrade Corvo, 1849)
- c. Padre Anselmo – Chis!... Se eu soubesse... Ora vejã!...
 Barão [muito sério] – Ó abade! **Você** está a mangar comigo?
 (Clero, nobreza e povo – César de Lacerda, 1871)

– O sexo do falante

Este grupo pretende controlar o gênero do falante nas peças a fim de observar se haveria alguma diferença entre a preferência por sujeitos nulos ou plenos entre homens e mulheres. Da mesma maneira, este grupo inclui um fator para codificar as falas produzidas por crianças. Acredita-se que as gerações mais jovens são as responsáveis por começar a implementar formas inovadoras na língua. Portanto, caso haja alguma tendência maior ao preenchimento do sujeito, por exemplo, ela deverá começar a aparecer na fala dos mais jovens.

– Período de tempo

Como dito anteriormente, os dados levantados das peças portuguesas foram alocados em sete períodos de tempo ao longo dos séculos XIX e XX. Esta periodização seguiu os mesmos moldes propostos em Duarte (1993), visto que o objetivo final deste trabalho é o de fazer uma análise comparativa entre PB e PE.

– Autor

Como diferenças individuais não podem deixar de ser consideradas e como temos um mesmo autor representando dois diferentes períodos, decidiu-se codificar cada autor levando em conta o ano de seu nascimento além do ano em que a peça analisada foi escrita.

A codificação dos dados segue a metodologia Variacionista, que consiste na codificação dos dados segundo os fatores linguísticos e extralinguísticos elencados acima, que foram levantados seguindo o quadro teórico descrito no Capítulo 1. Os dados foram levantados através de leitura cuidadosa das peças de teatro portuguesas e, após a codificação, foram submetidos ao programa estatístico Goldvarb X (Tagliamonte, 2006) para a análise quantitativa.

O capítulo seguinte apresenta a análise dos dados.

CAPÍTULO 4 – A ANÁLISE

Neste capítulo, serão apresentados os resultados da análise dos dados coletados, tendo como *corpus* as peças de teatro portuguesas. Primeiro, no item 4.1, serão apresentados os resultados gerais. No item 4.2, será apresentada a análise da primeira pessoa; no 4.3, a análise da segunda pessoa e no 4.4, a da terceira pessoa. Em 4.5, serão apresentados os grupos selecionados pelo programa estatístico Goldvarb X para a realização do sujeito. E por fim, em 4.6, será feita uma comparação entre os resultados obtidos por Duarte (1993) para o PB e os do PE apresentados neste trabalho.

4.1. Resultados gerais

O total de dados coletados para este trabalho foi de 2444. Deste total, 75% são de sujeitos nulos e 25% de sujeitos plenos. Tais percentuais englobam as três pessoas gramaticais e as formas de tratamento. O gráfico 5 abaixo mostra a distribuição dos sujeitos nulos (vs. plenos) ao longo dos sete períodos de tempo, tanto para o PE, em vermelho, resultados que foram encontrados nesta análise, quando para o PB, com os resultados de Duarte (1993), em azul pontilhado.

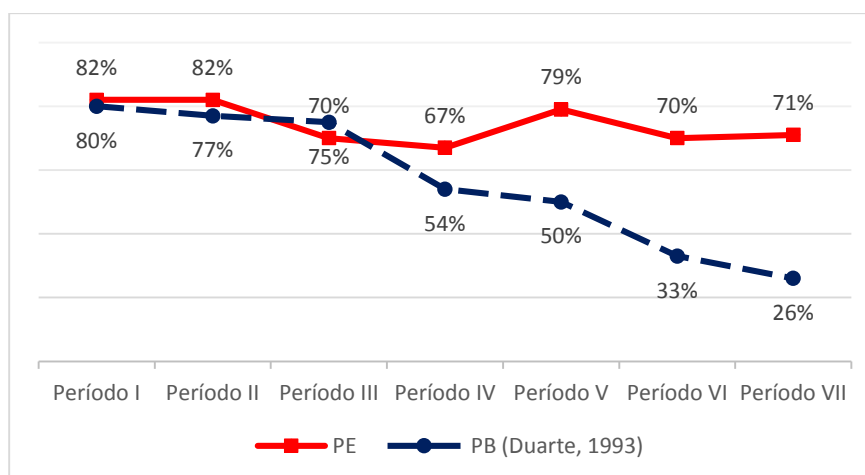


Gráfico 5. Distribuição geral dos sujeitos nulos (vs. plenos) ao longo do tempo no PE e PB

De acordo com o que é mostrado no gráfico acima, nas três primeiras sincronias, PE e PB apresentam índices de sujeitos nulos muito próximos. Contudo, é a partir do período IV, sincronia correspondente aos anos de 1930, que as duas variedades começam

a se distanciar, mostrando comportamentos opostos no que diz respeito à preferência na representação de seus sujeitos. Enquanto os índices do PB começam a cair, mostrando uma preferência pelo preenchimento, chegando a apenas 26% de sujeitos nulos no período VII, os índices do PE tendem a se manter constantes, alcançando 71% na última sincronia.

Para observar o efeito da ordem VS com sujeitos preenchidos, foi feito um cruzamento do grupo correspondente à ordem e o correspondente ao período de tempo. Foram encontrados ao todo 47 casos de ordem VS. Como mostra a Tabela abaixo, as quatro primeiras sincronias foram as que apresentaram maior percentual de sujeitos na ordem VS. A partir do período V, os percentuais começam a cair, atingindo zero no último período.

Tabela 13. Ocorrências de sujeitos pronominais preenchidos na ordem VS (versus SV) ao longo do tempo

	Ordem VS
Período I (1848-1857)	8/71 (11%)
Período II (1871-1879)	13/66 (20%)
Período III (1912-1919)	12/101 (12%)
Período IV (1931-1934)	7/109 (11%)
Período V (1954)	5/62 (8%)
Período VI (1975-1981)	2/113 (2%)
Período VII (1996)	0/103 (0%)

Seria necessária uma análise qualitativa dessas estruturas, distinguindo, por exemplo, sentenças interrogativas de declarativas. Como nosso interesse é a realização do sujeito, deixamos esse refinamento para um trabalho futuro. Sabemos, entretanto, que a entrada da clivagem no sistema, passa a favorecer a ordem SV no PE (Paula, em preparação). Podemos, entretanto, confirmar que a maioria das ocorrências com VS se encontra em interrogativas Q, e, conforme mostra Paula, essa ordem vem decrescendo no PE. Abaixo, seguem exemplos de ordem VS:

- (1) a. Roque – Que é? Que estás **tu** a rir dessa maneira? Querem ver que me fugiram os colarinhos? Esta maldita moda inglesa! Não percebo.

(A domadora de feras – Luís Augusto Palmeirim, 1857)

b. Albertina – E, de resto, não tenho nada com isso. Não vens cá há cinco dias? Tens andado por onde muito bem quiseste, com quem muito bem te apeteceu? Eu tratei da minha vida.
Alfredo - Que me dizes **tu**?

(Cavalheiro respeitável – André Brun, 1914)

c. Major – Afinal **o3ps** foi eleito deputado, vencendo o candidato do governo por 376 votos. (p. 452)

Sofia – Comprados?

Major – Onde havia **ele** ir buscar o dinheiro?

(Clero, nobreza e povo – César de Lacerda, 1871)

Como constatou Duarte (1993) para o PB, o comportamento das três pessoas gramaticais não é o mesmo no que diz respeito à mudança da representação dos sujeitos naquela variedade. Assim, para verificar o comportamento da primeira, segunda e terceira pessoas no PE, abaixo são apresentados os resultados para cada uma.

4.2. A primeira pessoa

A tabela abaixo apresenta os números obtidos na análise da primeira pessoa.

Tabela 14. Ocorrência de sujeitos nulos (vs. plenos) de primeira pessoa por período de tempo

	1ª p. singular	1ª p. plural	a gente
Período I (1848-1857)	119/142 (84%)	6/6 (100%)	--
Período II (1871-1879)	130/138 (94%)	9/9 (100%)	--
Período III (1912-1919)	89/113 (79%)	4/4 (100%)	--
Período IV (1931-1934)	83/116 (72%)	7/11 (64%)	--
Período V (1954)	88/111 (79%)	6/6 (100%)	--
Período VI (1975-1981)	76/96 (79%)	37/41 (90%)	0/18 (0%)
Período VII (1996)	75/107 (70%)	11/13 (85%)	--

É possível observar que o sujeito nulo é preferência em todos os períodos na primeira pessoa do singular, com índices sempre acima dos 70%. Entretanto, é interessante notar que as duas primeiras sincronias, que correspondem às duas metades

do século XIX, são as que apresentam maiores índices de sujeito nulo: 84% e 94% respectivamente. Ambas as sincronias são, também, as que apresentam maior número absoluto de dados, o que torna ainda mais significativas as porcentagens de sujeitos nulos. A partir do período III, nota-se uma queda no percentual de sujeitos nulos, mas mantendo o índice médio de 75%. Os exemplos em (2) abaixo ilustram a primeira pessoa do singular nula (2a) e plena (2b)

- (2) a. Rui – A tua mãe está?
 Gabriela - Não sei, pai. **Ø 1ps** Cheguei a casa há bocadinho.
 (Alguém terá de morrer – Luiz Francisco Rebello, 1954)
- b. Tança - Eras tão bonito! E é ainda assim que **eu** te vejo hoje. Apesar de tudo, conheci-te logo. A farda ficava-te tão bem!
 (A prima Tança – Alice Ogando, 1934)

No que diz respeito ao plural, nota-se que o número de ocorrências é bem mais baixo que o do singular. Contudo, o período VI, que corresponde aos anos de 1970, é o que apresenta maior número absoluto de dados de primeira pessoa do singular: dos 41 dados totais neste período, 37 são nulos, mostrando a preferência, também no plural, pelo sujeito não preenchido. Os exemplos em (3a, b) ilustram sujeitos nulos encontrados nesse período. Os exemplos em (3c, d, e, f) ilustram os únicos quatro sujeitos preenchidos encontrados no período VI.

- (3) a. 2º camponês do Outeiro – **Ø 1pp** Já somos setenta a trabalhar, com a ajuda dos soldados e de alguns estudantes que às vezes vêm ter connosco.
 (Prólogo alentejano – Luiz Francisco Rebello, 1975)
- b. O agente - Sim, senhor presidente, é verdade. **Ø 1pp** Separámo-nos. Quando fui preso **Ø 1pp** já estávamos separados. Coisas da vida.
 (A lei é a lei – Luiz Francisco Rebello, 1977)
- c. 1º camponês do Azinhal - Mas o que é que **nós** ganhamos com isso?
 (Prólogo alentejano – Luiz Francisco Rebello, 1975)
- d. O cantor - Sim, é uma história muito antiga. Chama-se *O Círculo de Giz* e é de origem chinesa. Mas **nós** vamos representá-la com muitas modificações, tal como a escreveu no fim da última guerra o poeta alemão Bertolt Brecht.
 (Prólogo alentejano – Luiz Francisco Rebello, 1975)
- e. O agente – **Nós** já sabemos tudo. Os outros deram com a língua nos dentes, foram mais espertos do que tu, safaram-se. A estas horas já estão lá fora, a rir-se de ti, e tu continuas aqui dentro.
 (A lei é a lei – Luiz Francisco Rebello, 1977)

f. O agente – Ah, sim. Esse não quis prestar declarações. Nem a gente o obrigava! E evidente que obedecia às ordens do partido. **Nós** conhecemos essa tática.

(A lei é a lei – Luiz Francisco Rebello, 1977)

Outro aspecto que pode ser observado é que, no período IV, há uma queda no percentual de sujeitos nulos tanto para o singular quanto para o plural. No singular, o índice de sujeitos nulos era de 79% no período III e caiu para 72% no período IV, retornando para 79% no período V. Já no plural, os sujeitos nulos eram categóricos até o período III, caindo para 64% no período IV, voltando a 100% no período V.

Ao contrário do que acontece no PB, a forma “a gente” não parece estar em concorrência com a primeira pessoa do plural “nós”. Isto se confirma a partir do momento em que, ao longo dos sete períodos de tempo, há, no total, 18 ocorrências de “a gente”, todas no período VI. As peças nas quais os sujeitos com “a gente” foram encontrados são do mesmo autor, Luiz Francisco Rebello. Em uma das peças, as ocorrências têm como referente um conjunto de pessoas (os camponeses, nos exemplos em 4a, b e outra os policiais, nos exemplos 4c, d). Isso mostra que se trata de fato de um uso pronominal, já inserido no paradigma da primeira pessoa do plural, embora ainda pouco implementado no sistema.

(4) a. 2ª camponesa - E daí? O dinheiro há-de chegar a seu tempo. **A gente** também não recebia quando a terra não era **nossa!** Agora é diferente.

(Prólogo alentejano – Luiz Francisco Rebello, 1975)

b. 1º camponês do Outeiro - **A gente** no Outeiro Velho não tem água canalizada. **Precisamos** da nascente do Azinhal como de pão para a boca...

(Prólogo alentejano – Luiz Francisco Rebello, 1975)

c. O agente - Se tu és teimoso, olha que eu ainda sou mais. Dizes o que **a gente** precisa de saber, e pronto. Acaba-se com isto. Já.

(A lei é a lei – Luiz Francisco Rebello, 1977)

d. O agente - Ah, sim. Esse não quis prestar declarações. Nem **a gente** o obrigava! E evidente que obedecia às ordens do partido. **Nós** conhecemos essa tática.

(A lei é a lei – Luiz Francisco Rebello, 1977)

4.3. A segunda pessoa

Na tabela a seguir, estão as ocorrências de sujeitos nulos de segunda pessoa direta (tu, vós) e indireta (você, vocês).

Tabela 15. Ocorrência de sujeitos nulos (vs. plenos) de segunda pessoa por período de tempo

	Singular		Plural	
	2ª pessoa (direta)	2ª pessoa (indireta)	2ª pessoa (direta)	2ª pessoa (indireta)
Período I (1848-1857)	55/61 (90%)	37/47 (79%)	--	--
Período II (1871-1879)	10/10 (100%)	50/79 (63%)	8/10 (80%)	--
Período III (1912-1919)	38/58 (66%)	19/47 (40%)	--	--
Período IV (1931-1934)	52/86 (60%)	14/19 (74%)	--	0/1 (0%)
Período V (1954)	64/85 (75%)	12/15 (80%)	--	2/5 (40%)
Período VI (1975-1981)	60/79 (76%)	14/20 (70%)	--	3/7 (43%)
Período VII (1996)	66/75 (88%)	14/20 (70%)	--	8/8 (100%)

Assim como na primeira pessoa, os dois primeiros períodos, correspondentes ao século XIX, são os que apresentam maiores percentuais de sujeitos nulos na segunda pessoa direta no singular (90% e 100%, respectivamente). É interessante notar, contudo, que há apenas 10 ocorrências de sujeito nulo de segunda pessoa direta no período II, porém, todas nulas. Há uma queda no percentual no período III (66%) e outra queda no período IV (60%). Assim como também ocorre com a primeira pessoa, o percentual sobe novamente a partir do período V (75%), alcançando 88% de sujeitos nulos na última sincronia.

A segunda pessoa direta do plural quase não apareceu nos dados desta amostra. Os únicos 10 dados encontrados são do período II. Todas as ocorrências, nulas ou plenas, foram encontradas na fala do abade, membro do Clero. O uso do “vós” é recorrente em textos da Bíblia, o que pode justificar o fato de esta forma ter sido encontrada somente na fala deste personagem específico. Abaixo, em (5a, b) seguem dois exemplos de “vós” nulo e em (5c, d) as únicas duas ocorrências de “vós” preenchido.

- (5) a. Padre Anselmo – Ó, filha, eu é que não vos entendi!... O que é que **Ø 2pp** quereis dizer no tal pro... pro... Ai! nome arrevesado esse que para aí disseram.
(Clero, nobreza e povo – César de Lacerda, 1871)

b. Padre Anselmo – Olhai filho, que **Ø 2ps** estais aí fazendo tanta erudição, que me entonteceis! Declaro que não entendi uma palavra!

(Clero, nobreza e povo – César de Lacerda, 1871)

c. Padre Anselmo – Sim... sim... (*consigo*) O que **vós** quereis é ficardes sós, meus espertalhões!

(Clero, nobreza e povo – César de Lacerda, 1871)

d. Padre Anselmo – Agora não provam! Quem mais competente do que eu para... Olhai que sem mim, ou outro como eu, é que **vós** vos não casais, com certeza.

(Clero, nobreza e povo – César de Lacerda, 1871)

Já em relação a segunda pessoa indireta do singular, nota-se que há uma queda de no percentual de sujeitos nulos no período III, com 40% de ocorrências. Os índices voltam a aumentar a partir do período IV, atingindo 70% no período VII. O exemplo em (6a) ilustra o sujeito nulo e o em (6b) ilustra o sujeito preenchido.

(6) a. A condessa – Parece que **Ø 2ps** foge de mim: não me acompanha nunca. Não vou, não quero ir ao baile.

(Nem tudo o que luz é ouro... – João de Andrade Corvo, 1849)

b. Barão (*muito sério*) – Ó abade! **Você** está a mangar comigo?

(Clero, nobreza e povo – César de Lacerda, 1871)

O dado em (6a) diz respeito ao primeiro momento em que a condessa se dirige ao seu marido na peça. Como ele é um conde, talvez para demonstrar isto, o autor optou por fazer estas primeiras menções com a forma de tratamento oculta. Tal hipótese se baseia no fato de que, ao longo da peça, a condessa volta a se referir ao marido, mas utilizando a forma direta, como ilustrado nos exemplos (7a, b) abaixo:

(7) a. O conde – Ora, minha rica Laura, não te aflijas, que **Ø 2ps** não tens razão para isso. Eu amo-te muito, mas não to posso estar sempre a dizer.

A condessa – Mas ao menos **Ø 2ps** podias provar-mo.

(Nem tudo o que luz é ouro... – João de Andrade Corvo, 1849)

b. O conde – Medo! Tu nem sabes o que **Ø 2ps** dizes! Medo de quê?

A condessa – **Ø 2ps** Não me entendes!

(Nem tudo o que luz é ouro... – João de Andrade Corvo, 1849)

Em (6b), o Barão, apesar de ter um título de nobreza, está se referindo ao abade, que faz parte do Clero, portanto, devendo ser tratado com respeito. Em outras palavras, a relação entre ambos é assimétrica.

Por fim, em relação à segunda pessoa indireta do plural (“vocês”), é interessante notar que a primeira ocorrência se dá apenas no período IV e é um sujeito preenchido, como mostra o exemplo em (8) abaixo. Ao contrário do que ocorreu com a segunda pessoa indireta no singular, que começou a aparecer em contextos em que havia alguma relação de respeito entre os participantes, ainda que fosse uma relação simétrica, a segunda pessoa indireta no plural aparece já em um contexto informal, quando um amigo está se referindo aos outros que estão na mesma cena falando sobre ele:

- (8) Baltasar – Essa é boa. Nesse caso tens uma opinião para amigos...
 Paulo – ... E outra para o público. (*Riem.*)
 Fernando – Nada impede que, fazendo tu hoje essa restrição no desempenho do Eduardo, amanhã tornes a chamar-lhe grande actor.
 Cesário - **Vocês** não me compreendem. Quero dizer que falo entre vocês sem aquela adjectivação necessária ao...
 Baltasar - ... À vaidade dos nossos artistas.
 (Continuação de comédia – João Pedro de Andrade, 1931)

Apesar do baixo número de ocorrências de maneira geral, nota-se que elas vão aumentando ao longo do tempo, assim como o percentual de sujeitos nulos, chegando a 8 ocorrências, com 100% de sujeitos nulos.

Além do que foi mencionado acima, os pronomes de tratamento também foram analisados. A tabela abaixo mostra os percentuais de sujeitos nulos. Neste caso, não foi separado o singular do plural.

Tabela 16. Ocorrência de sujeitos nulos (vs. plenos) de formas de tratamento por período de tempo

	Formas de Tratamento
Período I (1848-1857)	35/45 (78%)
Período II (1871-1879)	50/77 (65%)
Período III (1912-1919)	17/43 (40%)
Período IV (1931-1934)	9/14 (64%)
Período V (1954)	3/6 (50%)
Período VI (1975-1981)	0/6 (0%)
Período VII (1996)	0/1 (0%)

Pode-se notar que o número absoluto de ocorrências de formas de tratamento, sejam nulas ou plenas, sofreu uma queda ao longo do tempo. O período II é o que possui o maior número absoluto de dados. É também neste período que temos, em uma das peças analisadas, mais personagens com títulos diferentes: o abade, que faz parte do Clero, um Barão, que faz parte da nobreza e um major, que apesar de ser parte da polícia, é de menor “titulação” do que os outros, caracterizado como oriundo do povo (o que explica até o título da peça “Clero, nobreza e povo”). Em números percentuais, é interessante notar que, no período I, há 78% de sujeitos nulos com formas de tratamento. No período VII, entretanto, esse índice chega a 0%.

Os exemplos em XX abaixo ilustram as formas de tratamento encontradas nas peças.

- (9) a. Sofia – Ai, major! Como **Ø** **2ps** conhece mal o coração feminino! Assegure-lhe que, fosse ele o que fosse, nada me riscaria da memória a impressão que esse homem me produziu. (*Risonha*)
(Clero, nobreza e povo – César de Lacerda, 1871)
- b. D. Isaura – **Vosselência**, então, é negociante?
Salazar – Fui, fui... Ferragens e louças esmaltadas por grosso... Cedi a casa ao meu genro...
D. Isaura - Ah! **Vosselência** é casado?
(Cavalheiro respeitável – André Brun, 1914)

4.4. A terceira pessoa

A tabela abaixo mostra o número de ocorrências de sujeitos de terceira pessoa no singular e no plural.

Tabela 17. Ocorrência de sujeitos nulos (vs. plenos) de terceira pessoa por período de tempo

	3ª p. singular	3ª p. plural
Período I (1848-1857)	90/119 (76%)	11/14 (79%)
Período II (1871-1879)	79/105 (75%)	8/9 (89%)
Período III (1912-1919)	77/99 (78%)	18/27 (67%)
Período IV (1931-1934)	49/74 (66%)	8/14 (57%)
Período V (1954)	52/61 (85%)	15/17 (88%)
Período VI	57/93 (61%)	15/21 (71%)

(1975-1981)		
Período VII (1996)	63/115 (55%)	8/10 (80%)

A terceira pessoa, seja no plural ou no singular, mostra preferência pelo sujeito nulo, assim como a primeira e a segunda. Porém, é interessante notar que, dentre as três pessoas, a terceira pessoa do singular é a que tem, já no período I, o menor índice percentual de sujeitos nulos, com 76% do ocorrências. Novamente, no período IV, há uma pequena queda, com 66% de sujeitos nulos, e, novamente, no período V, há uma subida, com 85% de não-preenchimento. Nos períodos VI e VII, há novamente queda, com índices de 61% e 55% respectivamente.

Em relação à terceira pessoa do plural, o número de ocorrências é bem mais baixo que o do singular. Assim como aconteceu anteriormente, é no período IV que se observa a queda no índice percentual, que vai de 67% de sujeitos nulos no período III para 57% no período IV. Ao fim, no período VII, há 80% de ocorrências de sujeitos nulos.

O gráfico abaixo mostra os sujeitos nulos no singular nas três pessoas do discurso distribuídos ao longo do tempo.

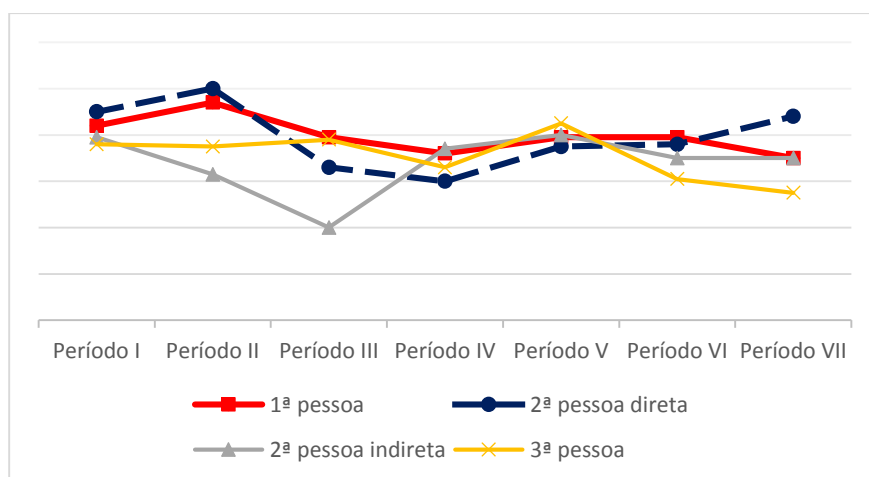


Gráfico 6. Sujeitos nulos (vs. plenos) ao longo do tempo no PE

A partir deste gráfico, é possível notar que a primeira, segunda direta e terceira pessoas tendem a manter uma certa regularidade no que diz respeito à representação do sujeito ao longo do tempo, sempre com preferência pelo sujeito nulo. Apenas a segunda pessoa indireta parece destoar um pouco mais, com uma queda um pouco maior no período III.

O item abaixo apresenta o refinamento da análise dos dados.

4.5. A análise de regra variável

O número de dados diferente entre um período e outro influencia no percentual, o que, algumas vezes, pode levar a conclusões erradas. Para isto, é preciso analisar os pesos relativos, que, comparados entre si, mostram a verdadeira relevância de cada um dos grupos de fatores na representação do sujeito nulo. Para tal, foi feita uma rodada no programa estatístico Goldvarb X, que selecionou os grupos de fatores mais relevantes. A tabela a seguir mostra os fatores selecionados na ordem de importância, com o número de ocorrências e também com os pesos relativos.

Tabela 18. Fatores selecionados como significantes para a ocorrência do sujeito nulo.

Fator	PR	Oco.	Tot.	%	
Estrutura do CP					
CP vazio	0,55	1256	1611	78%	
Elemento no núcleo de CP	0,50	359	473	76%	
Elemento em Spec de CP	0,28	204	362	56%	
Papel do falante					
Continuação do falante	0,61	423	500	86%	
Retomada do falante	0,42	241	317	76%	
Introdução do falante	0,27	67	116	58%	
Feixe de traços semânticos					
[-hum/-esp]	0,78	16	18	89%	
[-hum/+esp]	0,74	78	91	86%	
[+hum/-esp]	0,62	40	51	78%	
[+hum/+esp]	0,45	416	618	67%	
Pessoa					
1ª pessoa	0,67	740	913	81%	
2ª pessoa direta	0,43	353	464	76%	
3ª pessoa	0,40	550	778	71%	
2ª pessoa indireta	0,35	176	271	65%	
Período de tempo					
Período II	0,67	294	360	82%	
Período I	0,61	319	390	82%	
Período V	0,54	239	301	79%	
Período III	0,47	245	348	70%	
Período VII	0,43	247	350	71%	
Período VI	0,40	262	375	70%	
Período IV	0,36	213	322	67%	

Padrão sentencial

Padrão 1	0,65	72	89	81%
Padrão 2	0,62	259	323	80%
Padrão 3	0,40	87	139	63%
Padrão 4	0,34	132	227	58%

Elemento entre CP e IP

Negação	0,53	271	347	78%
Nenhum elemento	0,51	1241	1651	75%
Clíticos	0,50	118	167	71%
Dois elementos	0,47	118	158	75%
Advérbios aspectuais	0,30	66	117	56%

Relação entre os participantes

Simétrica	0,56	391	520	75%
Assimétrica	0,35	138	215	64%

O primeiro grupo selecionado pelo programa foi a estrutura do CP. Observando-se os pesos relativos, vemos que um elemento em Spec de CP é desfavorecedor do sujeito nulo com 0,28 de peso relativo. Em outras palavras, sentenças relativas, relativas livres, interrogativas diretas ou indiretas que possuem um pronome relativo ou interrogativo, pronome este que ocupa a posição de Spec de CP, são contextos em que há preferência pelo sujeito expresso em detrimento dos nulos. Por outro lado, quando há elementos no núcleo de CP, como conjunções integrantes ou adverbiais, o peso relativo é de 0,50. Sentenças em que o CP está vazio têm 0,55 de peso relativo. Ao compararmos os pesos dos três fatores, é possível entender que temos as orações completivas e adverbiais de um lado e as relativas, relativas livres e interrogativas diretas e indiretas de outro, desfavorecendo o sujeito nulo.

O próximo grupo selecionado foi o papel do falante no diálogo. Este grupo é exclusivo da primeira pessoa e foi selecionado na rodada geral como relevante. Quando há introdução do falante no diálogo, o peso relativo obtido foi de 0,27. Quando o falante retoma o turno, o peso relativo é de 0,42. Já quando há continuação do turno, o peso relativo é de 0,61. A diferença de pesos de 0,34 da introdução do falante para a continuação de turno e a de 0,19 da continuação para a retomada de turno mostra que o sujeito nulo é favorecido quando já é conhecido no diálogo. A diferença de 0,15 entre a introdução e a retomada também deve ser considerada: quando o falante é completamente novo e se introduz no diálogo, ele tende a utilizar um pronome expresso mais

frequentemente do que quando está retomando o turno. Tem-se aí uma clara gradação no favorecimento *versus* desfavorecimento do sujeito nulo.

O grupo seguinte foi o do feixe de traços semânticos. É interessante notar que, apesar de ser um grupo exclusivo para a terceira pessoa, ele foi selecionado já nesta rodada geral como relevante. Os fatores com traço [-humano] são os grandes favorecedores do sujeito nulo. Quando combinado com o traço [-específico], mostra-se como ainda mais relevante para a realização do sujeito nulo, com 0,78 de peso relativo. A interação dos traços [+humano] e [+específico] é que parece desfavorecer mais, com peso de 0,45.

A seguir, foi selecionado o grupo da pessoa. Para esta rodada geral, foram agrupados o singular e o plural devido à pequena ocorrência de sujeitos plurais e de os percentuais do plural não apresentarem diferença significativa para os do singular. Assim sendo, os fatores analisados nesta rodada foram primeira pessoa, segunda pessoa direta, segunda pessoa indireta e terceira pessoa. Na segunda pessoa indireta, também foi agrupado o fator dos pronomes de tratamento. Olhando-se os pesos relativos, nota-se que, comparativamente, a primeira pessoa parece ser a que mais favorece o sujeito nulo, com 0,67 de peso relativo. Isso pode se justificar pelo fato de ela apresentar desinência verbal exclusiva, o que tornaria a identificação do sujeito mais fácil. A segunda pessoa indireta é a que tem maior diferença de pesos relativos entre outros fatores deste grupo, com peso de 0,35. Como dito anteriormente, neste fator, as formas de tratamento foram amalgamadas com as formas “você/vocês”. Formas de tratamento, como “Vossa Excelência” ou “Vossa Reverendíssima”, são específicas para titulações ou determinadas posições sociais, por isso, é mais fácil que apareçam expressas. Isto pode ter influenciado os resultados, definindo a segunda pessoa indireta como uma desfavorecedora do sujeito nulo.

O grupo do período de tempo confirma através dos pesos relativos o que já tinha sido observado na análise dos percentuais. Os períodos I e II, que correspondem ao século XIX, são os que parecem favorecer mais o sujeito nulo, com pesos de 0,61 e 0,67 respectivamente. A partir do período III, é possível notar uma queda, que se acentua mais no período IV. A diferença entre os pesos relativos do período I para o período IV é de 0,25, diferença significativa. Do período IV para o V, a diferença passa a ser de 0,18 (0,36 no período IV e 0,54 no período V). Nos dois últimos períodos, parece que não houve alteração na preferência pela forma de representação do sujeito, já que a diferença entre eles não é significativa. (0,40 para o período VI e 0,43 para o VII).

Mais uma vez, um grupo exclusivo da terceira pessoa também foi selecionado pelo programa na rodada geral: o padrão sentencial. A análise dos pesos relativos parece polarizar os padrões: de um lado, temos os padrões 1 e 2, já que a diferença de peso relativo entre eles é insignificante, e do outro, os padrões 3 e 4, também com diferença insignificante entre eles. Já, por exemplo, a diferença entre os padrões 2 e 3 é de 0,22, o que é bem relevante, considerando que qualquer diferença maior que 0,10 é significativa. Os padrões 1 e 2 são os padrões em que o referente está na mesma função sintática do sujeito em análise e sem nenhum elemento interveniente. Isto torna a recuperação do referente mais fácil, o que pode favorecer o sujeito nulo. Já os padrões 3 e 4 são os que tem elementos intervenientes entre o referente e o sujeito em análise (padrão 3) ou que o referente está em função sintática diferente (padrão 4). Isto torna a acessibilidade e recuperação do referente mais difícil, o que parece desfavorecer o sujeito nulo.

O próximo grupo selecionado foi o do elemento entre CP e IP. A diferença entre os pesos relativos dos fatores analisados é bem pequena, sendo, em sua maioria, menor do que 0,10. A exceção é quando há um advérbio aspectual (leve) entre as duas posições estruturais, como “já”, ou “ainda”. Neste caso, o peso relativo é de 0,30. A menor diferença entre o peso relativo deste fator e algum outro é de 0,17, que é a diferença entre ele e quando há dois ou mais elementos entre CP e IP.

Por fim, o último grupo selecionado foi o da relação entre os participantes, que pode ser simétrica, quando os falantes não têm diferença hierárquica, do tipo patrão/empregado, ou de titulação, do tipo barão ou conde; ou assimétrica, quando há essa diferença. Esse grupo é exclusivo da 2ª pessoa. Quando a relação é simétrica, o sujeito nulo parece ser preferido pelo falante. Este fator tem peso relativo de 0,56. Por outro lado, quando a relação é assimétrica, a preferência pelo sujeito nulo cai e o peso relativo é 0,35. Tal fato pode ser explicado se considerarmos que, quando a relação entre os participantes é assimétrica, há tendência a se usar pronomes de tratamento como “Vossa Excelência”, ou “o senhor/a senhora”. Quando o sujeito é nulo, é difícil identificar que pronome de tratamento que está sendo usado. Talvez, dependendo da posição social do falante, seja importante utilizar um pronome de tratamento específico, como é o caso de um membro do Clero ou algum barão ou conde.

4.6. Refinando a análise

O primeiro grupo selecionado pelo programa Goldvarb X, como apresentado na tabela 18 acima, foi o da estrutura de CP. A tabela abaixo apresenta o cruzamento dos resultados para esse grupo de fatores com o período de tempo:

Tabela 19. Sujeito nulo (vs. pleno) e a estrutura de CP ao longo do tempo

	Elem. em Spec de CP	Elem. em núcleo de CP	CP vazio
Período I (1848-1857)	29/51 (57%)	48/66 (73%)	242/273 (89%)
Período II (1871-1879)	43/59 (73%)	77/96 (80%)	174/ 205 (85%)
Período III (1912-1919)	25/47 (53%)	48/60 (80%)	172/241 (71%)
Período IV (1931-1934)	26/50 (52%)	36/54 (67%)	151/218 (69%)
Período V (1954)	29/49 (59%)	54/64 (84%)	156/188 (83%)
Período VI (1975-1981)	23/46 (50%)	44/60 (73%)	195/269 (72%)
Período VII (1996)	29/60 (48%)	52/73 (71%)	166/217 (76%)

Os contextos em que o CP está vazio e os que possuem elemento no núcleo de CP são os que privilegiam o sujeito nulo em todos os períodos. No primeiro contexto, o índice de sujeitos nulos é de 89% no período I, passando para 76% na última sincronia. Já no segundo contexto, há 73% de nulos no primeiro período, passando a 71% no período VII. Os exemplos em (10a, b) abaixo apresentam sujeitos nulo e pleno, respectivamente, de sentenças com o CP vazio. Já os exemplos em (11a, b) ilustram sujeitos nulo e pleno quando há elemento no núcleo de CP.

- (10) a. A avó (*placidamente*) - Enganas-te. Tenho aqui uma carta ... (*Tira uma carta do peito.*)
 A filha – Uma carta? Para mim?
 A avó - Sim. **Ø**_{1ps} Só esperava um bom momento para ta entregar... (*Entrega-lhe a carta.*)
 (Três gerações – Ramada Curto, 1931)
- b.D. Isaura - E tu a dares-lhe com o Alfredo! [O Alfredo]_i está ali. Volta as costas à mulher da má-língua ...
 Albertina – **Ele**_i disse-me que havia de partir a cara à engomadeira.
 (Cavalheiro respeitável – André Brun, 1914)

- (11) a. A condessa – Parece que \emptyset **2ps** foge de mim: não me acompanha nunca. Não vou, não quero ir ao baile.
(Nem tudo o que luz é ouro – João de Andrade Corvo, 1849)
- b. A Condessa - Como hei-de tapar os ouvidos, se **ele** me falar com aquelas palavras apaixonadas que põe nas suas poesias?
(Nem tudo o que luz é ouro – João de Andrade Corvo, 1849)

Entretanto, ao analisarmos os resultados para o contexto em que há elementos em Spec de CP, como pronomes e advérbios interrogativos e relativos, notamos que as ocorrências de sujeitos nulos caem, chegando a 48% no período VII. Este já havia sido apontado por Duarte (não publicado) como o contexto em que há mais sujeitos expressos no PE (cf. Capítulo 1) e os resultados obtidos aqui são os mesmos. Uma das hipóteses que a autora levantou para explicar este fato é que o elemento em Spec de CP possui função sintática, o que poderia ocasionar uma ambiguidade na sentença caso o sujeito fosse nulo. Uma outra hipótese é a de que são raras as estruturas relativas em que a oração principal e a relativa possuem sujeitos correferentes, o que também constitui contexto de preferência por um sujeito expresso, como será mostrado mais adiante.

Os exemplos em (12a, b) abaixo ilustram uma ocorrência de sujeito nulo e uma de sujeito preenchido quando há elemento em Spec de CP:

- (12) a. A Condessa – Como hei-de tapar os ouvidos, se **ele_i** me falar com aquelas palavras apaixonadas que \emptyset _i põe nas suas poesias?
(Nem tudo o que luz é ouro – João de Andrade Corvo, 1849)
- b. A filha – Ah! Sim, lembra bem... Não vamos mais longe, marcou essa hora... E há perto de quatro anos, na noite em que **eu** entrei aqui a pedir-lhe que me recebesse outra vez na sua companhia, que me acolhesse, porque toda a minha vida tinha desabado, era interessante saber se ele também marcou essa...
(Três gerações – Ramada Curto, 1931)

Outro grupo selecionado pelo programa foi o do papel do falante no diálogo. Este grupo se refere exclusivamente à primeira pessoa. A tabela 20 abaixo apresenta os resultados ao longo do tempo:

Tabela 20. Sujeitos nulos de 1ª. pessoa (vs plenos) e o papel do falante ao longo do tempo

	Introdução	Retomada	Continuação
Período I (1848-1857)	10/14 (71%)	29/36 (81%)	86/98 (88%)
Período II (1871-1879)	4/4 (100%)	66/74 (89%)	69/69 (100%)
Período III (1912-1919)	23/35 (66%)	27/33 (82%)	43/49 (88%)
Período IV (1931-1934)	9/18 (50%)	33/43 (77%)	48/67 (72%)
Período V (1954)	9/13 (69%)	28/42 (67%)	57/63 (90%)
Período VI (1975-1981)	10/22 (45%)	21/35 (60%)	82/98 (84%)
Período VII (1996)	2/10 (20%)	37/54 (69%)	47/56 (84%)

Como dito no Capítulo 1, o trabalho de Marins (2009), que compara o italiano com o PB, apresentou evidências de que, quando o falante está se introduzindo na conversa, seja porque é a primeira vez que ele fala algo, seja porque esteve ausente do diálogo por algum tempo, é comum que ele utilize o pronome pleno. Isto ocorre, como atestou Marins, mesmo em línguas de sujeito nulo consistente, como o italiano. No PE, língua que também se mostra como de sujeito nulo consistente, notou-se que, no mesmo contexto de introdução, também havia preferência pelo sujeito nulo, como se pode observar pelos percentuais para os período I e II, por exemplo (71% e 100% de sujeitos nulos respectivamente). Os exemplos em (13a, b) abaixo foram retirados de peças dos períodos I e II, respectivamente, e ilustram a introdução do falante feita por um pronome nulo:

- (13) a. D. Emília (*A Alfredo que entra*) – Enfim chegou, Sr. Alfredo.
Alfredo – Ø **1ps** Não pude vir mais depressa – (*Apresentando o broche.*) Aqui tem V. Ex^a o seu broche...
(Nem tudo o que luz é ouro – João de Andrade Corvo, 1849)
- b. Antônio (*precedendo a Major na entrada*) - Tenha a condescendência de esperar aqui, Sr. Major: Ø **1ps** vou mandar a criada saber se S. Ex.^a poderá recebê-lo.
(Clero, nobreza e povo – César de Lacerda, 1871)

Ao longo do tempo, entretanto, é possível notar uma queda na preferência pelo sujeito nulo para introdução do falante. No período VII, correspondente aos anos de 1990,

o sujeito nulo neste contexto alcança apenas 20%, com apenas 2 ocorrências em 10. Os exemplos em (14a, b) abaixo ilustram ocorrências de introdução do falante com pronomes plenos. O exemplo em (14a) é do período IV e o (14b) do período VII:

- (14) a. Joanita (*que voltou atrás*) - Estava louca por que viesses.
 D. Zulmira (*muito irônica*) - A senhora, como vê, tem o poder de enlouquecer toda a gente.
 Maria da Glória - São favores, D. Zulmira, são favores.
 Major – Eu cá, minha senhora, se ainda tivesse alma de tenente, não deixava de lhe fazer o meu pé de alferes.
 D. Olinda - Olha que **eu** sou capaz de ter ciúmes...
 (A prima Tança – Alice Ogando, 1934)
- b. (*Lívia fica no meio da sala, outra vez abstraída e sem saber o que fazer*).
 Lívia – Acho que vou fazer alguma coisa para comer. O que é que te apetece, Hernâni?
 Hernâni - **Eu** como só uma sanduíche, tia Lívia... mais daqui a bocado... se não se importa...
 (Um filho – Luisa Costa Gomes, 1996)

A queda de nulos, a partir de então, não surpreende; ao contrário, confirma o que Marins aponta para o italiano. Um sujeito expresso é discursivamente motivado.

No que diz respeito à retomada do turno pelo falante, é possível observar também uma queda na preferência pelos sujeitos nulos ao longo do tempo (de 81% no período I para 69% no período VII). Porém, diferentemente do que aconteceu com os contextos de introdução do falante, a preferência pelo sujeito nulo é mantida em todos os períodos de tempo. Os exemplos (15a, b) ilustram um exemplo de retomada de turno por um pronome nulo (15a) e por um pleno (15b):

- (15) a. A avó (*placidamente*) - Enganas-te. Tenho aqui uma carta ... (*Tira uma carta do peito.*)
 A filha – Uma carta? Para mim?
 A avó - Sim. **Ø**ips Só esperava um bom momento para ta entregar... (*Entrega-lhe a carta.*)
 (Três gerações – Ramada Curto, 1931)
- b. D. Isaura - O Sr. Salazar a modos que ficou triste com a notícia que lhe dei...
 Salazar - Fiquei e não fiquei... Tinha muita fé nesta coisa de anúncio. Às vezes arranjam-se umas pechinchas em segunda mão muito boas e em conta. Olhe: a semana passada um amigo meu comprou uma caixa de música das grandes por três mil e quinhentos, que até toca a *Traviata* e tem corda para doze peças. Também foi por anúncio.

D. Isaura - Pois olhe: com esta caixa de música não tocava o senhor a *Traviata* muito tempo ou então quem dava a corda era o outro ...

Salazar - Não foi para isso que **eu** estive tantos anos ao balcão a vender machas-fêmeas e frigideiras.

(Cavalheiro respeitável – André Brun, 1914)

Por fim, em relação à continuação do turno, percebe-se que a preferência pelo sujeito nulo é mais alta que nos outros contextos. O percentual de nulos no período I é de 88%, passando a 84% no período VII. Apenas no período IV é possível observar um percentual um pouco mais baixo, com 72% de sujeitos nulos. Ainda assim, se comparado aos índices dos outros contextos, é um percentual alto de sujeitos nulos. Os exemplos em (16a, b) abaixo ilustram casos de continuação de turno com pronomes nulos e plenos.

- (16) a. O agente – 1ps Tinha-me casado antes de assentar praça. Coisas de rapaz...
Ø 1ps Adiantei-me, e não tive outro remédio. **Ø1ps** Fui sempre um homem de honra. O dever acima de tudo.

(A lei é a lei – Luiz Francisco Rebello, 1977)

- b. Lívia – Eu já baixo o aquecimento. (*Brincando*) Tem paciência, Hectorius, mas **eu** ainda tenho frio. (*Para si, sorrindo*) És tão maluco...

(Um filho – Luisa Costa Gomes, 1996)

A tabela abaixo apresenta o cruzamento dos padrões estruturais com o período de tempo. É importante lembrar que o grupo dos padrões sentenciais são referentes apenas à terceira pessoa.

Tabela 21. Sujeitos nulos (vs. expressos) e os padrões estruturais ao longo do tempo

	Padrão 1	Padrão 2	Padrão 3	Padrão 4
Período I (1848-1857)	13/15 (87%)	42/45 (93%)	18/28 (64%)	28/45 (62%)
Período II (1871-1879)	14/16 (88%)	36/43 (84%)	16/27 (59%)	21/28 (75%)
Período III (1912-1919)	14/15 (93%)	42/49 (86%)	16/29 (55%)	23/33 (70%)
Período IV (1931-1934)	2/4 (50%)	35/41 (85%)	6/9 (67%)	14/34 (41%)
Período V (1954)	12/13 (92%)	30/33 (91%)	5/7 (71%)	20/25 (80%)
Período VI (1975-1981)	7/10 (70%)	40/57 (70%)	11/14 (79%)	14/33 (42%)
Período VII (1996)	10/16 (62%)	34/55 (62%)	15/25 (60%)	12/29 (41%)

A análise dos percentuais revela que os padrões 3 e 4 são os que mais desfavorecem o sujeito nulo, embora os percentuais revelem ampla preferência pelo sujeito nulo. No caso do padrão 3, quando há elementos intervenientes entre o sujeito em análise e seu antecedente, os índices vão de 64% de nulos no período I para 60% no período VII. No padrão 4, quando o antecedente está em função sintática diferente da de sujeito, os índices de nulos são ainda menores, indo de 62% no período I para 41% no período VII. O fato de haver elementos intervenientes e de o antecedente estar em função diferente da de sujeito faz com que seja mais difícil para o falante acessar esse referente. Portanto, há preferência pelo sujeito expreso. Resultado similar foi encontrado para o PB no estudo de Duarte, Mourão e Santos (2012): ainda que o PB prefira o sujeito expreso de maneira geral, diferentemente do PE, os índices de preenchimento nos padrões 3 e 4 são ainda mais altos que os dos outros padrões.

Os exemplos em (17a, b) abaixo ilustram sujeitos preenchidos nos padrões 3 e 4, respectivamente:

- (17) a. Amélia – Há cinco anos que **ele_i** deixou Lisboa... Tinha eu então dezasseis anos... Em cinco anos fiz diferença, não é verdade?
 Cristóvão – Estás mais senhora, estás...
 Amélia – **Ele_i** é bastante míope... Usava luneta...
 (Paris em Lisboa – Carlos de Moura Cabral, 1879)
- b. Marta – Meus Deus... E achas que **ele_i** concorda?
 Rui – Sei lá... O Cardoso falou-[lhe]_i, já outras pessoas **o_i** abordaram e têm feito pressão sobre **ele_i**... Mas **ele_i** esquivia-se, muda de assunto... Há uns dias já que não aparece na companhia, evita encontrar-se comigo...
 (Alguém terá que morrer – Luiz Francisco Rebello, 1954)

Como também já era esperado, os padrões 1 e 2 foram os que apresentaram maiores índices de sujeito nulo. No padrão 1, o antecedente está em correferência com o sujeito em análise, dentro do mesmo período, na oração adjacente. Já no padrão 2, o antecedente está também na mesma função, mas no período adjacente. Isso faz com que seja mais fácil para o falante acessar o antecedente, o que favorece o sujeito nulo. Este comportamento é típico de línguas de sujeito nulo consistente. Comparativamente, enquanto os padrões 3 e 4 apresentaram, no período I, 64% e 62% de sujeitos nulos, os padrões 1 e 2 apresentaram 87% e 93% respectivamente.

Os exemplos em (18a, b) abaixo ilustram exemplos de sentenças nos padrões 1 e 2 respectivamente, com sujeitos nulos:

- (18) a. Rogério – É uma pechincha, mulher! Uma coisa destas cai do céu! [**O Pina Ramos**]_i quer desfazer-se do Mercedes porque \emptyset_i vai para o Brasil.
(As quatro estações – Romeu Correia, 1981)
- b. Conselheiro – Então ele já se declarou formalmente?
Marquesa – Ainda não! [**Os barões**]_i têm ao menos isso de menos fastidioso do que os outros homens. \emptyset_i Julgam as mulheres sua fazenda em leilão, e lançam-lhe logo... sem declaração prévia!
(Casar ou meter freira – Antônio Pedro Lopes de Mendonça, 1848)

Assim como os padrões estruturais, o feixe de traços semânticos também é referente apenas a terceira pessoa e foi mais um dos grupos selecionados como relevantes para a realização do sujeito nulo. A tabela a seguir apresenta os resultados ao longo do tempo das combinações possíveis entre o traço [+/-humano] e [+/- específico]:

Tabela 22. Sujeitos nulos (vs. plenos) e os feixes de traços semânticos ao longo do tempo

	[+h/+esp]	[+h/-esp]	[-h/+esp]	[-h/-esp]
Período I (1848-1857)	77/105 (73%)	5/5 (100%)	11/15 (73%)	8/8 (100%)
Período II (1871-1879)	74/101 (73%)	3/3 (100%)	10/10 (100%)	--
Período III (1912-1919)	76/98 (78%)	15/20 (75%)	1/3 (34%)	3/4 (75%)
Período IV (1931-1934)	36/61 (59%)	--	19/22 (86%)	2/2 (100%)
Período V (1954)	48/59 (81%)	6/6 (100%)	12/12 (100%)	1/1 (100%)
Período VI (1975-1981)	53/89 (60%)	6/8 (75%)	12/15 (80%)	1/2 (50%)
Período VII (1996)	52/105 (50%)	5/6 (83%)	13/13 (100%)	1/1 (100%)

Embora os índices de sujeitos nulos sejam altos na associação dos traços [+hum] e [+esp], o que já era esperado para uma língua de sujeito nulo consistente como o PE, não se pode deixar de notar que há um índice de preenchimento entre 25% e 30%. Do mesmo modo, é possível notar também que há uma ligeira queda nos percentuais de nulos do período I (73% de nulos) para o período VII (50%). Os exemplos em (19a, b) são

ocorrências de sujeitos nulos com a combinação de traços [+hum/+esp]: em (19a), os sujeitos estão nulos; em (19b), o sujeito está preenchido.

- (19) a. Ester – Eu não estou de acordo que a minha irmã Alice tenha as mesmas obrigações que qualquer de nós.
 Avó – **Alice_i** vive com a madrinha, que tem dinheiro... \emptyset_i Tem dinheiro e não voltou a cara aos setecentos contos. Portanto, \emptyset_i é uma filha com as mesmas obrigações que os outros teus irmãos.
 (As quatro estações – Romeu Correia, 1981)
- b.D. Isaura - E tu a dares-lhe com o Alfredo! [**O Alfredo**]_i está ali. Volta as costas à mulher da má-língua ...
 Albertina – **Ele_i** disse-me que havia de partir a cara à engomadeira.
 (Cavalheiro respeitável – André Brun, 1914)

A associação de traços [+hum/-esp] apresentou índices de sujeitos nulos bastante altos, apesar do número reduzido de ocorrências. No período I, todas as 5 ocorrências foram nulas. Já no período VII, das 6 ocorrências, 5 foram de sujeitos nulos. As sentenças em (20a, b) abaixo ilustram um sujeito nulo e um preenchido com essa combinação de traços:

- (20) a. O desconhecido – O tempo é, precisamente, a única coisa que [**os homens**]_i têm a perder. E \emptyset_i perdem-no, efectivamente, em cada instante - ainda que \emptyset_i o não queiram - dia a dia, hora a hora, minuto a minuto...
 (Alguém terá que morrer – Luiz Francisco Rebello, 1954)
- b. Francisca – Sabe o que a aliviava? Um cozimento de malvas e alteia.
 Felicidade – O médico nunca me falou nisso.
 Francisca - O médico! Olha quem! **Eles** nunca falam nessas coisas.
 (O álcool – Bento Mântua, 1912)

Os índices de sujeitos nulos também são altos para a associação dos traços [-hum/+esp], com 11 ocorrências em 15 no período I e 100% dos casos no período VII. Entretanto, o período III é o único que apresenta baixo índice de sujeitos nulos, com apenas uma ocorrência em 3. Abaixo, são apresentadas as três ocorrências:

- (21) a. O boneco - Não, Boneca, ouve! Deixa estar calado [**o meu coração**]_i... **ele**_i está calado por causa de mim... p'ra que nem repare que **ele**_i está calado por causa de mim.

(Antes de começar – Almada Negreiros, 1919)

- b. D. Isaura – Efectivamente, há três dias pôs-se desta casa [**um anúncio**]_i; duma senhora ainda nova, que pedia auxílio de cavalheiro respeitável. **Ø**_i Está aqui. (*Pega no jornal e indica.*)

(Cavalheiro respeitável – André Brun, 1914)

Duas das três ocorrências de sujeitos com a combinação de traços [-hum/+esp] estão na mesma fala de um personagem, como mostra o exemplo em (21a). O Boneco, que é o personagem, está se referindo ao próprio coração. Já no exemplo em (21b), D. Isaura retoma o sintagma “um anúncio” com um sujeito nulo.

Por fim, para a associação dos traços [-hum/-esp], é possível notar que o número de ocorrências é bastante reduzido, não tendo sido achada nenhuma ocorrência no período II. Olhando-se para o índice percentual, pode-se achar que o período VI destoa dos outros por apresentar 50% de sujeitos nulos, mas deve-se notar que há apenas duas ocorrências, sendo uma delas preenchida. Para que não haja dúvidas, as duas ocorrências do deste período estão em (22a, b) abaixo:

- (22) a. 2º estudante – [**As leis**]_i; também se mudam. E quando **Ø**_{3pp}_i não servem o povo, fazem-se outras.

(Prólogo alentejano – Luiz Francisco Rebello, 1975)

- b. 2ª camponesa - Respondo eu, pois então! A reforma agrária é a gente amanhar a terra, semeá-[**la**]_i e colher o que **ela**_i dá, e não serem os outros, os senhores que andam pela cidade, a viver à custa do nosso trabalho.

(Prólogo alentejano – Luiz Francisco Rebello, 1975)

Ambas as ocorrências foram encontradas na mesma peça analisada no período VI. Nota-se que o exemplo com o sujeito preenchido em (22b) tem seu referente em outra função sintática, que não a de sujeito. Conforme foi atestado anteriormente nesta análise, os maiores índices de sujeitos preenchidos no que diz respeito aos padrões sentenciais foram obtidos quando o antecedente está em outra função sintática (padrão 4).

Através da análise destes resultados, conclui-se que o PE apresenta o comportamento esperado de uma língua de sujeito nulo consistente, apresentando altos índices de sujeitos nulos principalmente quando o sujeito em análise possui o traço [-

humano]. Este resultado é parecido com o encontrado para o PB por Duarte Mourão e Santos (2012). Ainda que o PB esteja passando por um processo de mudança em direção ao preenchimento, os sujeitos com o traço [-hum] são os contextos que ainda resistem à mudança, assemelhando-se ao PE.

A tabela 23 abaixo mostra os resultados para o último grupo selecionado pelo programa como importante para realização do sujeito nulo:

Tabela 23. Sujeito nulo (vs. plenos) e a presença de elementos entre CP e IP ao longo do tempo

	Nenhum	Clítico	Negação	Advérbio leve	Dois elem.
Período I (1848-1857)	226/271 (83%)	18/28 (64%)	51/58 (88%)	10/11 (91%)	14/22 (64%)
Período II (1871-1879)	202/250 (81%)	27/31 (87%)	38/45 (84%)	2/4 (50%)	24/29 (83%)
Período III (1912-1919)	164/234 (70%)	18/23 (78%)	33/45 (73%)	13/19 (68%)	15/24 (62%)
Período IV (1931-1934)	149/218 (68%)	17/27 (63%)	25/40 (62%)	9/20 (45%)	11/15 (73%)
Período V (1954)	154/193 (80%)	15/18 (83%)	43/55 (78%)	8/14 (57%)	19/21 (90%)
Período VI (1975-1981)	176/244 (72%)	11/21 (52%)	48/60 (80%)	14/30 (47%)	13/20 (65%)
Período VII (1996)	170/241 (71%)	12/19 (63%)	33/44 (75%)	10/19 (53%)	22/27 (81%)

Este grupo identificou que elementos estariam presentes entre CP e IP, sob a hipótese de que a presença de um elemento favoreceria o sujeito nulo, um fator prosódico observado por Duarte (1995) para o processo de mudança no PB. Através da tabela acima, nota-se que há preferência pelo sujeito nulo em quase todos os contextos, o que, mais uma vez, evidencia um sistema estável. A exceção é quando há presença de advérbios leves entre CP e IP. O período I apresenta índice de 91% de sujeitos nulos neste contexto. Do período II em diante, nota-se uma queda expressiva, alcançando 53% de sujeitos nulos no período VII.

Os exemplos em (23a, b) abaixo ilustram sentenças em que não há elementos entre CP e IP; as sentenças em (24a, b) ilustram a presença de clíticos; em (25a, b), há presença de negação; em (26a, b), de advérbios leves e em (27a, b), de dois ou mais elementos:

- (23) a. Heitor - Bom, mas é que ele não faz nada, não faz a ponta de um corno! Passa o dia deitado na cama, bebe o leite, come os cereais, vê televisão ... até parece que **Ø1ps** estou a falar de algum bebé! [*Ri*]
(Um filho – Luisa Costa Gomes, 1996)
- b. Amélia – Há cinco anos que **ele_i** deixou Lisboa... Tinha eu então dezasseis anos... Em cinco anos fiz diferença, não é verdade?
Cristóvão – Estás mais senhora, estás...
Amélia – **Ele_i** é bastante míope... Usava luneta...
(Paris em Lisboa – Carlos de Moura Cabral, 1879)
- (24) a. Cláudio (*em voz serena*) - As palavras que **Ø2ps me** dizes agora, Elina, são já bem diferentes daquelas que te ouvi quando vieste, tão humildes, tão singelas.
(Continuação de comédia – João Pedro de Andrade, 1931)
- b. A Condessa - Como hei-de tapar os ouvidos, se **ele_{me}** falar com aquelas palavras apaixonadas que põe nas suas poesias?
(Nem tudo o que luz é ouro – João de Andrade Corvo, 1849)
- (25) a. Augusta - Pelos [**meus sobrinhos**]_i**Ø 1ps não** pergunto... **Ø_iNão** têm horas para nada. Entram e saem quando muito bem lhes apetece, e ainda por cima julgam-se dispensados de dar explicações.
(Alguém terá que morrer – Luiz Francisco Rebello, 1954)
- b. Elias – Ó Inácio; eu, no teu lugar, mandava [**o rapaz**]_i para o hospital.
Inácio – Para quê? **Ele_inão** faz mal a ninguém. Depois, perdia dinheiro com isso. Ali onde o vês, faz recados e, como têm dó dele por causa do seu feitio, dão-lhe esmolas bem boas.
(O álcool – Bento Mântua, 1912)
- (26) a. Heitor - Ah, não sei. **Ø1ps Já** vi coisas mais estranhas. Se, por exemplo, o condutor afirmasse que era um tipo chamado Agamémnon, aí eu era capaz de desconfiar, ainda por cima se ele se parecesse, de facto, com o Agamémnon.
(Um filho – Luisa Costa Gomes, 1996)
- b. Marta - Olha, minha filha, não venho com paciência nem tenho tempo para te aturar. Além disso, já conheço os teus sermões de cor e salteado. Escusas portanto de me impingir uma vez mais o que **eu_{já}** estou farta de ouvir dezenas de vezes.
(Alguém terá que morrer – Luiz Francisco Rebello, 1954)
- (27) a. Sofia – Pois bem; o que digo é que... **Ø 1ps ainda não** tenho a certeza, a convicção íntima, inabalável, incontestável de...
(Clero, nobreza e povo – César de Lacerda, 1871)

b. Elvira – Como vai lá pela escola o meu afilhado, o Antonito?

Eleutério – Muito bem! Tem muito talento [**o rapazinho**];! Traquina!... Can...

Elvira – Parece-me que **ele**; não lhe tem respeito nenhum!

(Quem desdenha... – Pinheiro Chagas, 1874)

Para concluir, é importante notar que a seleção destes fatores não sinaliza uma mudança em curso no PE, mas mostra como funciona um sistema de sujeitos nulos. Quando se observa um sistema em mudança, como o PB, o que se vê é que os contextos em que o sujeito expresso é mais frequente numa língua de sujeito nulo consistente vão ser os que mais prontamente vão ceder à mudança, como mostram os resultados diacrônicos de Duarte (1993) e demais análises sincrônicas aqui relatadas.

4.7. Comparando PE e PB

Nesta seção, serão comparados os resultados obtidos neste trabalho para o PE com os obtidos em Duarte (1993) para o PB.

Primeiro, o gráfico abaixo compara os percentuais obtidos para a primeira pessoa no PE (em vermelho) e no PB (em azul). As ocorrências de singular e plural foram amalgamadas em ambos os casos, mas os resultados para singular e plural se encontram nas tabelas apresentadas em 4.6.

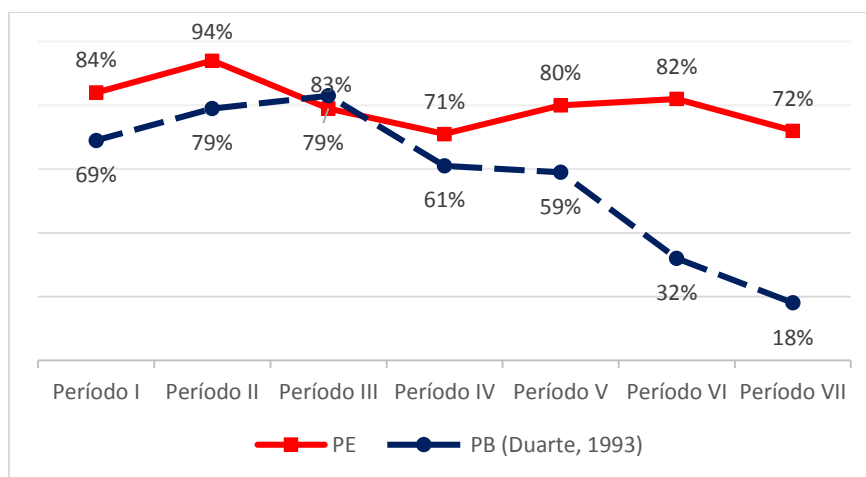


Gráfico 7. Sujeitos nulos (vs. plenos) de primeira pessoa no PE e PB ao longo do tempo

Quando se compara o comportamento da primeira pessoa no PE e no PB, é possível notar que, enquanto o PB apresentou uma queda expressiva nos sujeitos nulos a

partir do período V, o PE manteve a preferência por esta opção, apresentando índices bastante regulares. Eventuais diferenças percentuais entre os períodos podem se dever a estilo ou outros fatores de natureza discursiva. No PB, nota-se grande semelhança com a gramática do PE nos três primeiros períodos de tempo. Só a partir do período IV é que a curva descendente de mudança em direção aos sujeitos expressos começa seu percurso. Como veremos, é a partir desse período, o que significa década de 1930, que a gramática do PB começa a se delinear.

O gráfico seguinte compara os resultados da segunda pessoa direta para PE e PB.

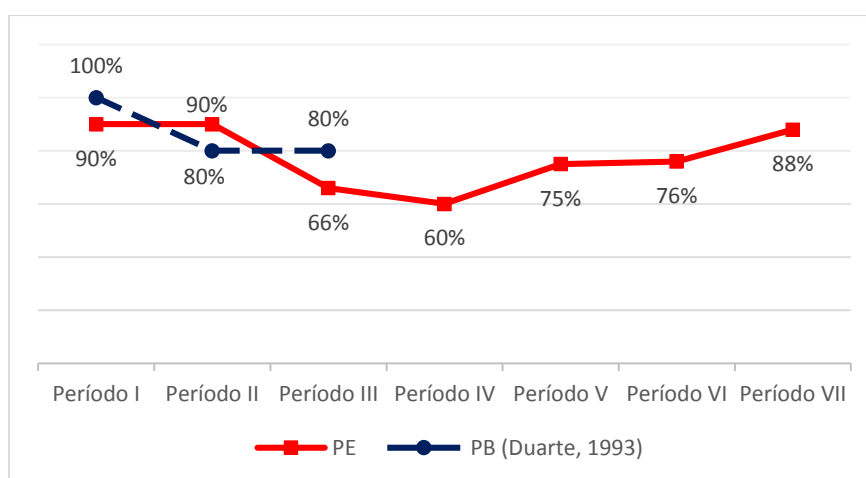


Gráfico 8. Sujeitos nulos (vs. plenos) de segunda pessoa direta no PE e PB ao longo do tempo

No que diz respeito à segunda pessoa direta (tu, vós), nota-se que a linha representativa do PB só apresenta resultados para os três primeiros períodos. Isso, no entanto, não significa o desaparecimento do pronome “tu” na comunidade de fala carioca. Ocorre que o autor analisado por Duarte, Armando Gonzaga, muito popular e produtivo nesse período, deixa de usar o “tu” para tratamento íntimo. Isso se dá devido à inserção das formas “você/vocês” no quadro pronominal do PB. O fato de esse autor ter optado por “você” pode significar que a classe média, frequentadora de teatro, já revelava tal preferência. Outros autores, entretanto, continuam a usar os dois pronomes e já surgem as misturas de tratamento, observadas em nota por Duarte (1993), evidência da neutralização entre “tu” e “você”, observada hoje no PB. É interessante notar que, nos períodos em que a segunda pessoa direta é usada, o sujeito nulo é amplamente preferido, mais uma vez se aproximando do PE. Este, por sua vez, revela ligeira queda no percentual

no período IV, mas a preferência pelo sujeito nulo é mantida e a segunda pessoa direta continua sendo usada em todas as sincronias, mantendo-se como o pronome para tratamento íntimo, familiar.

No gráfico a seguir, são comparados os resultados para a segunda pessoa indireta:

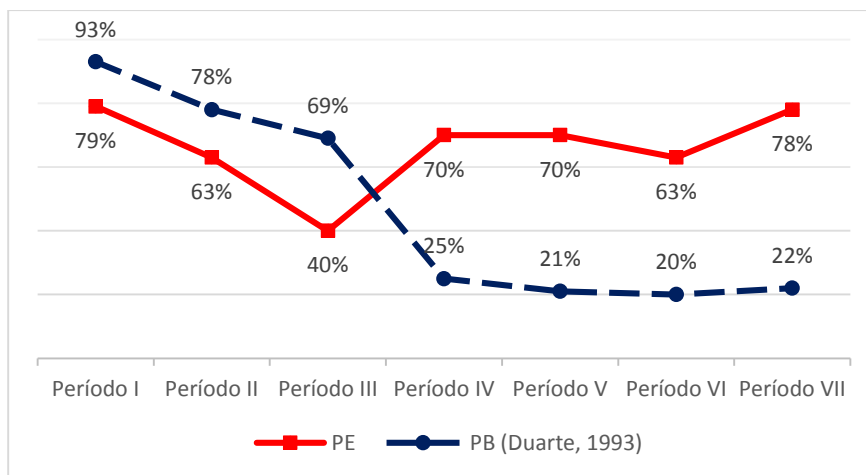


Gráfico 9. Sujeitos nulos (vs. plenos) de segunda pessoa indireta no PE e PB ao longo do tempo

No que diz respeito à segunda pessoa indireta, é possível notar que o PB chega a apresentar percentuais de sujeitos nulos mais altos que o PE nas três primeiras sincronias. A partir do período IV, há uma inversão e o PE retorna aos mesmos índices do primeiro período, preferindo os sujeitos nulos, ao passo que o PB apresenta uma queda expressiva nos índices já a partir desse mesmo período. Como constatou Duarte (1993), foi pela segunda pessoa, certamente a partir da neutralização entre “tu” e “você”, que o processo de mudança começou a se implementar no PB.

Por fim, o último gráfico compara o comportamento da terceira pessoa no PE e no PB ao longo do tempo:

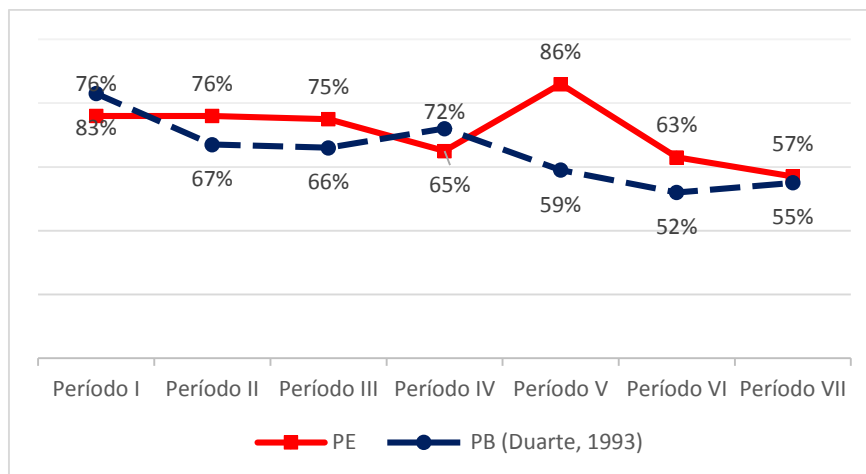


Gráfico 10. Sujeitos nulos (vs. plenos) de terceira pessoa no PE e PB ao longo do tempo

Para a terceira pessoa, é possível notar que há um certo equilíbrio entre as duas variedades, exceto no período V, em que o PE apresenta índices bem altos de sujeitos nulos. Como discutido no Capítulo 1, na terceira pessoa, a mudança se revela mais lenta por conta particularmente da combinação de traços semânticos do referente; além disso a acessibilidade do antecedente, ou seja, o padrão sentencial, ainda atua fortemente na resistência do sujeito nulo nos padrões 1 e 2. A seleção destes dois fatores como relevantes para a elevada ocorrência do sujeito nulo no PE confirma a atuação da hierarquia referencial (Cyrino, Duarte e Kato, 2000) e dos padrões sentenciais (Barbosa, Duarte e Kato, 2005).

Este capítulo apresentou a análise dos resultados obtidos para a representação do sujeito referencial no PE e procedeu a uma comparação entre os dados aqui obtidos com os dados obtidos por Duarte (1993) para o PB. Essa comparação evidencia a estabilidade do PE como língua de sujeito nulo, além de nos confirmar os contextos-chave para o favorecimento de sujeitos nulos e expressos em sistemas de sujeitos nulo consistentes. A seção a seguir apresentará as conclusões a que esta análise nos permite chegar, retomando as hipóteses levantadas no Capítulo 2.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi analisar a representação do sujeito referencial no PE, nas três pessoas do discurso, utilizando uma amostra de peças de teatro escritas ao longo dos séculos XIX e XX. Ao final da análise, tinha-se como objetivo comparar os resultados encontrados com os de Duarte (1993) para o PB, realizado com uma amostra comparável com peças escritas por autores cariocas, escritas e ambientadas no Rio de Janeiro.

A primeira hipótese levantada foi a de que, diferentemente do PB, o PE apresentaria regularidade na representação dos sujeitos nas três pessoas ao longo do tempo com preferência por sujeitos nulos, comportamento esperado de uma língua de sujeito nulo consistente (Roberts e Holmberg, 2010). Esta hipótese foi confirmada, como mostramos nos resultados da análise feita no Capítulo 4. Diferentemente do PB, que está em processo de mudança, o PE apresenta taxas altas e regulares para as três pessoas, o que pôde ser confirmado na comparação entre PB e PE conforme apresentado pelos gráficos exibidos em 4.7.

Outra hipótese levantada para este trabalho foi a de que as três pessoas do discurso apresentariam comportamento diferente. A primeira pessoa apresentaria os maiores índices de preenchimento, assim como foi atestado por Duarte (1993; e não publicado) para o PE e por Marins (2009) para o italiano. Apesar de apresentar taxa de sujeitos nulos muito semelhantes à segunda e à terceira pessoas, o papel do falante na conversa foi apontado como um dos fatores relevantes na representação do sujeito. Isto quer dizer que, no que diz respeito à primeira pessoa, se o falante está se introduzindo no diálogo, ou retomando o turno de fala para si, há maiores índices de sujeitos preenchidos, assim como atestou Marins (2009) para o italiano. Quando o falante está continuando seu turno de fala, os índices de sujeitos nulos são bem mais altos (cf. Tabela 20). Assim, confirmamos esse achado de Marins, que aponta ser o preenchimento do sujeito de primeira pessoa condicionado discursivamente e não por uma questão estrutural, gramatical.

No que diz respeito à restrição à ocorrência de sujeitos nulos no PE, os resultados diacrônicos obtidos através da análise estatística usando o programa Goldvarb X vão ao encontro dos obtidos por Duarte (não publicado) para a fala espontânea dessa variedade do português. Os fatores linguísticos selecionados mostram importantes contextos em que o sujeito expresso, embora sempre em percentuais menos expressivos, é favorecido. Como essa análise foi feita tomando o período de tempo como um dos fatores, exatamente

para verificar sua relevância, passamos a apresentar nossa análise a partir do cruzamento do tempo com os fatores linguísticos selecionados.

Os fatores que se mostraram como fortes contextos relevantes no funcionamento de sistema de sujeitos nulos do tipo românico foram a estrutura de CP, o papel do falante na conversa, o feixe de traços semânticos, o padrão sentencial e o elemento entre CP e IP. No caso da estrutura de CP, apenas as orações encabeçadas por um pronome (elemento em Spec de CP) favoreceriam o sujeito expresso (este, aliás, um contexto já apontado em análises empíricas e o que apresenta os mais altos índices de sujeitos expressos no PE oral, segundo Duarte, não publicado). No PB oral (Duarte, 1995), o preenchimento é quase categórico.

Como mencionado acima, quanto à participação do falante na conversa, foram encontrados maiores índices de sujeitos preenchidos quando o falante se introduz na conversa ou retoma o turno; quando continua sua participação, o pronome de primeira pessoa tende a ser nulo, confirmando os achados de Marins (2009) para o italiano, língua de sujeito nulo consistente.

Em relação ao feixe de traços semânticos, os resultados mostraram que a interação dos traços [+hum/+esp] foi a que apresentou os mais altos índices de sujeitos nulos, seguida da interação [+hum/-esp]. Referentes com o traço semântico [-humano] foram os que apresentaram os índices mais elevados de sujeitos nulos, confirmando a hipótese de que o PE evitaria pronomes expressos para referentes não animados. Resultado semelhante foi encontrado por Duarte, Mourão e Santos (2012) para o PB, embora nessa variedade os sujeitos expressos com o traço [-hum/+esp] já alcancem índices muito mais elevados do que no PE. Esta talvez seja a grande diferença do português: poder apresentar sujeitos expressos com o traço [-humano], o que não ocorre no italiano ou espanhol (Soares da Silva, 2011). Ainda assim, é bom reiterar: os índices de pronomes pessoais com esse traço no PE são baixíssimos.

No que diz respeito ao padrão sentencial, os resultados mostraram que quando há correferência entre o sujeito e seu antecedente, seja na mesma oração ou em orações adjacentes, os índices de sujeitos nulos são mais altos do que quando não há, embora mesmo nesses contextos, os sujeitos nulos superem os expressos. A análise estatística mostra que o fato de o antecedente estar em outra função sintática ou distante do sujeito em análise se mostra como favorecedor do sujeito expresso, sempre considerando os pesos “**em relação**” aos contextos em que o sujeito é mais acessível, mencionados antes.

Outro grupo selecionado com menor destaque foi a presença ou ausência de elementos leves entre CP e IP. Os percentuais e pesos relativos apontam que a presença de advérbios leves entre as posições estruturais apresentou os índices mais altos de preenchimento do sujeito, mas sempre com sujeitos nulos em percentuais mais expressivos. Estruturas com uma negação, um clítico, dois ou mais elementos ou sem nenhum elemento não apresentaram influência significativa na representação do sujeito, o que sugere não se tratar de uma restrição importante na realização do sujeito pronominal.

Diante destes resultados, podemos concluir que o PE se revela um exemplo de língua de sujeito nulo estável, que não parece estar em processo de mudança, como o PB, o que confirma nossa hipótese principal. Os resultados obtidos permitiram observar o funcionamento de um sistema de sujeito nulo consistente em um estudo diacrônico. Não temos uma análise diacrônica de outros sistemas de sujeitos nulos; entretanto, não ignoramos que análises sincrônicas desses sistemas revelam um contínuo, com o italiano num extremo e variedades do espanhol distribuídas ao longo desse contínuo; o PB poderia ser um exemplo de sistema que se encontraria no outro extremo do contínuo, como um sistema que já exhibe a característica de [-sujeito nulo] (cf. Marins e Soares da Silva, 2012).

A análise comparativa entre PE e PB também nos permitiu observar que nas primeiras três sincronias, que correspondem às duas do século XIX e aos anos de 1910, a gramática do PB refletia a do PE no que diz respeito à representação do sujeito referencial: havia preferência pelos sujeitos nulos em percentuais muito próximos. Assim, podemos supor que a gramática utilizada no Brasil por indivíduos letrados (e, em consequência, pelo público que assistia às peças de teatro) espelhava a gramática lusitana. É a partir do período IV, dos anos de 1930, que a gramática característica do PB começa a ser desenhada, com o aumento na preferência pelos sujeitos expressos, certamente relacionado ao quadro pronominal/flexional, afastando-se da gramática lusitana, que manteve a preferência pelos sujeitos nulos.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, P., DUARTE, M. E. L. & KATO, M. A. A Distribuição do Sujeito Nulo no Português Europeu e no Português Brasileiro. *Actas do XVI Encontro da Associação Portuguesa de Lingüística*. Lisboa, APL. 539-550.2001.
- _____, DUARTE, M. E. L. e KATO, M. A. Null subjects in European and Brazilian Portuguese, *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 4 (2), p. 11-52. 2005.
- BRAVIN DOS SANTOS. O sujeito anafórico de 3ª pessoa na fala culta carioca: um estudo em tempo real. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2006.
- BRITO, A. M., DUARTE, I. & MATOS, G. Estrutura da frase simples e tipos de frases. In: M. H. M. Mateus et alii, *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho Editorial. 489-506. 2003.
- CALABRESE, Andréa. Pronomina: some properties of the Italian pronominal system. In: N. Fukui, T. Rapoport & E. Sagey (eds) *MIT Working Papers in Linguistics*, 8. 1-46. 1986.
- CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris. 1981.
- CYRINO, Sonia. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I e KATO, M. A. (Eds.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. Da UNICAMP. 163-184. 1993.
- _____, DUARTE, M. E. L. & KATO, M. A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A. & NEGRÃO, E. V. (Ed.) *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Madri: Iberoamericana; Frankfurt am Main: Verveurt. 55-73. 2000.
- DUARTE, Ines. *A construção de topicalização na gramática do português: regência, ligação e condições sobre movimento*. Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa. 1987.
- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: Roberts & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 107-128. 1993.
- _____. A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro. Tese de Doutorado. Campinas: IEL/Unicamp, 1995.
- _____. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, M. C de, DUARTE, M. E. L. (orgs.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 115-128, 2003.
- _____. Sujeitos de referência definida e arbitrária: aspectos conservadores e inovadores na escrita padrão. In: *Revista Lingüística – Revista do Programa de Pós-graduação em Lingüística – Vol. 3, no. 1, UFRJ*. 89-115. 2007.
- _____. O sujeito em peças de teatro (1833-1992): Estudos diacrônicos. São Paulo, Parábola Ed, 2012.

- _____, MOURÃO, G. C. & SANTOS, H. M. Os sujeitos de 3ª pessoa: revisitando Duarte 1993. In DUARTE, M. E. L. (Org.) *Os sujeitos em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola Editorial. 21-44. 2012.
- _____. O avanço no estudo da mudança sintática associando a teoria da variação e mudança e a teoria de Princípios e Parâmetros. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos (57.1)*. Campinas, Jan/Jun, 2015.
- _____. A expressão do sujeito pronominal no português europeu oral. Não publicado.
- GUY, G. & ZILLES, A. M. S. *Sociolinguística Quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.
- HALLIDAY, M. A. K. e HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1979.
- HUANG, C. T. James. On the distribution and reference of the empty categories. *Linguistic Inquiry*, 15. 531-574. 1984.
- JAEGGLI, O. *Topics in Romance Syntax*, Foris Publications, Dordrecht, 1982.
- _____ & SAFIR, Kenneth, J. The Null Subject Parameter and Parametric Theory. In: O. Jaeggli & K. J. Safir (eds.) *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer. 1-44. 1989.
- KROCH, Anthony. Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. *Language Variation and Change*, 1, 3: 199-244. 1989.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- LIRA, Solange de A. *Nominal, Pronominal and Zero Subject in Brazilian Portuguese*. Tese de doutorado, University of Pennsylvania, 1982.
- LOBO, M. Sintaxe e Semântica – fenômenos de omissão e elipse. In: Raposo, E. P. et alii (Orgs.) *Gramática do Português*, vol. II. Coimbra: Fundação C. Gulbenkian. 2309-2335. 2013.
- LOPES, Célia Regina dos Santos. A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português. Frankfurt amMain/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, v.18. p.174. 2003.
- _____, CAVALCANTE, S. R. de O. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *Revista Linguística*, Santiago de Chile, v. 25, p. 30-65, jun. 2011.
- MARINS, J. *O Parâmetro do Sujeito Nulo: uma análise contrastiva entre o português e o italiano*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- _____ e Soares da Silva: A representação do sujeito pronominal no grupo românico: espanhol e italiano em contraste com o português. *Caligrama – Revista de estudos Românicos*, v. 17, n.2, 91-114. 2012.
- MOLLICA, M. Cecília & BRAGA, M. Luíza. *Introdução à Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2003.
- NASCIMENTO et alii. *Português Fundamental: volume segundo. Métodos e documentos: tomo primeiro. Inquérito de frequência*. Instituto Nacional de Investigação Científica – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1987.

- PAGOTTO, Emílio G. Norma e condescendência; ciência e pureza. In: *Línguas e instrumentos linguísticos*, Campinas, vol. 2, p. 49-68, 1998.
- PAREDES SILVA, Vera L. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Tese de doutorado, UFRJ, 1988.
- PAULA, Mayara N. de. *A ordem VS-SV em interrogativas-Q em peças portuguesas*. Tese de doutorado, UFRJ, em preparação.
- PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Ed. Pontes, 1987.
- ROBERTS, Ian. *Verbs and Diachronic Syntax*. Dordrecht: Kluwer. 1993a.
- ROBERTS, Ian. O português brasileiro no contexto das línguas românicas. In I. Roberts & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 409-421. 1993b.
- ROBERTS, I.; HOLMBERG, A. Introduction: parameters in Minimalist theory. In T. BIBERAUER et al. (eds) *Parametric Variation: null subjects in Minimalist theory*. Cambridge: Cambridge University Press. 1-57, 2010.
- SANKOFF, David, Sali A. Tagliamonte, and Eric Smith. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.
- SOARES DA SILVA, H. *Evidências da mudança paramétrica em dados da língua-E: o sujeito pronominal no português e no espanhol*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.
- TAGLIAMONTE, Sali. *Analysing Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- TARALLO, Fernando. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de doutorado, University of Pennsylvania, 1983.
- _____. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. In: I. ROBERTS, I. e M. A. KATO (Orgs). p. 69-105. 1993.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William & HERZOG, Marvin. Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística. (Tradução de Marcos Bagno do original: Empirical foundations for a theory of language change. In: W. Lehman & Y. Malkiel (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 97-195.) São Paulo: Parábola Editorial. (2006 [1968]).